

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA

João Victor Bergamo de Siqueira

**MÚSICA, MANGUES E GEOGRAFIA: AS PAISAGENS PRESENTES NO
ROMANCE HOMENS E CARANGUEJOS E NO ÁLBUM DA LAMA AO
CAOS**

Santa Maria, RS
2023

João Victor Bergamo de Siqueira

**MÚSICA, MANGUES E GEOGRAFIA: AS PAISAGENS PRESENTES NO
ROMANCE HOMENS E CARANGUEJOS E NO ÁLBUM DA LAMA AO
CAOS**

Monografia de Conclusão de Curso apresentada ao
Curso de Geografia Licenciatura Plena, da
Universidade Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para a obtenção do
Grau de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof.^a Dr.^a Cleder Fontana

Santa Maria, RS
2023

SIQUEIRA, J. V.

Música, Mangues e Geografia: as paisagens presentes no romance Homens e caranguejos e no álbum Da Lama ao Caos / João Victor Bergamo de Siqueira. – 2023.

109 f.; 30 cm

Orientador: Cleder Fontana

Trabalho de Graduação (Geografia Licenciatura Plena) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Naturais e Exatas, Departamento de Geociências, Curso de Geografia – Licenciatura Plena, RS, 2023.

1. Paisagens 2. Josué de Castro 3. Chico Science 4. Geografia e Música.

I. Fontana, Cleder.

Declaro, João Victor Bergamo de Siqueira, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Graduação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias, objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.



Atribuição-NãoComercial 3.0
Brasil (CC BY-NC 3.0 BR)

João Victor Bergamo de Siqueira

**MÚSICA, MANGUES E GEOGRAFIA: AS PAISAGENS PRESENTES NO
ROMANCE HOMENS E CARANGUEJOS E NO ÁLBUM DA LAMA AO
CAOS**

Monografia de Conclusão apresentada ao Curso de Geografia Licenciatura, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de Grau em Geografia.

Aprovada em 04 de dezembro de 2023:

Cleder Fontana, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)

Natália Lampert Batista, Dr^a (UFSM)

Eduardo Schiavone Cardoso, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS
2023

AGRADECIMENTOS

Aos que me leem, escrevo em agradecimento, mesmo esse pequeno texto não ser tão qualificado para expressar todos os sentimentos que me abraçam.

Agradeço a minha Mãe, rainha da minha vida, mulher guerreira, forte, linda, amorosa, de vez em quando um tanto perturbada, que vive na filosofia do “foda-se”, “sou quem sou e serei assim pra sempre”. Sempre me respeitou e me enxergou nas minhas singularidades e me incentivou nos meus sonhos. Faz tanto tempo, a ponto de nunca ser o suficiente para matar a saudade, mas logo estou voltando para casa, para a minha saudade.

Ao meu Pai, que se metamorfoseou em um novo homem, pelo amor aos filhos, ao que foi e ao que fica. Me ensinou valores, responsabilidades, a ter força de vontade, a fazer uma comida muito gostosa, me ensinou também, mesmo que indiretamente, a ser quem eu sou, independente de serei aceito ou não. Sempre protegeu sua família com todas as garras a ponto de dilacerar o próprio coração para protege-la. Agradeço por me aceitar e por torcer pelas minhas conquistas.

Ao meu falecido Irmão, que se entregou a morte em meu lugar; que me acompanha e me protege. A sua falta me completa. A minha recuperação não seria fácil se você não estivesse nos meus pensamentos e no meu coração, me aquecendo nas noites frias, me segurando nos dias de agonia e me consolando nas minhas covardias.

A todas (os) as educadoras, colegas de profissão, que passaram pela minha vida, em épocas e contextos diferentes, mas que complementaram a minha formação como educador, e principalmente como educador popular.

Às minhas queridas amigas, que me apoiaram e estiverem durante todo a minha trajetória nesses últimos 4 anos, dentro e fora da universidade, nas crises e nas prosas, à quem dedico este parágrafo, não há necessidade de citar todas as pessoas, pois “os de verdade a gente sabe quem são”.

Uma viagem ao centro da lama
vou fazendo um panorama
que este grande inferno vai acabar
Quando o inverno nos deixar chover
Quando o sol chegar e eu também amanhecer

(CHICO SCIENCE – acervo, os cadernos #fls)

RESUMO

MÚSICA, MANGUES E GEOGRAFIA: AS PAISAGENS PRESENTES NO ROMANCE HOMENS E CARANGUEJOS E NO ÁLBUM DA LAMA AO CAOS

Autor: João Victor Bergamo de Siqueira

Orientador: Cleder Fontana

O trabalho aborda a relação entre Geografia e Música, destacando a influência de Josué de Castro nas representações artísticas de Chico Science e do movimento mangubeat. Inicialmente, destaca-se a importância de estudos que conectam esses temas no Brasil, exemplificados por pesquisas como as de Mello (1991) e Panitz (2010). O presente trabalho se busca evidenciar uma geografia cultural, social, humana e alimentar, presente nas obras de Josué de Castro, na influência do compositor Chico Science e Nação Zumbi, na gênese no movimento mangubeat e na cena cultural do Recife, utilizando as manifestações artísticas e culturais como instrumento de revelação das paisagens físicas, sociais e culturais., que nos possibilita o entendimento das paisagens da cidade do Recife e das condições dos sujeitos sociais no espaço geográfico. Utilizando materiais como o livro *Homens e caranguejos* de Josué de Castro e o álbum *Da lama ao caos* de Chico Science e Nação Zumbi, o trabalho explora como a música pode revelar e reproduzir aspectos geográficos, sociais e culturais. A pesquisa parte da premissa de que as obras de arte, neste caso, um romance e um disco musical, possuem mensagens simbólicas e sutis sobre o espaço geográfico e social. A metodologia empregada é a Análise de Conteúdo de Bardin (1977), permitindo a codificação e categorização das mensagens presentes nos materiais, identificando padrões e temas recorrentes. Os três capítulos do trabalho dividem-se em: explorar a representação geográfica na música, a importância dos rios e manguezais para a cidade do Recife, as influências de Josué de Castro e a formação do movimento mangubeat, a partir da análise minuciosa das músicas do álbum *Da lama ao caos* em relação às paisagens físicas, culturais e sociais. A investigação busca revelar e estabelecer conexões entre a geografia, a música e a literatura, identificando como as representações artísticas podem revelar as paisagens e realidades geográficas, sociais e humanas. É uma tentativa de compreender o impacto dessas manifestações culturais na revelação e na construção da identidade da cidade do Recife, particularmente no contexto do movimento mangubeat.

Palavras-chave: Paisagens. Josué de Castro. Chico Science. Música e Geografia.

ABSTRACT

MUSIC, MANGROVES, AND GEOGRAPHY: THE LANDSCAPES PRESENT IN THE NOVEL HOMENS E CARANGUEJOS AND IN THE ALBUM DA LAMA AO CAOS.

Author: João Victor Bergamo de Siqueira

Advisor: Cleder Fontana

The work addresses the relationship between Geography and Music, highlighting the influence of Josué de Castro on the artistic representations of Chico Science and the mangubeat movement. Initially, the importance of studies connecting these themes in Brazil is emphasized, exemplified by research such as that of Mello (1991) and Panitz (2010). This paper seeks to highlight a cultural, social, human, and alimentary geography present in the works of Josué de Castro, the influence of composer Chico Science and Nação Zumbi, the genesis of the mangubeat movement, and the cultural scene of Recife. It utilizes artistic and cultural expressions as instruments to reveal physical, social, and cultural landscapes, allowing for an understanding of the landscapes of the city of Recife and the conditions of social subjects in the geographical space. Using materials such as Josué de Castro's book *Homens e Caranguejos* and Chico Science and Nação Zumbi's album *Da lama ao caos*, the work explores how music can unveil and reproduce geographical, social, and cultural aspects. The research is based on the premise that works of art, in this case, a novel and a musical album, convey symbolic and subtle messages about geographical and social space. The methodology employed is Bardin's (1977) Content Analysis, allowing for the coding and categorization of messages present in the materials, identifying patterns and recurring themes. The three chapters of the work are divided into exploring the geographical representation in music, the importance of rivers and mangroves for the city of Recife, the influences of Josué de Castro, and the formation of the mangubeat movement. This is achieved through a meticulous analysis of the songs on the album "Da lama ao caos" in relation to physical, cultural, and social landscapes. The investigation aims to reveal and establish connections between geography, music, and literature, identifying how artistic representations can unveil geographical, social, and human landscapes and realities. It is an attempt to understand the impact of these cultural expressions on the revelation and construction of the identity of the city of Recife, particularly in the context of the mangubeat movement.

Keywords: Landsapes. Josué de Castro. Chico Science. Music and Geography.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
1. A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NA MÚSICA BRASILEIRA	17
1.1. A MÚSICA COMO EXPRESSÃO DE FENÔMENOS GEOGRÁFICOS	19
1.2. A CONCEPÇÃO GEOGRÁFICA DA PAISAGEM NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA: CONCEITO E POSSIBILIDADES	22
1.3. COMO A PAISAGEM SE REVELA NAS MÚSICAS DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI: POSSIBILIDADES E CONEXÕES	25
1.4. RECIFE E SUAS PAISAGENS: DOS MOCAMBOS AOS ARRANHA-CÉUS	31
1.5. O MANGUE: O CONCEITO	33
2. VALORES DA PAISAGEM: OS SIGNIFICADOS DOS RIOS E MANGUEZAIS DA CIDADE DO RECIFE	39
2.1. QUEM FOI JOSUÉ DE CASTRO?	41
2.2. CIDADE, MANGUE, HOMENS E CARANGUEJOS	43
2.3. OS RIOS E OS MANGUES DO RECIFE NO ROMANCE <i>HOMENS E CARANGUEJOS</i> DE JOSUÉ DE CASTRO	52
2.4. REVELAÇÕES DAS OBRAS DE JOSUÉ DE CASTRO NAS COMPOSIÇÕES DE CHICO SCIENCE	55
3. O MOVIMENTO MANGUEBEAT: DO MANGUE, DE JOSUÉ DE CASTRO, DE CHICO SCIENCE E DO MUNDO	59
3.1. MANIFESTOS MANGUEBEAT	65
3.2. O MANGUE EM MOVIMENTO: O CASO DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI	69
3.3. AS INFLUÊNCIAS DE JOSUÉ DE CASTRO NO MOVIMENTO MANGUEBEAT	72
3.4. ANÁLISE DAS PAISAGENS NAS LETRAS DO ALBÚM <i>DA LAMA AO CAOS</i>	76
3.4.1. Monologo ao Pé do Ouvido	78
3.4.2. Banditismo Por Uma Questão de Classe	79
3.4.3. Rios, Pontes E Overdrives	80
3.4.4. A Cidade	82
3.4.5. A Praieira	84
3.4.6. Samba Makossa	86
3.4.7. Da Lama ao Caos	86
3.4.8. Maracatu de Tiro Certoiro	89
3.4.9. Salustiano Song	90
3.4.10. Antene-se	90
3.4.11. Risoflora	93
3.4.12. Lixo do Mangue	94
3.4.13. Computadores Fazem Arte	94
3.4.14. Côco Dub (afrociberdelia)	94

.....	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100
ANEXO A – LETRAS ANÁLISADAS	104

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

As ciências humanas vêm se dedicando a estudar a relação entre a música e a sociedade a um tempo, entretanto a dialética que permeia a relação entre Geografia e Música é um tema pouco explorado dentro da própria disciplina geográfica, no entanto, há alguns trabalhos significativos nessa perspectiva.

Um dos pioneiros dos estudos que envolvem a música e a geografia no Brasil foi Mello (1991) que defende em sua dissertação de mestrado intitulado como “O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira” a importância dos estudos envolvendo Geografia e Música no Brasil. Alguns outros trabalhos mais recentes abordam esse mesmo tema, como a dissertação de mestrado “Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina” de Panitz (2010).

O presente trabalho se busca evidenciar uma geografia cultural, social, humana e alimentar, presente nas obras de Josué de Castro, na influência do compositor Chico Science e Nação Zumbi, na gênese no movimento manguebeat e na cena cultural do Recife, utilizando as manifestações artísticas e culturais como instrumento de revelação das paisagens físicas, sociais e culturais., que nos possibilita o entendimento das paisagens da cidade do Recife e das condições dos sujeitos sociais no espaço geográfico. Segundo Cosgrove (1998, p. 92): “[...] a paisagem é uma associação de formas resultante da expressão de várias manifestações culturais existentes na cidade ao longo do tempo, determinada e determinante da consciência e das práticas humanas”. Para abordar essas questões serão utilizados como objetos de estudos, e vão compor o nosso *corpus* da pesquisa, principalmente dois materiais de manifestação cultural associado ao mundo das artes, que são:

- O livro *Homens e caranguejos*, do médico e geógrafo Josué de Castro e
- O disco *Da lama ao caos*, do cantor e compositor Chico Science e da banda Nação Zumbi.

De todo modo, considerando que uma produção intelectual sempre está inserida em um conjunto maior da produção intelectual, de modo secundário e/ou complementar, o trabalho abordará outros materiais para estudo sejam livros, discos, entrevistas de Josué de Castro e de Chico Science. Outros artistas que a partir da música revelam, de modo muito aprofundado e sutil, as paisagens do espaço geográfico, foram inspiração para este trabalho como Bezerra da Silva, Lia de Itamaracá, Itamar Assumpção, Chico Buarque, Elza Soares, Marinho da Vila, Mercedes Sosa, Milton Nascimento, Fernanda Abreu, Antônio Nobrega, Caetano Veloso, Ivan Lins, Joyce Moreno, Marlui Miranda, Faces do Subúrbio, Racionais Mc's, entre outros que

também trazem em suas composições a representação espacial, em suas características físicas, sociais e culturais em seus diferentes contextos.

A geografia social, humana e alimentar presente nas obras de Josué de Castro, que tinha os rios, os mangues e a cidade como paisagens de seus estudos, teve uma grande influência para a gênese do movimento mangubeat com o Chico Science e a Nação Zumbi, no resgate da cena cultural recifense, no combate à desigualdade social exercida pela classe dominante, a partir da música que nos revela e reproduz o espaço, tendo como lente as paisagens geográficas.

Há então neste trabalho uma tentativa de relacionar esses materiais com a geografia, com o objetivo de evidenciar uma geografia cultural, social, humana e alimentar, presente nas obras de Josué de Castro, na influência do compositor Chico Science e Nação Zumbi, na gênese no movimento mangubeat e na cena cultural do Recife, utilizando as manifestações artísticas e culturais como instrumento de revelação das paisagens.

Os materiais objetos de estudos deste trabalho são de origem ficcional, são manifestações artísticas (o primeiro um romance e, o segundo, um disco musical). As obras literárias, que abarcam um olhar sensível do espaço, considerando as experiências de quem o descreve, são reveladoras das relações e das condições humanas: características físicas, humanas, culturais e históricas de diferentes lugares, regiões, grupos sociais, culturais e econômicos, dentro de determinada sociedade e de certo período, conformam ambos os domínios, dessa maneira podemos reconhecer as obras literárias como fontes de documentos de investigação para a Geografia, uma vez que as características do espaço geográfico, captadas pelo escritor, não emergem simplesmente como matérias inanimadas de cenários estáticos, mas vivificam, e são vivificadas, mediante a memória e a visibilidade de experiências, de percepções e de imagens (Lima, 2000).

Claval (1999) diz que o romance se torna um documento, algumas vezes; que a intuição sutil dos romancistas nos ajuda a perceber regiões pelos olhos e pelas emoções dos personagens, bem como a partir das experiências dos artistas e do espaço vivido.

A música caminha nesse mesmo sentido, além de ser uma forma artística poderosa, é um documento que registra a realidade e as relações entre o ser humano e a natureza em diferentes contextos históricos e sociais, “[...] porque o mundo interior do artista não pode ser uma paisagem inanimada; será sempre uma paisagem humana, em marcha, em contínua transformação, tendendo a algo a cada momento, eternamente vindo a ser...” (CASTRO, 1957, p. 63).

Nesse sentido, a mensagem do conteúdo que os mesmos apresentam se revelam ou, podem se revelar, de modo sutil e simbólico, por meio de metáforas e, até, por meio de performance

teatral, como os gestos e expressões de Chico Science no palco e nos vídeos. O próprio encarte do Cd *Da lama ao caos* é revelador de conteúdo. O mesmo apresenta uma sequência de “desenhos”, neste trabalho, entendidos como paisagens, que revelam um conteúdo geográfico. Assim, nesta pesquisa, o romance e as letras de músicas são entendidas como um trabalho de profunda crítica social. Diga-se de passagem, em forma de arte, de música, por ser tão profunda, quanto sutil é que muitas letras de músicas, por exemplo, passaram pela censura militar, apesar do seu conteúdo.

Para o trabalho foi feita uma revisão das obras *Homens e caranguejos* e *Documentário do nordeste* de Josué de Castro e das linguagens, orais, simbólicas e artísticas do álbum *Da lama ao Caos* e das metáforas descritas nas músicas, a partir de suas relações, afim de revelar as paisagens do cotidiano do Recife a partir de um imaginário geográfico e identitário destas manifestações. Isso posto, a investigação desse conteúdo exige uma forma específica de análise afim de estabelecer um diálogo entre o espaço geográfico que se revela nas composições de Chico Science com a geografia e a música.

Visto isso, utilizamos a metodologia de Análise de Conteúdo, desenvolvida por Laurence Bardin, que é uma metodologia de pesquisa amplamente utilizada para analisar o conteúdo de materiais textuais e/ou visuais de forma sistemática e objetiva. Essa técnica visa extrair informações relevantes e inferir conhecimentos sobre as condições de produção e recepção das mensagens presentes no material analisado.

Bardin (1977) diz que a análise de conteúdo se desenvolve em três passos principais: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Na pré-análise, nesta fase inicial, ocorre a preparação e organização dos materiais a serem analisados. Consiste na definição dos objetivos da análise, na seleção do material apropriado e na formulação de hipóteses iniciais. Também envolve a criação de categorias e critérios que guiarão a análise.

Segundo Bardin (1977, p. 95) a pré-análise possui três missões: a escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos da pesquisa e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final.

Estes três factores, não se sucedem, obrigatoriamente, segundo uma ordem cronológica, embora se mantenham estreitamente ligados uns aos outros: a escolha de documentos depende dos objectivos ou inversamente o objetivo se é possível em função 'dos documentos disponíveis; os indicadores serão construídos em função das hipóteses, ou, pelo contrário, as hipóteses serão criadas na presença de certos índices. A pré-análise tem por objetivo a organização, embora ela própria seja composta por actividades não estruturadas, “abertas”, por oposição à exploração sistemática dos documentos. (BARDIN, 1977, p. 96)

A exploração do material consiste em analisar os materiais previamente definidos para compor o *corpus* da pesquisa. Esses documentos são analisados detalhadamente de acordo com as categorias previamente definidas. Para a análise do álbum *Da Lama ao Caos* (CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI, 1994) foram definidas as seguintes categorias para a análise do corpus da pesquisa: *paisagens físicas*, *paisagens sociais*, *paisagens culturais* e *Josué de Castro*.

A categoria de *paisagens físicas* na presente pesquisa são consideradas a partir do conceito de paisagens naturais, “A paisagem natural refere-se aos elementos combinados de geologia, geomorfologia, vegetação, rios e lagos [...]” (SILVEIRA, 2009), considerando também elementos imóveis, concretos e estáticos presentes em uma paisagem cultural ou antrópica, crucial para conduzir trabalhos que visem registrar e representar fragmentos específicos do espaço geográfico.

A categoria de *paisagens culturais* se configura como resultado da intervenção humana e incorpora elementos tanto naturais quanto culturais, sendo estes últimos criados ou transformados pela ação humana.

Em uma abordagem adicional, conforme a perspectiva de Paul Claval (1999, p. 296), os espaços humanizados incorporam diversas lógicas, sendo em parte funcionais e em parte simbólicos. A cultura deixa sua marca nesses espaços por meio das tecnologias empregadas na exploração da terra ou na construção de infraestruturas e habitações. Além disso, ela molda esses espaços por meio das preferências e valores que estruturam as sociedades e influenciam a vida social. Claval destaca a responsabilidade humana na transformação da paisagem, enfatizando que a paisagem é humanizada não apenas pela ação física, mas também pelo modo de pensar, sendo concebida como uma representação cultural.

A categoria de *paisagem social* se configura como a “caracterização de pessoas, da estrutura organizacional social e das relações sociais na terra” (FIELD et al., 2003. Apud BUCKINGHAM et al, p. 11, 2018). Compreender a dinâmica da paisagem social, ou seja, como as pessoas se organizam no espaço, é crucial para a gestão efetiva da paisagem. As paisagens sociais desempenham um papel fundamental ao oferecer respostas a questionamentos sobre como as pessoas tomam decisões relacionadas à paisagem e quem exerce influência sobre essas decisões. Esse entendimento é essencial para orientar uma gestão mais informada e sensível às dinâmicas sociais que moldam a configuração do ambiente (BUCKINGHAM et al, 2018)

Josué de Castro é considerado uma categoria de análise no presente estudo pois o mesmo se revela de maneira direta e indireta nas composições de Chico, seja pelo chamado de seu nome em suas letras ou sobre o conteúdo que se relaciona diretamente com os seus estudos.

As mensagens contidas no material são descritas, codificadas e categorizadas. Bardin (1977, p. 117) diz que:

As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos. A análise é conduzida de maneira sistemática, identificando padrões, temas recorrentes e relações relevantes dentro do conteúdo.

No decorrer desses passos, chega-se a inferência e a interpretação, que é a busca de criar conexões entre o objetivo da pesquisa com o conteúdo que foi coletado do material de análise.

Na última etapa, inferência é feita, utilizando os dados e as categorias para extrair conclusões e inferir conhecimentos sobre o objeto de estudo. Finalmente, ocorre a interpretação, onde são elaboradas conclusões mais abrangentes e contextualizadas, relacionando os resultados com os objetivos da pesquisa.

Para a análise então foi necessário reunir previamente todo material artístico produzido por Chico e Nação Zumbi que poderiam ser utilizados no trabalho, matérias estes como: letras de músicas, vídeos de shows ao vivo, escritos, encartes de CD's, entrevistas, documentos, imagens, em busca de espremer o suco da geografia de Josué de Castro presente em suas produções e manifestações artísticas e culturais e interpreta-las.

A pesquisa se divide em três capítulos. O primeiro capítulo aborda a representação do espaço geográfico por meio da música, na descrição das paisagens físicas, humanas e culturais dos lugares. Também destaca a música popular brasileira como um reflexo de fenômenos sociais e geográficos, abordando temas como fome, violência urbana e desigualdades sociais. Além disso, explora como a música de Chico Science e Nação Zumbi representa as paisagens do Recife, especialmente os rios e manguezais, e discute a influência dessas paisagens na formação e configuração da cidade. O mangue é destacado como um ecossistema crucial para a cidade, não apenas em termos físicos, mas também culturais.

O segundo capítulo aborda a importância dos rios e manguezais na cidade do Recife, destacando a disputa histórica entre esses ecossistemas e a classe dominante. Os rios e manguezais possuem significados variados para diferentes grupos sociais, sendo fonte de subsistência para moradores ribeirinhos de baixa renda e objeto de apreciação estética para outros. É também destacado a influência das obras e estudos de Josué de Castro, um renomado cientista e ativista, nas músicas de Chico Science e Nação Zumbi, relacionando as paisagens naturais com a luta contra as desigualdades sociais. O mangue é retratado como um elemento crucial, sendo tanto provedor quanto tomador, afetando as comunidades que dependem dele e

ressaltando a importância da relação homem-natureza na construção da identidade da cidade do Recife.

O terceiro capítulo aborda o surgimento do movimento Manguebeat em seu contexto social, cultural e histórico, destacando as influências de Josué de Castro em seu conteúdo e ideologia. Foi feita uma análise do manifesto manguebeat afim de entender as ideologias e conceitos que nortearam a cena cultural e social do movimento. Por fim foi feita uma análise sistemática de todas as faixas musicas do álbum *Da Lama ao Caos*, de Chico Science e Nação Zumbi afim de revelar as paisagens físicas, culturais e sociais contidas em seu conteúdo e a relação com o Josué de Castro, de maneira objetiva e subjetiva.

1. A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO NA MÚSICA BRASILEIRA

A representação do espaço geográfico na música brasileira é uma temática profundamente envolvente e rica em reflexões. A musicalidade, enquanto forma artística, desempenha um papel importante ao descrever e interpretar os aspectos do ambiente que nos rodeia, ou seja, do espaço geográfico, que Santos (2008, p. 46) define como:

[...] algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente.

Os escritos das letras musicais e/ou as manifestações artísticas captam, muitas vezes, a essência do cotidiano, os olhares dos compositores sobre o mundo, suas vivências e as interpretações que atribuem aos lugares, revelando em sentidos e imagens simbólicas, sutis ou profundas, paisagens, regiões, lugares e territórios, retratadas na sua essência cultural pelas mais refinadas letras. Uma poesia do sujeito em seu lugar afetivo embebecido de lembranças. E, nesse processo, acabam por ressignificar contextos espaciais, criando, reforçando ou revelando uma identidade territorial e espacial única para cada região.

Não existe uma sociedade em que não haja música. A música está presente no cotidiano das pessoas, mesmo que servindo apenas como “trilha sonora” para atividades como o trabalho, as compras no supermercado, atividades esportivas, de lazer, cerimônias, rituais religiosos, etc. Ou seja, a música é capaz de transmitir “imagens” de um lugar, podendo servir como fonte primária para entender o caráter e a identidade dos lugares. (CASTRO, 2009, p.13)

Tomemos como exemplo a canção *Aquarela Brasileira*, lançada em 1975 por Martinho da Vila, que ilustra de maneira viva a potencialidade da música em retratar características físicas, históricas, culturais e sociais. O compositor nos transporta por um passeio pelas diferentes regiões do Brasil, desde o Amazonas até a Bahia, do Ceará a São Paulo, pintando um quadro vibrante das diversas paisagens e peculiaridades de cada lugar, como podemos notar:

Passeando pelas cercanias do Amazonas/ Conheci vastos seringais/ No Pará, a ilha de Marajó/ E a velha cabana do Timbó/ Caminhando ainda um pouco mais/ Deparei com lindos coqueirais/ Estava no Ceará, terra de Irapuã/ De Iracema e Tupã/ Fiquei radiante de alegria/ Quando cheguei na Bahia/ Bahia de Castro Alves, do acarajé/ Das noites de magia, do Candomblé/ Depois de atravessar as matas do Ipu/ Assisti em Pernambuco/ A festa do frevo e do maracatu/ Brasília tem o seu destaque/ Na arte, na beleza, arquitetura/ Feitiço de garoa pela serra/ São Paulo engrandece a nossa terra/ Do leste, por todo o Centro-Oeste/ Tudo é belo e tem lindo matiz/ E o Rio dos sambas e batucadas/ Dos malandros e mulatas/ De requebros febris/ Brasil, estas nossas verdes matas/ Cachoeiras e cascatas de colorido sutil/ E este lindo céu azul de anil/ Emolduram, aquarelam meu Brasil. (VILA, 1975)

É notável, no entanto, que a região Sul do Brasil não é mencionada na canção. Isso pode sugerir um desinteresse histórico ou uma menor relevância atribuída à região durante o período da colonização.

Explorando mais a fundo a composição de Martinho da Vila, somos capazes de vislumbrar uma paisagem imaginária desses locais e, além disso, atribuir significados históricos, sociais e culturais. Por exemplo, a referência aos vastos seringais nos remete ao Ciclo da Borracha na região Amazônica, enquanto a menção ao Rio revela o fervor do carnaval carioca.

A composição *Viagem Maravilhosa*, lançada em 2001 por Antônio Nobrega, nos transporta por uma narrativa que revela as características físicas, históricas, culturais e sociais do Brasil, a partir de uma jornada pelos territórios brasileiros. O compositor descreve um Brasil que existia antes da chegada dos colonizadores, ressaltando sua ligação com a Atlântida, Pangeia e outras eras geológicas. Ele retrata um Brasil que já foi mar, um sertão e uma ilha, incorporando diferentes denominações e nuances históricas.

Fiz um almoço/ Lá no 'buraco da jia'/Começou ao meio-dia/ Terminou pela manhã/
Cuscuz com fava/ Bode assado, dobradinha/ Macaxeira com farinha/ Codorniz e
ribaça. Bolo de milho/ Marisco no vinagrete/ Feijoada com croquete/ Quitute e baião-
de-dois.

Comi de tudo/ Sem pressa, sem me cansar,Só para me preparar/ Para o que vinha
depois.../ Arroz-de-polvo/ Risoto de camarão/ Maionese e macarrão/ Salpicão, frutos
do mar/ Feijão-macassa/ Galinha de cabidela/ E um bife de panela/ Bem leve, pra
descansar.

Um ensopado/ De carne com batatinha/ Feijão-verda e farofinha/ Sanduiche de peru/
Pra terminar/ Um conhaque, um cafezinho/ Mais um cálice de vinho/ E três de pitu.
(NÓBREGA, 2001)

No trecho em evidência, Nóbrega também destaca uma identidade alimentar única da região do Nordeste. Através de um monólogo no meio da canção, ele menciona pratos típicos da região, pintando um quadro da riqueza e diversidade culinária característica desse lugar. O detalhamento exuberante da refeição, desde o cuscuz com fava até os frutos do mar, ressalta a fartura e a variedade de alimentos que constituem parte integrante da identidade cultural nordestina.

Essa riqueza culinária se destaca como uma expressão contracultural, desafiando a visão estereotipada de um Nordeste faminto e carente de alimentos. Afim de me aprofundar sobre a paisagem alimentar da região nordeste que se revela na música do Antônio Nóbrega com uma paisagem que se revela a partir de pesquisas institucionais sobre a condição alimentar no Brasil, ressalto dados de que segundo a Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios – PNAD do

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas – IBGE (2004), a população nordestina em 2004 aproximadamente 59% da população residente vivia a insegurança alimentar, atualmente, segundo o Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da Covid-19 no Brasil - II VIGISAN (REDE PENSSAN, 2022), 68,1% da população da região nordeste vive em insegurança alimentar.

A menção a quantidade e variedade de alimentos típicos Nordestinos da letra e a realidade da insegurança alimentar dessa região, vão de encontro com as reflexões de Castro (1957b) sobre a questão da fome, que enfatiza a importância de considerar não apenas a produção, mas também a distribuição equitativa dos alimentos, lançando luz sobre questões sociais e políticas relacionadas à segurança alimentar.

Castro (1957b, p. 100) afirma:

Que a região amazônica seja uma região de fome justifica-se até certo ponto, pela luta desigual entre o homem desarmado e as forças extremamente agressivas do meio geográfico pobre em recursos alimentares. A fome na Amazônia decorre principalmente da pobreza natural da floresta equatorial em alimentos. Já no Nordeste o fenômeno é chocante porque não se pode explicá-lo à base de razões naturais. As condições tanto do solo quanto do clima regionais, sempre foram as mais propícias ao cultivo certo e rendoso de uma infinidade de produtos alimentares.

Assim, a composição de Antônio Nobrega transcende uma simples narrativa, oferecendo *insights* profundos sobre a história, cultura e alimentação brasileira, enquanto desafia percepções comuns e promove uma reflexão crítica sobre questões sociais relevantes.

Na música popular brasileira, as representações do espaço geográfico nas composições são frequentemente críticas às desigualdades sociais, refletindo paisagens do cotidiano, da cidade, da favela, do interior, da natureza e das lutas sociais. Elas não apenas retratam a cultura e a realidade da população marginalizada, mas também denunciam as desigualdades e a opressão enfrentadas pela população brasileira ao longo da história, desde os tempos da colonização.

1.1. A MÚSICA COMO EXPRESSÃO DE FENÔMENOS GEOGRÁFICOS

No contexto brasileiro, observa-se a realização de poucas, porém significativas, pesquisas na interseção entre a geografia e a música, como os trabalhos de Mello (1991) e Panitz (2010), abordados nas considerações inicialmente. Estas investigações evidenciam uma diversidade de abordagens, empregando a música em estudos de natureza humanista e em perspectivas culturais inovadoras, bem como em análises de cunho econômico-social, ou ainda como instrumento pedagógico. Em termos conceituais, há também uma variedade de enfoques,

alternando entre a ênfase na paisagem, no espaço geográfico, na região ou no território. (PANITZ, 2012)

Sendo assim, a diversidade de interesses apresentada pela geografia brasileira, e a indiscutível riqueza musical do país, fazem deste campo de estudo um lugar fecundo para explorar o espaço geográfico em suas mais diversas abordagens e já tem oferecido, sem dúvidas, novos olhares para as relações entre espaço e cultura (PANITZ, 2010, p. 73)

Dentro do contexto da música popular brasileira, é possível identificar representações de fenômenos sociais e geográficos que refletem a realidade do país. Fenômenos como fome, seca, violência urbana, racismo e escravidão são abordados por artistas diversos, como Bezerra da Silva. Este renomado compositor, por meio do samba, retrata em suas canções os problemas sociais das favelas cariocas e da população marginalizada, fortalecendo a cultura periférica através das letras de suas músicas. Como ressalta em sua composição *Eu sou favela*:

(Em defesa de todas as favelas do meu Brasil/ Aqui fala o seu embaixador)/A favela nunca foi reduto de marginal/ A favela nunca foi reduto de marginal/ Ela só tem gente humilde, marginalizada/ E essa verdade não sai no jornal” e também “A lei só é implacável para nós favelados/ E protege o golpista, ele tinha de ser/ O primeiro da lista/ Se liga nessa doutor, ih. (BEZERRA 1992)

Em composições como *Eu sou favela* e *Preconceito de cor*, Bezerra da Silva expõe a dura realidade dos marginalizados em uma sociedade desigual, elitizada e permeada por racismo.

Na música *Overdose de cocada*, lançada em 1993, Bezerra canta a relação entre alimento e cultura marginalizada. “É cocada boa, ou não é/ É cocada boa/ É cocada boa, ou não é/ É cocada boa/ O delegado da área/ Já mandou averiguar/ Que é que tem nessa cocada/ Que tá todo mundo querendo provar [...]” (BEZERRA, 1993)

O trecho da música aborda a desconfiança do delegado (representante do Estado) em relação à cocada, um alimento de origem africana, simbolizando a tentativa do Estado de apreender tudo o que é produzido pela população marginalizada, reforçando a ideia de que a elite produz enquanto as margens consomem.

A música *Adeus Pantanal*, de Itamar Assumpção, destaca um fenômeno preocupante que afeta o bioma pantanal, mas que também tem ramificações em outros biomas brasileiros: a perda de biodiversidade. “[...] Aos interesses da sua monocultura intempestiva, destruindo quase que inteiramente o revestimento vivo, vegetal e animal da região, subvertendo por completo o equilíbrio ecológico da paisagem [...]” (CASTRO, 1957, p. 101). O compositor expressa sua decepção ao testemunhar a escassez de vida selvagem no Pantanal durante sua

visita a Corumbá, revelando a ausência de várias espécies emblemáticas que caracterizam esse ecossistema.

[...] bicharada/ E fui pra ver, não vi, que decepção senti/ Vi quase nada

Eu não vi bem-te-vi, beija-flor nem juriti, a passarada/ Eu não vi jaboti, não/ vi coral, sucuri/ Vi quase nada

Eu não vi o quati, não vi anta nem sagüi, onça pintada/ Eu não vi o saci, não/ vi o grilo cri-cri/ Vi quase nada [...]. (ASSUMPÇÃO, 1988)

O lamento pela não observação de aves como bem-te-vi, beija-flor e juriti, assim como de animais terrestres como jaboti, anta, sagui e onça pintada, ilustra vividamente a gravidade da perda de biodiversidade que o Pantanal enfrentava em 1988, e se enfrenta até os dias atuais. Essa música vai além de simplesmente descrever uma paisagem afetada; é um chamado para conscientização sobre a crise ambiental que se estende muito além do Pantanal, afetando ecossistemas em todo o Brasil.

A obra pode ser interpretada como um manifesto em prol da natureza, alertando para o fato de que estamos enfrentando a sexta grande extinção em massa no planeta, em grande parte devido às interferências humanas sobre as paisagens naturais. Os impactos do ser humano sobre a biodiversidade, a degradação ambiental e as mudanças climáticas são apresentadas como uma séria ameaça ao equilíbrio ecológico e à sobrevivência de inúmeras espécies, inclusive a humana “[...]degradando ao máximo, desse modo, os recursos alimentares [...]” (CASTRO, 1957, p. 101).

Além de Itamar Assumpção, vários outros artistas como Chico Buarque, Mercedes Sosa, Milton Nascimento, Fernanda Abreu, Antônio Nobrega, Caetano Veloso, Ivan Lins, Joyce Moreno, Marlui Miranda, Martinho da Vila, Chico Science, Sabotagem e Racionais MCs incorporam em suas composições a representação de fenômenos espaciais e as características físicas, sociais e culturais do espaço geográfico em contextos variados. A música se torna, assim, uma poderosa ferramenta para a conscientização e a reflexão sobre questões urgentes que afetam nossa sociedade e nosso planeta.

Conforme mencionado anteriormente, a música popular brasileira sempre se caracterizou por ser uma voz crítica contra as disparidades sociais presentes no país. Essa postura encontra raízes sólidas em autores que desempenharam um papel significativo na pesquisa e análise das questões sociais, particularmente no contexto brasileiro. Destaca-se no presente trabalho, a contribuição pioneira de Josué de Castro, cujos estudos sobre fome e alimentação nas paisagens nordestinas trouxeram à tona as complexidades dessa realidade.

Josué de Castro, com suas pesquisas e obras, trouxe uma compreensão profunda das condições sociais e econômicas que contribuíam para a fome e a desnutrição em regiões como o Nordeste brasileiro. Seus estudos ajudaram a conscientizar a população e os intelectuais sobre a urgência de lidar com o tabu que é a questão da fome, não apenas como um problema individual, mas como um fenômeno coletivo que reflete desigualdades sistêmicas. Além disso, suas revelações influenciaram as composições do poeta Chico Science, um ícone do movimento cultural manguebeat e uma das principais vozes da cena cultural do Recife. Chico Science, através de sua música, poesia e ativismo, abordou questões sociais e ambientais de forma inovadora, destacando a importância de uma abordagem artística, reveladora das paisagens culturais, históricas e sociais afim de enfrentar os desafios urbanos e socioambientais.

1.2. A CONCEPÇÃO GEOGRÁFICA DA PAISAGEM NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA: CONCEITO E POSSIBILIDADES

A concepção geográfica da paisagem na música popular brasileira oferece uma visão profunda sobre a interação entre espaço, cultura e sociedade. Conforme Milton Santos (SANTOS, 2021, p. 67) “Tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”. Ou seja, para o estudo geográfico, a paisagem é o conjunto dos elementos naturais, culturais e humanos que conseguimos enxergar em determinado lugar, para além do que nossa visão alcança. Conseguimos então a partir das paisagens e de suas formas, compreender as culturas e relações humanas com espaço, existentes em determinado lugar, criadas em momentos históricos diferentes, mas que coexistem no momento atual.

A reflexão proposta por Souza (2013) em relação à contemplação da paisagem amplia nossa compreensão. Ele nos desafia a pensar se estamos simplesmente observando a paisagem ou se, de fato, somos parte integrante dela. A interação entre o observador e a paisagem não é inanimada; somos influenciados por aquilo que observamos, e, ao mesmo tempo, nossa presença e ações moldam a própria paisagem. “Afinal, contemplamos a paisagem ou estamos dentro dela? Ou ambas as coisas?” (SOUZA, 2013, p. 44).

Essa compreensão dinâmica da paisagem nos convida a considerar a perspectiva de estarmos imersos nela, influenciando-a e sendo influenciados por ela. É uma abordagem que nos encoraja a pensar nas paisagens não apenas como cenários estáticos, mas como espaços vivos, onde a interação constante entre os seres humanos e o ambiente cria uma narrativa

contínua de mudança e evolução. “A paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas.” (SANTOS, 2021, p. 74)

As paisagens que emergem das músicas são resultado de uma complexa interação entre nossa imaginação e nosso banco de memórias. A partir da narrativa dos elementos observáveis em um lugar específico, uma paisagem se materializa em nossa mente, entrelaçando-se com nossas lembranças. Esse processo é profundamente influenciado pelas memórias individuais e coletivas que se assemelham a essa revelação.

Cada compositor oferece sua interpretação única da paisagem, resultando em representações diversas e multifacetadas, pois segundo Santos (2021, p.89):

A dimensão da paisagem é a dimensão da percepção, o que chega aos sentidos. Por isso o aparelho cognitivo tem importância crucial nessa apreensão, pelo fato de que toda nossa educação, formal ou informal, é feita de forma seletiva – pessoas diferentes apresentam diversas versões do mesmo fato.

Da mesma forma, os significados atribuídos a essas paisagens variam entre os grupos culturais e sociais, de acordo com suas experiências e relações com o ambiente. Como observado por Cosgrove (1998), as diferentes posições ocupadas pelos grupos na sociedade moldam suas consciências e experiências de maneiras distintas, refletindo-se na configuração da paisagem.

Assim, a paisagem é mais do que apenas um conjunto de elementos físicos; é uma síntese das relações, experiências, vivências e perspectivas das pessoas que a habitam, observam, transformam e a modificam. Essas diferentes visões da paisagem, permeadas pela subjetividade e pelas lentes culturais, enriquecem a compreensão da complexidade e da diversidade dos lugares e suas relações. Elas também nos incentivam identificar a pluralidade de interpretações acerca da paisagem em relação aos valores e significados atribuídos por determinado grupo social ou cultural.

A paisagem é um conjunto heterogêneo de formas naturais e artificiais; é formada por frações de ambas, seja quanto ao tamanho, volume, cor, utilidade, ou por qualquer outro critério. A paisagem é sempre heterogênea. A vida em sociedade supõe uma multiplicidade de funções, e quanto maior o número destas, maior a diversidade de formas e atores. Quanto mais complexo a vida social, tanto mais nos distanciamos de um mundo natural e nos endereçamos a um mundo artificial. (SANTOS, 2021, p. 71)

A música, ao revelar e descrever essas paisagens, nos oferece uma janela para essa multiplicidade de significados e funções sociais e nos convida a explorar as ricas camadas de compreensão que podem ser derivadas de uma mesma paisagem, vista por diferentes perspectivas.

Dorival Caymmi, renomado compositor brasileiro, é um destacado exemplo de artista que retrata de maneira singular a paisagem e a identidade dos pescadores em suas composições. Ele capta magistralmente a relação intrínseca entre o homem e o mar, especialmente no contexto do trabalho dos pescadores. Vamos explorar mais a fundo essa representação poética e autêntica.

Caymmi, por meio de suas músicas, transporta-nos para o universo dos pescadores, revelando suas atividades cotidianas e a profunda ligação com o mar, uma fonte de sustento e de desafios. Seu olhar sensível e autenticidade artística permitem que mergulhemos nesse ambiente, onde a rotina de trabalho e a interação com o oceano são vividamente descritas.

Nas letras de suas canções, como em *Pescaria*, Caymmi descreve a complexa e meticulosa prática da pesca, desde o lançamento das redes no mar até a colheita dos frutos dessa jornada. “Ô canoeiro/ Bota rede/ Bota rede no mar/ Ô canoeiro/ Bota rede no mar/ Cerca o peixe/ Bate o remo/ Puxa corda/ Colhe a rede/ Ô canoeiro/ Puxa rede do mar Vai ter presente pra Chiquinha/ Ter presente pra Iaiá/ Ô canoeiro puxa do mar.” (CAYMMI, 1985)

Cada verso retrata uma etapa do processo, oferecendo-nos um vislumbre da vida e da dedicação dos pescadores. A promessa de presentes ao final da música ressalta a satisfação que a pesca bem-sucedida traz a esses trabalhadores incansáveis.

Já em *O Vento*, ele destaca a importância crucial do vento para a navegação dos pescadores, ilustrando a simbiose entre o vento, a vela e o barco. “Vamos chamar o vento/ Vamos chamar o vento/ Vamos chamar o vento/ Vamos chamar o vento. Vento que dá na vela/ Vela que leva o barco/ Barco que leva a gente/ Gente que leva o peixe/ Peixe que dá dinheiro, Curimã.” (CAYMMI, 1995). Essa simbiose é essencial para que os pescadores alcancem o mar, colham seus produtos e, assim, garantam seu sustento.

Dessa forma, as composições de Dorival Caymmi nos proporcionam uma autêntica imersão na vida dos pescadores, expondo suas experiências, desafios e conquistas. Sua música não apenas narra histórias, mas também nos transporta para a essência desse modo de vida, pintando um retrato artístico e comovente da relação entre o homem e o mar na perspectiva dos pescadores.

As músicas e as paisagens estão entrelaçadas em uma relação dinâmica, onde a música não apenas reflete as paisagens físicas, sociais e culturais, mas também as influencia e as molda na percepção¹ das pessoas. Esta interação complexa entre música e paisagem nos oferece um meio

¹ Segundo Tuan (1980, p 4) a percepção “é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos como a atividade proposital, nas quais certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”.

poderoso para entender e interpretar a geografia humana e a relação humana nas paisagens geográficas.

Ao analisar as letras das músicas, somos levados a uma jornada pela diversidade de paisagens brasileiras, seja a vastidão da Amazônia, as praias deslumbrantes do litoral, a aridez do sertão ou a agitação das grandes cidades. A música nos fornece uma lente cultural através da qual podemos apreciar e compreender os valores, tradições e histórias dessas diferentes paisagens.

Um exemplo marcante é Chico Science e Nação Zumbi, que emergiram da cena musical do Recife com o movimento manguebeat. Suas composições e manifestações artísticas não apenas refletiam, mas também transformavam a paisagem social, cultural e histórica da cidade. Eles abordaram questões complexas e muitas vezes esquecidas, como a vida nas favelas, a luta pela sobrevivência e a conexão intrínseca entre a cidade e o mangue.

“Compreender a paisagem social, ou como as pessoas se organizam na terra, é essencial para criar um movimento social mais amplo e promover as mudanças de larga escala necessárias para se alcançar um movimento de restauração” (ROWSON et al., 2010. Apud BUCKINGHAM et al, p. 2, 2018). Uma paisagem social, que se revela muitas vezes suja, como a lama, de desigualdade e injustiça, é essencial para compreender o contexto em que esses artistas se desenvolveram e criaram sua música. Suas letras e ritmos refletem uma realidade muitas vezes ignorada, apresentando ao mundo a complexidade da vida nas cidades brasileiras e a resistência das comunidades marginalizadas.

Esses artistas não apenas registram e revelam a paisagem existente, mas também inspiram mudanças e promovem uma compreensão mais profunda para desvendar as dinâmicas sociais. Assim, a música não é apenas uma expressão artística, mas também uma poderosa ferramenta para criar consciência sobre as nuances e desafios de diferentes paisagens, contribuindo para um entendimento mais completo e inclusivo do das condições políticas, econômicas e também culturais existentes no espaço geográfico.

1.3. COMO A PAISAGEM SE REVELA NAS MÚSICAS DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI: POSSIBILIDADES E CONEXÕES

As composições de Chico Science é uma poderosa representação da interação entre a cidade do Recife, seus rios e manguezais. Através da música, Chico Science e sua banda, Nação Zumbi, apresentam uma visão única dessa paisagem, mergulhando nas complexidades da vida urbana entrelaçada com elementos naturais, se tornando uma espécie de reflexo da cidade e de

seu povo. Os rios e manguezais, muitas vezes simbolizados e poeticamente descritos, não são apenas elementos físicos, mas representam o passado, a luta e a identidade cultural da população. As letras transmitem uma narrativa que vai além da geografia, mostrando as experiências da sociedade e suas interações com o ambiente.

O álbum *Da Lama ao Caos* (1994) oferece uma imersão profunda nesse mundo, onde a natureza e a urbanidade se entrelaçam, da lama dos manguezais ao caos da cidade. Essa fusão não apenas representa a geografia física da cidade, mas também as emoções, relações e desafios enfrentados por seus habitantes. Chico Science e Nação Zumbi usam a música como um veículo para compartilhar não apenas a paisagem física, mas também a paisagem cultural e social que moldam a identidade da cidade e de sua população.

A configuração da paisagem cultural emerge da interação entre um grupo cultural e o ambiente natural. Segundo Sauer (1998, p.59), “a cultura desempenha o papel ativo na criação, enquanto a área natural é o cenário e o produto é a paisagem cultural”. Embora os recursos naturais forneçam os elementos básicos, é a influência da cultura que dá forma e altera essa paisagem. Esse entendimento da paisagem cultural evidencia a forte influência de perspectivas subjetivas na sua formação.

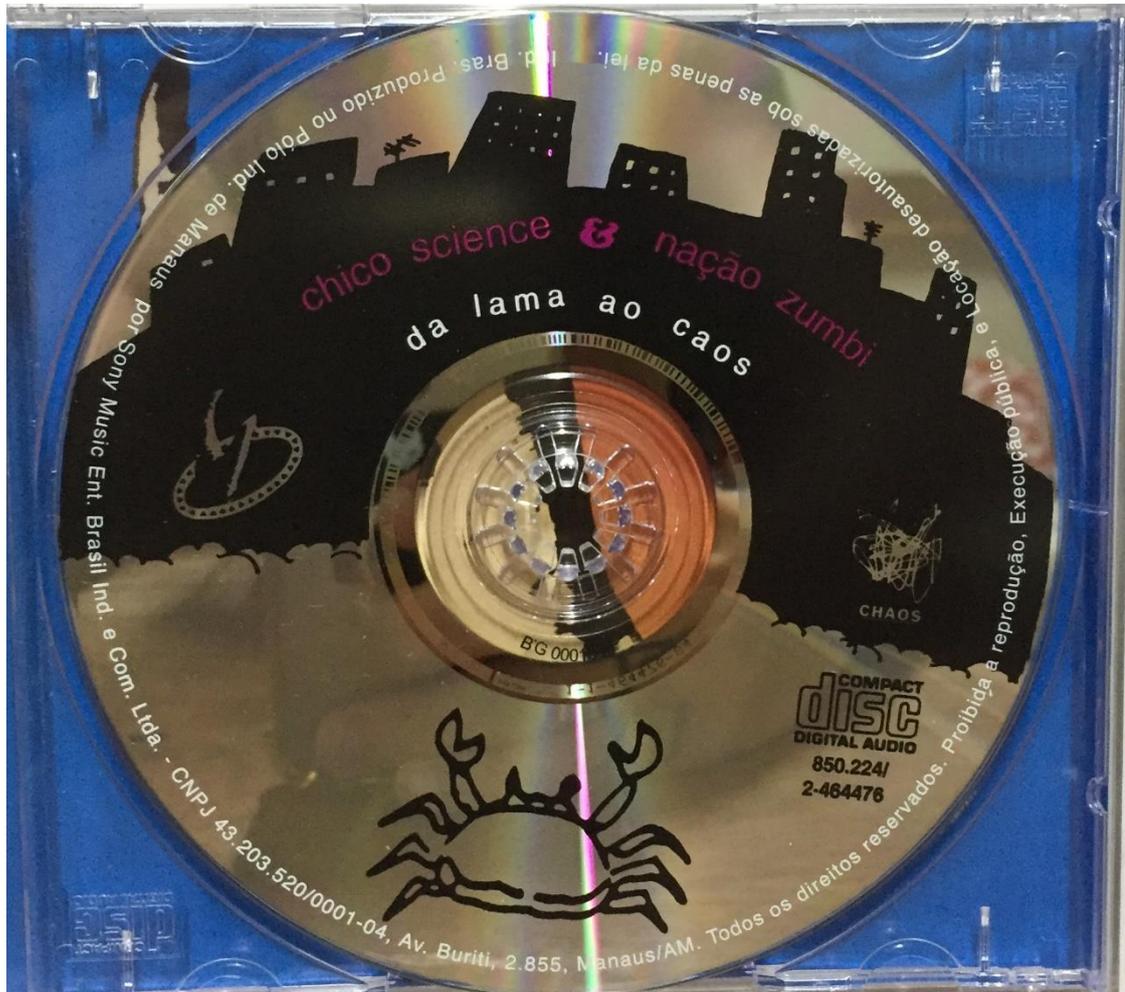
Chico Science, em sua entrevista para o documentário *Josué de Castro – Cidadão do Mundo, 1994* (CALIBAN I, 2014), compartilha a visão de que o álbum *Da lama ao Caos* é a cara do Recife. Isso se deve à forte influência da paisagem do mangue e dos rios, que servem como cenário para as manifestações culturais e as letras de suas músicas. Essa influência se manifesta de forma simbólica e sutil, presente não apenas nas letras, mas também nas artes dos álbuns e nas performances artísticas do cantor e da banda durante seus shows, como podemos observar na Figura 1.

Conforme observado por Melo (1978), a cidade do Recife foi edificada sobre ilhas e terras circundadas por áreas alagadiças, que foram gradualmente conquistadas aos rios e aos pântanos. Assim como a própria cidade se formou e expandiu sobre essa base de rios e manguezais, a música de Chico e da Nação Zumbi também se originou e cresceu a partir da influência dessa paisagem, difundindo esses elementos característicos do mangue, da vida dos habitantes locais e dos caranguejos para um cenário global.

A Figura 1 corresponde ao do CD do álbum *Da Lama ao Caos* (1994). Além da trilha sonora do álbum no interior de seu conteúdo, a arte impressa no CD apresenta uma composição visual que ilustra uma paisagem simbólica e é reveladora de conteúdo. Nessa representação, o caranguejo, elemento natural e vivo das paisagens do mangue, habitante dos manguezais, é retratado situado sob os arranha-céus, elemento físico e cultural das paisagens urbanas,

evidenciando a relação intrínseca entre a cidade e o ecossistema do mangue em Recife, tão abordada e aprofundadas nas composições de Chico Science e Nação Zumbi como também nas obras de Josué de Castro.

Figura 1 – CD do álbum Da Lama ao Caos



Fonte: CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994.

Isso é ilustrado na música *Antene-se* do álbum *Da lama ao caos* em que Chico Science canta sobre Recife, destacando sua ligação com as paisagens do mangue; a lama dos manguezais e a presença dos “homens-caranguejos”. “Recife, cidade do mangue, incrustada na lama dos manguezais/ Onde estão os homens-caranguejos/ Minha corda costuma sair de andada, no meio da rua, em cima das pontes. (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994)

A imagem da “corda” saindo de andada, no meio da rua, em cima das pontes, é uma metáfora que revela uma paisagem cultural da pesca artesanal de caranguejos. Os caranguejos extraídos dos mangues são amarrados em conjuntos de quatro indivíduos, denominados

“cordas”, que são agrupadas em dez unidades, formando o que é conhecido localmente como “cambada” para serem transportados para venda ou centro de processamentos.

Os elementos físicos presentes na descrição das músicas de Chico Science oferecem uma visão fascinante da paisagem urbana. A referência às pedras iluminadas na música *A Cidade* destaca uma evolução arquitetônica, representada pelos prédios que se ergueram de forma intensa, quase como se os próprios edifícios tivessem uma história, um crescimento impulsionado pela força dos “pedreiros suicidas” e da exploração do trabalho. “O Sol nasce e ilumina as pedras/ evoluídas, Que Cresceram com a força de pedreiros suicidas. [...] Coletivos/ automóveis, motos e metrô, / Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs.” (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994)

Além disso, a menção aos coletivos, automóveis, motos e metrô revela a movimentada vida cidadina, onde diferentes meios de transporte coexistem, simbolizando a dinâmica e a agitação da cidade. As referências a trabalhadores, patrões, policiais e camelôs fornecem um quadro social diversificado, destacando as várias facetas da vida urbana e as relações que moldam o tecido social. Essa descrição poética não apenas pinta uma imagem da paisagem física da cidade, mas também capta a energia, a complexidade e as contradições que caracterizam o ambiente urbano. Através das palavras de Chico Science, a cidade ganha vida, e suas características físicas e sociais são vividamente reveladas, convidando-nos a refletir sobre a interação entre a estrutura da cidade e a vida de seus habitantes.

Segundo Josué de Castro (1957, p. 85):

A fome constitui um fenômeno de extrema variabilidade. No amaranhado e policromo desenho da fome universal, podemos divisar surpreendentes matizes; desde os mais negros e impressionantes, da fome total, da completa inanição, transformando suas vítimas em verdadeiros espectros vivos, até os tipos mais discretos das fomes ocultas ou específicas, atuando sorrateiramente, quase sem sinais aparentes.

O trecho da música *Da lama ao Caos* de Chico Science é uma poderosa manifestação poética que revela a realidade do que o fenômeno da fome produz.

Peguei um balaio, fui na feira roubar tomate e cebola/ Ia passando uma véia, pegou a minha cenoura/ "Aê minha véia, deixa a cenoura aqui/ Com a barriga vazia não consigo dormir"/ E com o bucho mais cheio comecei a pensar/ Que eu me organizando posso desorganizar/ Que eu desorganizando posso me organizar. (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994)

A narrativa de Chico começa com a urgência de buscar alimentos básicos, simbolizados pelos tomates e cebolas, na feira. O ato de "roubar" reflete a fome. Castro (1957, p 139) afirma que “Nenhuma calamidade é capaz de desagregar, tão profundamente e num sentido tão nocivo, a personalidade humana como a fome, quando atinge os limites da verdadeira inanição”, a ponto

de condicionar uma senhora a roubar comida para poder se alimentar, sobretudo de outra pessoa que também estava roubando para se alimentar.

O trecho "Que eu me organizando posso desorganizar/ Que eu desorganizando posso me organizar" presente na música *Da lama ao Caos* de Chico Science reflete uma crítica profunda ao sistema capitalista e à estrutura social desigual. Vamos analisar esse trecho sob a ótica do contexto socioeconômico, especialmente no contexto brasileiro.

Chico Science ironiza ao apontar que, dentro das estruturas do capitalismo, a organização muitas vezes pode ser sinônimo de desorganização para a maioria das pessoas. A organização das classes sociais, a distribuição desigual de recursos e oportunidades, bem como a concentração de poder e riqueza nas mãos de poucos, desorganiza a equidade e perpetua a desigualdade. A luta de classes é um tema recorrente na obra de Chico Science, e esse trecho pode ser interpretado como uma chamada à consciência de classe e à mobilização social.

A segunda parte do trecho, "Que eu desorganizando posso me organizar", pode ser interpretada como uma crítica à lógica vigente, onde muitas vezes a desorganização do sistema injusto pode ser a única maneira de se organizar e resistir contra a opressão.

Essas frases também podem expressar a necessidade de subverter as estruturas existentes, provocando uma reorganização da sociedade que seja mais justa e igualitária. Às vezes, desafiar as normas estabelecidas e desorganizar um sistema injusto é o primeiro passo para uma verdadeira transformação e reorganização baseada em princípios mais equitativos. Josué de Castro já disse: "Enquanto metade da humanidade não come, a outra metade não dorme, com medo da que não come." (CASTRO, 1984, p. 12)

Na mesma entrevista para o documentário *Josué de Castro – Cidadão do Mundo, 1994* (CALIBAN I, 2014), Chico Science utiliza uma metáfora poderosa ao associar a paisagem dos rios e dos caranguejos à persistente problemática da fome. "Os rios crescem todos os dias junto com a marginalidade da fome, que faz os caranguejos ficarem espumando e os homens ficarem babando, é a espuma e a baba da fome. A geografia cotidiana mostra que Recife está afundando na lama." (ETERNO CHICO SCIENCE, 2020).

Ele destaca que, assim como os rios que aumentam diariamente, a fome e a marginalidade também crescem. Ao mencionar que os caranguejos ficam "espumando" e os homens "babando", ele simboliza a luta pela sobrevivência em condições difíceis.

A expressão "é a espuma e a baba da fome" é uma forma poética de revelar a desesperada busca por alimento e a luta constante contra a fome que afeta a população. Por fim, Chico Science conclui com uma afirmação impactante, destacando que a geografia cotidiana mostra

que Recife está afundando na lama, indicando as dificuldades e desafios enfrentados pela cidade e seus habitantes, especialmente os marginalizados.

A música *Rios, pontes e overdrives* do álbum *Da Lama ao Caos* de Chico Science revela uma narrativa entrelaçada que oferece uma visão da paisagem urbana do Recife, permeada pela influência cultural e geográfica da cidade.

É Macaxeira, Imbiribeira, Bom pastor, é o Ibura, Ipsep, Torreão, Casa Amarela/ Boa Viagem, Jenipapo, Bonifácio, Santo Amaro, Madalena, Boa Vista, Dois Irmãos/ É Cais do porto, é Caxangá, é Brasilite, Beberibe, é CDU, Capibaribe, é o Centrão/ Eu falei!/ Rios, pontes e overdrives -impressionantes esculturas de lama/ Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue/ Rios, pontes e overdrives - impressionantes esculturas de lama/ Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangu. (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994)

Os bairros e rios mencionados na letra compõem um retrato rico e multifacetado da cidade, onde cada nome revela uma parte da identidade e da geografia urbana do Recife.

Essa composição é uma espécie de poesia urbana, onde os bairros e rios são peças-chave para entender a complexidade dessa paisagem. Ao citar esses elementos, Chico Science traz à tona a realidade da cidade, com suas pontes, rios e a dinâmica urbana em constante transformação.

A referência ao "overdrive", que seriam as guitarras elétricas plugadas nos pedais Overdrive, simboliza a intensidade e a energia da vida urbana, especialmente sobre a cena "mangue" recifense.

A composição também nos revela uma paisagem dos moradores dos mocambos, caçadores de caranguejos; irmãos de leite dos caranguejos; homens caranguejos; cobertos de lama em uma espécie de armadura, como a carapaça do caranguejo, que são as "impressionantes esculturas de lama". Em suas relações de subsistências com os rios, dando diferentes significados e valores a essas paisagens para quem as vive e quem as enxerga. Mas essas esculturas de lama também se referem a elementos físicos da paisagem, como a arquitetura do Recife, com seus prédios, mocambos e palácios que se ergueram sobre a lama.

Essas representações da paisagem e das características únicas do Recife estão entrelaçadas nas músicas, proporcionando uma visão autêntica e poderosa dessa cidade, seus habitantes e suas raízes culturais. O álbum *Da lama ao Caos* não é apenas uma coleção de músicas; é um espelho da cidade do Recife e suas paisagens únicas, emoldurado pela lente artística de Chico Science e Nação Zumbi.

1.4. RECIFE E SUAS PAISAGENS: DOS MOCAMBOS AOS ARRANHA-CÉUS

Segundo Castro (1948, p. 67) “Sempre a presença da água, sempre o mar ou rios – principalmente os rios – dirigindo a sua localização, a sua evolução e a sua direção, enfim, a sua colonização urbana da paisagem.” Os rios, com sua fluidez e presença vital, não apenas moldam a geografia da cidade, mas também desempenham um papel crucial na forma como a população interage com o ambiente. Os manguezais, ecossistemas únicos, representam uma parte vital da paisagem, oferecendo sustento e um cenário rico para manifestações culturais e econômicas. Eles se tornam, assim, o espaço natural onde a vida e a cultura se entrelaçam. No caso do Recife, a paisagem urbana se escreveu sobre a paisagem natural dos rios. “Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que tem idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos.” (SANTOS, 2021, p,73)

Essa relação entre os elementos naturais e culturais da paisagem cria uma paisagem singular, uma identidade para Recife. É uma fusão entre o verde exuberante dos manguezais, a fluidez dos rios e a dureza dos arranha-céus, onde as experiências e a cultura emergem de forma intrínseca dessas paisagens. Além disso, essa relação simbiótica é a base para a economia local, pois influencia práticas de pesca, turismo, arte e outras atividades fundamentais para a cidade.

A progressão da cidade foi consequência da construção do porto para exportar açúcar, pelos holandeses para os holandeses, que invadiram Pernambuco atraídos pelo cheiro do açúcar plantadas nas margens do vale no Capiberibe para atender as demandas da indústria açucareira que prosperava na época. Em 1630 na invasão holandesa já existiam 16 engenhos as margens do rio Capiberibe. Essa marcha ou invasão da cidade foi-se fazendo rios acima, à margem dos caminhos naturais que esses rios representavam (CASTRO, 1948)

Nascido como porto, nas areias das praias do Recife, debruçada sobre o mar e nos mangues da ilha que lhe ficava em frente, a cidade, logo que tomou raízes nos alicerces dos seus sobrados e palacetes, foi-se estendendo envolvente para o lado dos engenhos, para aquelas terras situadas entre os rios [...] (CASTRO, 1948, p. 67)

O rápido e desordenado crescimento urbano do Recife resultou em graves problemas socioeconômicos. Era uma cidade com o maior índice de desemprego do país, onde mais da metade da população residia em favelas e áreas alagadas (CAMPOS, 2013). Esse cenário levou Recife a ser considerada a quarta pior cidade do mundo para se viver (SHARP, 2001, p. 20). Esse cenário, segundo Castro (1967, p. 99) é “[...] Produto do feudalismo agrário que oprimia e explorava, há séculos, toda aquela pobre gente que acabava, um dia, preferido o fedor dos

mangues ao fedor das malocas dos engenhos, das novas senzalas fracionadas em trono das novas casas-grandes.”.

Diante “o desvairio irresistível de uma cínica noção de “progresso”, que elevou a cidade ao posto de “metrópole” do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade” (ZERO-QUATRO, 1994). Chico Science abordou esse reflexo do processo de urbanização da cidade em suas músicas, notadamente em trechos da música *Antene-se e Cidade*, como: “É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo/ Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos/ Entulhados à beira do Capibaribe, na quarta pior cidade do mundo, Recife cidade do mangue.” (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994) e “A cidade não para! a cidade só cresce/O de cima sobe e o de baixo desce/A cidade não para! a cidade só cresce/O de cima sobe e o de baixo desce.” (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994).

Nesses versos, na paisagem urbana, vemos uma mente equilibrada sobre um corpo ouvindo o som das vitrolas, vinda dos mocambos, revelando um aspecto cultura popular dos mocambos, a música. Os mocambos entulhados às margens do Capibaribe, enfatizando a concentração populacional e as condições precárias de habitação na cidade, classificada como a quarta pior do mundo.

Também enxergamos a narrativa da constante agitação da cidade, uma metáfora da vida urbana, onde a dinâmica social é retratada: os privilegiados, revelado como “os de cima”, sobem e se desenvolvem enquanto os menos favorecidos, revelado como “os de baixo” permanecem descem e regridem, evidenciando uma hierarquização social.

Recife é a cidade dos rios sinuosos, das majestosas pontes, das antigas mansões palacianas e dos imponentes arranha-céus. Por outro lado, é também a capital dos mocambos, habitações improvisadas e precárias que simbolizam a luta pela sobrevivência para muitos de seus habitantes. É, nas palavras de Castro (1957, p. 15), que o cenário dos mocambos abriga “operários, desempregados, os inadaptados, aqueles que deixaram o sertão da fome e encontraram desafios intransponíveis na cidade, os rebeldes e também os resignados - os que foram derrotados”.

Os mocambos representam estruturas improvisadas, enraizadas na lama, que abrigam uma considerável parcela da população do Recife. Assim como as raízes resilientes das árvores de mangue, como o mangue-vermelho *Rhizophora mangle*, profundamente arraigadas, essas habitações são difíceis de erradicar. Vistos por alguns governos como uma praga urbana, os mocambos têm suas bases entrelaçadas com a cultura do Nordeste, resistindo a soluções simplistas ou planos de urbanização (CASTRO, 1957).

Mas, nesta campanha contra os mocambos, o governador não procurou analisar onde se assentavam as verdadeiras raízes do mal. Pensava ele que estas raízes estavam fincadas ali mesmo na lama dos mangues e que bastaria arrebentar estas raízes para que viesse a desaparecer a vegetação braba dos mocambos. Nem ele, nem seus auxiliares se davam conta que aquela vegetação dos mocambos, que brotava como uma flor de lódo na vasa dos mangues, tinha raízes que se alongavam pelo solo do país inteiro e pelo sub-solo de suas estruturas sociais arcaicas. (CASTRO, 1967, p. 98-99)

Castro (1957) defendia que a solução para os desafios relacionados aos mocambos não reside em sua erradicação, mas sim em atentar para uma série de fatores ligados ao ambiente cultural que os envolve, sem interferir diretamente nas próprias estruturas dos mocambos.

Por um lado, enquanto a cidade pulsa, uma paisagem caótica e vibrante que nunca descansa, os mocambos experimentam um silêncio amargo ao amanhecer. Isso acontece à medida que os habitantes partem para seus trabalhos: homens rumo às fábricas, ao carregamento e descarregamento dos navios, mulheres para as tarefas domésticas nas casas dos abastados, os jovens para ocupações variadas, desde vigiar as ruas até adentrar a lama para capturar caranguejos. Mesmo os deficientes físicos que residem nos mocambos dirigem-se à cidade em busca de sustento (CASTRO, 1957).

Assim, as paisagens naturais do Recife vão muito além de uma mera aparência física; são a essência da identidade da cidade, enriquecendo-a com uma tapeçaria complexa de elementos culturais, sociais e econômicos. Essa interação entre a natureza e a sociedade cria um tecido único que define Recife de maneira singular e atrai a atenção não apenas dos residentes, mas também de todos que apreciam a beleza e a complexidade das paisagens que moldam nossa existência.

1.5. O MANGUE: O CONCEITO

A vegetação do mangue consiste em espécies variadas, porém ambas igualmente adaptadas funcionalmente às excepcionais condições do meio ambiente, principalmente em função da água salgada. Devido ao equilíbrio instável entre a água doce e a água salgada nesse ambiente, a vegetação assume predominantemente características halófilas, adaptando-se às variações de salinidade na água, e pneumatóforas, apresentando raízes aéreas que funcionam como órgãos respiratórios e que se projetam acima da superfície da água.

Castro (1948, p. 19) define o nome dado as áreas do mangue:

Chama-se mangue, mangal ou manguezal a um tipo especial de associação vegetal tipicamente anfíbia, que prolifera nos solos frouxos e movediços dos estuários, dos deltas, das lagunas litorâneas – solos' de transição entre os tratos de verdadeiras terras

firme e os ocupados permanentemente pela água – nas regiões equat6rio-tropicais do mundo.

Sobrinho (1937) identificou essa flora nos deltas do Capiberibe e Beberibe no munic6pio do Recife: a *Rhizophora mangles*, da fam6lia das Riozofor6ceas; a *Laguncularia racemosa*, Gaertn e a *Conocarpus erectus*, Jacq., da fam6lia das Combret6ceas, a *Avicennia tomentosa*, Jacq. e a *Avicenna n6tida* Jacq., da familia das Avicen6ceas. Todas as esp6cies compartilham de peculiaridades em comum: ra6zes extremamente ramificadas, folhas pequenas, espessas e cori6ceas, de transpira63o diminu6da. (CASTRO, 1948)

Essas caracter6sticas, a partir mecanismo de adapta63o das esp6cies, se d3o devido as condi63es do terreno pouco firme onde se desenvolvem. A fixa63o da planta se faz atrav6s da raiz axial que serve como uma ancora que se agarra no solo ra6zes e se ramifica mais e mais para se fixarem e resistirem nos solos-incertos dos alagados devido a variante da for6a dos rios. (CASTRO, 1948)

Antes de passarmos para o estudo das revela63es das paisagens naturais dos mangues do Recife, 6 necess3rio ressaltar a import6ncia ecol6gica desse ecossistema. Castro (1948, p. 23) ressalta a grande significa63o ecol6gica do mangue:

O mangue abriga e alimenta uma fauna especial, formada principalmente por crust6ceos, ostras, mariscos e caranguejos, numa impressionante abund6ncia de seres que pululam entre suas ra6zes nodosas e suas folhas gordas, triturando materiais org6nicos, perfurando o lodo6al e humificando o solo local. Muitos desses pequenos animais contribuem para com suas carapa6as e seus esqueletos calc6reos, para a estrutura63o e consolida63o do solo em forma63o. Desempenha tamb6m essa fauna especializada um importante papel no equil6brio ecol6gico da regi3o ocupada pelo homem, ao possibilitar recursos de subsist6ncia para uma grande parte das popula63es anf6bias que povoam aqueles mangues, vivendo nas suas habita63es t6picas – os mucambos.

Os rios e manguezais que percorrem a cidade do Recife representam verdadeiras veias e art6rias que irrigam o cora63o urbano, desempenhando um papel fundamental no processo de configura63o e organiza63o da cidade. Um rio que flui constantemente, mas congelou no tempo as marcas do processo hist6rico e geogr6fico da urbaniza63o da cidade. Eles s3o testemunhas silenciosas de uma evolu63o que se cristalizou.

O rio Capibaribe, com suas nascentes na serra dos Jacarar6s, sistema h6drico mais importante da cidade, contribuiu como suporte para as atividades econ6micas e tamb6m utilit6rias. Foi utilizado para o escoamento do a6u6ar, para o transporte dos moradores, assim como servia de fonte de abastecimento d'6gua, alimento, moradia, dando diferentes significados e valores para essa paisagem natural. E para al6m de suas atividades econ6micas e

utilitárias, também compõe uma paisagem natural, humana e cultural com outros valores e significados atribuídos para os rios e os manguezais da cidade do Recife.

Os rios Capibaribe e Beberibe foram cruciais para a prosperidade dos manguezais do Recife, contribuindo por meio da deposição de materiais aluviais transportados pela força das correntes fluviais e pelas chuvas. Esse solo, resultante da união entre terra e água, permitiu o florescimento do manguezal. Josué de Castro descreve essa vegetação peculiar, adaptada a viver em águas salinas e solo constantemente encharcado, agarrando-se firmemente ao solo com suas raízes como:

[...] esta estranha vegetação capaz de viver dentro da água salgada, numa terra frouxa, constantemente alagada. Agarrando-se com unhas e dentes a este solo para sobreviver, através de um sistema de raízes que são como garras fincadas profundamente no lodo e amparando-se, umas nas outras, para resistirem ao ímpeto das correntezas da mare e ao sopro forte dos ventos alísios que arrepiam sua cabeleira verde, os mangues foram pouco a pouco entrelaçando suas raízes e seus braços numa amorosa promiscuidade, e foram, assim, consolidando a sua vida e a vida do solo frouxo das coroas de lodo, donde brotaram. (CASTRO, 1967, p. 14)

Os manguezais se entrelaçam, consolidando suas vidas e a vitalidade do solo alagado, brotando e expandindo sobre esse solo característico.

Castro (1966, p. 168-169), revelando o Recife como uma enseada, afirmou: “O aterro ou enchimento da enseada se fez sob a ação conexas e sucessivas de variados fatores, entre os quais se destacaram os rios, o mar, o vento e a vegetação dos mangues, fixadoras de detritos e consolidadora dos solos.”

É sobre essa base de solo manguezal que a cidade do Recife foi erguida, expandindo sua área gradualmente. Para Castro (1957), a cidade do Recife é um presente de seus rios. As paisagens naturais envolvem e definem a fisionomia da cidade, refletindo uma mistura complexa de várias expressões culturais e históricas. A cidade, assim, se revela junto às águas e ao mangue, formando uma simbiose única entre a paisagem natural e a paisagem artificial. Recife é uma cidade onde a presença e a influência da água são inegáveis.

[...] no Recife, o que não é água, foi água ou lembra a água [...] água do mar que cobriu em época remotíssima, água dos rios que a cortam e recortam [...] água subterrânea [...] água dos pântanos que a vegetação dos mangues ensombra e oculta, água do mar que não capitula diante dos recifes e volta, duas vezes por dia, a visitar, pelos braços dos rios, os seus domínios perdidos. (OLIVEIRA, 1942, p. 38-39. Apud BEZERRA e MELO, 2014)

Ou seja, Recife está impregnada pela memória da água, seja a do mar que a cobriu em tempos ancestrais, a dos rios que a cortam e moldam, a subterrânea que permeia seu solo, ou a dos pântanos abraçados pela vegetação dos mangues. Até mesmo o mar, incansável, retorna diariamente para tocar a cidade, visitando-a através dos braços dos rios e lembrando-lhe de suas

No encarte também é conceituado o mangue, através do manifesto *Caranguejo com Cérebro* contido em seu conteúdo.

Mangue, o conceito

Estuário. Parte terminal de rio ou lagoa. Porção de rio com água salobra. Em suas margens se encontram os manguezais, comunidades de plantas tropicais ou subtropicais inundadas pelos movimentos das marés. Pela troca de matéria orgânica entre a água doce e a água salgada, os mangues estão entre os ecossistemas mais produtivos do mundo.

Estima-se que duas mil espécies de microorganismos e animais vertebrados e invertebrados estejam associados à vegetação do mangue. Os estuários fornecem áreas de desova e criação para dois terços da produção anual de pescados do mundo inteiro. Pelo menos oitenta espécies comercialmente importantes dependem do alagadiço costeiro.

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza. (ZERO-QUATRO, 1994)

No mesmo encarte, eles apresentaram de forma lúdica uma nova espécie, o homem metarmofoseado em caranguejo, o "*Chamagnathus granulatus sapiens*", resultado do consumo de cerveja contaminada com baba de caranguejo, produzida a partir da água do mangue (Figura 2). Essa espécie se revela a partir de uma história em quadrinhos, característica de ter desenhos em quadrinhos com um texto complementando a imagem.

Para facilitar a leitura foi transcrito os textos dos quadrinhos da Figura 2, na ordem da esquerda pra direita e de cima para baixo. O quarto quadrinho na mesma ordem não foi transcrito devido a dificuldade de leitura do encarte, pode-se notar que o mesmo está escrito em letras discursivas, diferente dos outros três textos.

Primeiro texto

Você ta sabendo que o Peixoto mudou? (perguntou Fasebio, tomando seu copo de cerveja). “Não”. Mudou. Está numa coisa do outro mundo. Disseram que ele acordou, e quando foi escovar os dentes viu aqueles olhões e os pelos nos braços (outro gole). Coitado. Ficou louco. Eu não tenho nada contra, mas que é feio é.

Mas ele se acostuma. No início também achei feio, mas hoje. Minha mulher ficou todo estranha. Agora já é bem compreensiva (segura com a patola um copo de cerveja)

Segundo texto

O famoso cirurgião plástico. Prof. Godofredo Salustiano. 62. Recebeu nossa equipe de articulistas para dar seu parecer sobre a recende onda de cirurgias que assola a cidade. A nova “manla” nasceu da necessidade de aceitação. Quando indagados se era uma atitude da população procurar, através do artificialismo, uma identificação com uma espécie que sofreu processo degenerativo, hitaxativo: “Esses são os seres do futuro”. O professor aproveitou a entrevista, e confirmou sua candidatura a prefeito da cidade.

Terceiro texto

O relatório da OMS apontou o verdadeiro motivo dessas transformações. Segundo a respeitada instituição, tudo começou quando uma grande fábrica de cerveja resolveu se instalar sobre o aterro de um manguezal. A água utilizada no fabrico da bebida estava contaminada com resíduos tóxicos, provenientes da baba do caranguejo. O referido crustáceo decápode produziu tal substância por ficar exposto aos raios ultravioleta do sol, sem protetor. Além disso, a afrociberdelia levou a população a movimenta-se de maneira tal, que findou por condenar e dimensionar esses ingredientes.

Essa representação caricata ilustrou a metamorfose entre o homem e o caranguejo, o “homem-caranguejo” uma metáfora viva abordado por Josué de Castro em seu romance *Homens e caranguejos*.

Esses elementos não apenas refletiram a riqueza e a complexidade da cultura recifense, mas também atribuíram significados geográficos, históricos, sociais, ambientais e culturais à estrutura hídrica e lamosa que permeia a cidade do Recife. A água e os manguezais não eram apenas componentes físicos da paisagem; eram fontes de inspiração e símbolos de uma resistência cultural que se tornou emblemática na música brasileira.

Este presente trabalho também é mais um produto do mangue, da água, atribuindo e revelando significados geográficos, históricos, sociais, ambientais e culturais para toda a estrutura hídrica e de lama que permeia o corpo do Recife. Chico Science e Nação Zumbi, com sensibilidade, capturaram e transmitiram as nuances dessa paisagem recifense, seus rios e manguezais, revelando uma perspectiva única e enriquecedora.

2. VALORES DA PAISAGEM: OS SIGNIFICADOS DOS RIOS E MANGUEZAIS DA CIDADE DO RECIFE

Os mangues e as águas desempenharam papéis fundamentais na configuração da fisionomia e história da urbanização do Recife, no entanto, essas águas não seriam de tanta importância assim “sem a valorização e vivificação pelo contato com o fator humano, sem a intervenção decisiva da força de vontade criadora dos grupos humanos que aí se assentaram e promoveram a humanização da paisagem.” (CASTRO, 1948, p. 81).

Castro (1967) destaca que foram os manguezais os primeiros ocupantes das terras do Recife, marcando o início desse processo. É nas paisagens naturais do Recife, marcada pelos rios e manguezais, que a cidade se ergue.

A cidade assenta nas terras baixas de uma extensão planície aluvional que se estende desde as costas marinhas, frisadas, em quase toda sua extensão por uma linha de arrecifes de pedras, até uma cadeia irregular de outeiros terciários, que a envolvendo em semicírculo, a separa das terras mais onduladas do interior. É essa planície constituída de ilhas, penínsulas, alagados, mangues e paúis, envolvidos pelos braços d'água dos rios que, rompendo a passagem através da cinta sedimentar das colinas, se espriam remansosos pela planície inundável. (CASTRO, 1948, p. 16)

A história do desenvolvimento urbano do Recife é ligada a um conflito persistente entre a cidade e os manguezais. Essa tensão entre a expansão urbana e a preservação dos manguezais deu origem a uma variedade de significados e valores atribuídos às paisagens do Recife pela sua população. Diferentes grupos sociais e culturais interagem com as águas que atravessam a cidade, influenciando assim a maneira como percebem e valorizam essas paisagens. Segundo Castro (1948, p.87) “A experiência cultural de um determinado grupo, decidiu da preferência de localização da cidade [...]” Ou seja, a valorização de uma paisagem natural influencia nas relações humanas, e vice e versa.

Atenta-se que os valores e significados atribuídos as paisagens podem acabar confundindo-se com o conceito de lugar, entretanto a paisagem vivenciada torna-se lugar enquanto síntese da experiência localizada, incluindo o que imaginamos, as vistas, histórias, sentimentos e conceitos. (RIO, 1995)

No estudo publicado na revista *Paisagem e Ambiente: Ensaio* por Bezerra e Melo (2014), foi investigada a diversidade de valores e significados atribuídos ao rio Capibaribe e ao manguezal do Pina por diferentes grupos sociais e culturais que habitam distintas áreas da cidade do Recife. A pesquisa utilizou questionários e entrevistas para compreender essas percepções e significados que esses elementos naturais possuem para a população local.

Diferentes grupos sociais e culturais atribuíram distintos significados e valores, influenciados pela interação direta com o ambiente e pela sua percepção na sociedade:

- Em relação ao rio Capiberibe, moradores ribeirinhos de baixa renda enfatizaram a importância do rio como uma fonte vital de subsistência. Para eles, o rio representa um organismo vivo e uma fonte de alimento. Além disso, valorizaram a beleza natural do rio. Esse grupo cultural e social também destacou a presença de perigos e a natureza como elementos significativos, influenciados pelas ameaças das cheias e pela violência evidente na região, decorrente das disputas já mencionadas. Essas experiências cotidianas moldaram a sua relação e percepção do rio. Por outro lado, os ribeirinhos com uma renda mais alta atribuíram um valor estético ao rio, admirando sua beleza natural. Além disso, especialistas em planejamento urbano e ambiental ressaltaram os aspectos biológicos e geofísicos do rio, relacionando-o à vida e suas potencialidades ecossistêmicas. Os ambientalistas também expressaram preocupação com a poluição do rio, conectando-a ao seu significado. Os especialistas e estudiosos consideraram o rio Capibaribe como um ponto de referência na paisagem urbana, atribuindo um forte valor afetivo a ele. Para muitos representantes de classe alta e outros grupos culturais, o rio simboliza a própria cidade do Recife.
- Em relação ao manguezal do Pina, para os moradores ribeirinhos de baixa renda, o valor utilitário foi o mais evidente, pois dependem da pesca e dos recursos proporcionados pelo ecossistema do mangue para sustento. Além disso, ressaltaram o valor afetivo e de identidade, pois suas vidas estão profundamente ligadas a esse local, estabelecendo uma relação profunda de subsistência e experiência cotidiana. Os moradores ribeirinhos de renda mais elevada, por sua vez, destacaram a beleza natural do manguezal, embora tenham manifestado uma rejeição em relação ao "elemento mangue" devido à sua associação com a pobreza e áreas de menor valor imobiliário. Os especialistas e estudiosos reconheceram o manguezal do Pina como um marco cultural na paisagem recifense, ressaltando sua importância como elemento histórico e cultural na paisagem urbana. Por outro lado, o poder público atribuiu ao manguezal um valor utilitarista voltado para o desenvolvimento da cidade, enfatizando seu potencial em termos de utilidade e crescimento urbano.

Essa diversidade de perspectivas e valores destaca a complexidade da relação entre os habitantes, especialistas e gestores públicos com o manguezal do Pina, revelando a interseção

entre aspectos econômicos, culturais, ambientais e sociais na construção de significados e valores associados a esse importante ecossistema na paisagem do Recife. Os rios e manguezais do Recife transcendem a mera configuração física da cidade, tornando-se uma paisagem cultural profundamente enraizada na interação entre o homem e a natureza. Essa interação confere à paisagem uma identidade singular, um mosaico de significados e valores que refletem não apenas a geografia, mas também a cultura da região.

Este estudo busca destacar a relevância da obra *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro, juntamente com as expressões artísticas de Chico Science e Nação Zumbi, na compreensão dessa complexa relação entre o ser humano, os rios, os manguezais e a cidade do Recife.

Josué de Castro, através de suas obras, proporciona uma visão abrangente das interconexões entre a população local e os recursos naturais, especialmente os manguezais e os caranguejos. Ele desvela as implicações sociais, econômicas e culturais dessa relação, mostrando como a paisagem molda e é moldada pelas vivências e lutas cotidianas dos habitantes locais.

Por outro lado, Chico Science e Nação Zumbi, por meio de sua música e manifestações artísticas, oferecem uma interpretação contemporânea e visceral dessa relação. Suas composições captam a essência da vida nas margens dos rios e manguezais, refletindo a identidade única do povo do Recife. Eles incorporam os sons, as cores e os desafios dessa paisagem em suas músicas, criando um elo emocional entre a população e sua terra natal.

Assim, ao relacionar as perspectivas de Josué de Castro e a expressão artística de Chico Science e Nação Zumbi, este trabalho busca explorar a complexidade dessas paisagens e como ela está entrelaçada com uma identidade singular do Recife.

2.1. QUEM FOI JOSUÉ DE CASTRO?

Josué Apolônio de Castro, Cidadão do Mundo, foi um médico, professor, geográfico, cientista, militante e escritor nascido em 05 de setembro de 1908 em Recife, no estado de Pernambuco, Brasil e faleceu em 24 de setembro 1973 em exílio na capital da França durante o regime militar no Brasil.

Sua obra foi marcada por uma dedicação incansável ao estudo da fome, expondo as raízes desse fenômeno no Brasil. Ele lançou luz sobre a questão alimentar, identificando as causas sociais subjacentes à fome e à miséria que afligiam o povo brasileiro. Josué de Castro foi um dos primeiros a defender a implementação do salário mínimo como uma forma de garantir a segurança alimentar das famílias. Formulou ainda, para o governo, uma política de merenda escolar com o objetivo de reduzir a subnutrição infantil, além de ser um veemente defensor da

reforma agrária, convencido de que a agricultura familiar fixaria o homem ao campo e garantiria a produção de alimentos necessária para a superação da miséria.

Graduou-se em medicina em 1929, na Universidade do Brasil (UB) atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Rio de Janeiro. Publicou 22 livros e foi traduzido em 25 idiomas. Apesar de não ser formado em geografia, contribuiu muito para e com ela, se tornando um dos maiores pensadores sobre a alimentação da Geografia.

Foi eleito em 1942 presidente da Sociedade Brasileira de Nutrição, criando o Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS); fundou em 1946 o atual Instituto de Nutrição Josué de Castro – INJC da UFRJ ao qual foi o primeiro diretor; foi chefe do departamento técnico de Alimentação da Coordenação da Mobilização Econômica e membro. Entre sua formação em 1929 e o fim da segunda guerra mundial (1945), surgem obras como: *O problema fisiológico da alimentação no Brasil* (de 1932), *As condições de vida da classe operaria no Recife* (de 1932), *O Problema da Alimentação no Brasil* (de 1934), *Alimentação e Raça* (de 1936), *A alimentação brasileiras à luz da Geografia Humana* (de 1937), *Documentário do Nordeste* (de 1937), *A festa das letras* (de 1937), *Fisiologia dos Tabus* (1938) e outras obras que serviram como uma base para suas principais obras *Geografia da fome* (de 1946) e a *Geopolítica da Fome* (de 1951), que lançaram o autor para o cenário internacional.

Também foi um pensador e ativista político e social no combate à fome no Brasil e no mundo. Em 1952 foi eleito Presidente do Conselho Executivo da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Entre 1945 e 1954 dirigiu a Comissão Nacional de Alimentação (CNA), da Federação Brasileira. Em 1955 a 1959 foi eleito deputado federal pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) por Pernambuco por dois mandados consecutivos em 1957, Josué de Castro fundou a Associação Mundial de Luta Contra Fome – ASCOFAM. Tornou-se Embaixador Brasileiro da ONU em 1963. Entretanto, 11 dias após o golpe político militar de 1964, teve seus direitos políticos cassados na primeira lista divulgada pelo AI-1, sendo exiliado para Paris pelos golpistas durante a Ditadura militar, onde continuou sua luta e advocacia pelos direitos humanos e a erradicação da fome.

Josué de Castro recebeu dois prêmios de projeção internacional: O Franklin Delano Roosevelt, concedido pela Academia de Ciências Políticas dos Estados Unidos no ano de 1952, e o Prêmio Internacional da Paz, conferido pelo Conselho Mundial da Paz no ano de 1954. Foi indicado por três vezes para o prêmio Nobel: em 1954, concorreu para o Nobel de Medicina, e nos anos de 1963 e 1970, ao Nobel da Paz.

Ainda em exílio, escreveu obras importantíssimas como: *Ensayos sobre el subdesarrollo* (de 1965), *Adonde v ala America latina* (de 1966), *Homens e caranguejos* (de 1967) e *Fome*,

um tema proibido (de 1983) obra póstuma, sendo os últimos escritos de Josué. Mesmo em exílio na França atuou como ativista social ao combate à fome e a miséria no mundo. Falecendo aos 65 anos de uma parada cardíaca, provocada pela saudade do Brasil e dos mangues. “[...] não se morre apenas de infarto agudo do miocárdio ou de glomeronefrite crônica, se morre também de saudades”. (CALIBAN, 2014)

O Cidadão do Mundo, não apenas legou suas obras ao globo, mas também incitou uma vontade ardente de combater as desigualdades sociais que afligem tantos. Sua dedicação à luta contra a fome e a miséria o tornou uma das grandes referências para Chico Science e Nação Zumbi, especialmente através da obra *Homens e caranguejos*.

Essa inspiração foi um dos pilares fundamentais do movimento manguebeat, que emergiu na cena cultural do Recife e reverberou nacionalmente. Josué de Castro não é apenas um ícone intelectual, mas uma figura vital na história e identidade da cidade do Recife. Sua influência transcendeu gerações, impulsionando um movimento que almejava não apenas transformar a música, mas também a sociedade, desafiando desigualdades e celebrando a diversidade cultural do Brasil.

2.2. CIDADE, MANGUE, HOMENS E CARANGUEJOS

Nas narrativas que orbitam em torno do ciclo do caranguejo, na obra *Homens e caranguejos* de Josué de Castro que compõe o *corpus* desta pesquisa, de maneira persistente descreve as paisagens sombrias do mangue. Essas representações das paisagens naturais, sociais e humanas, têm origem em suas lembranças de infância, quando ele era apenas um menino e cultivava uma relação íntima com os manguezais e seus habitantes, tanto os homens quanto os caranguejos.

Castro (1957, p. 27) explica o ciclo do caranguejo como:

A lama misturada com urina, excremento e outros resíduos que a maré traz, quando ainda não é caranguejo, vai ser. O caranguejo nasce, vive dela. Cresce comendo lama, engordando com as porcarias dela, fazendo com lama a carinha branca de suas patas e a geleia esverdeada de suas vísceras pegajosas. Por outro lado, o povo daí vive de pegar caranguejo, chupar-lhe as patas, comer e lambe os seus cascos até que fiquem limpos como um copo. E com a sua carne feita de lama fazer a carne do seu corpo e a carne do corpo de seus filhos. São cem mil indivíduos, cem mil cidadãos feitos de carne de caranguejo. O que o organismo rejeita, volta como detrito, para a lama do mangue, para virar caranguejo outra vez.

Os "homens-caranguejos" representam uma metáfora poderosa, sendo seres híbridos que incorporam características tanto dos caranguejos quanto dos seres humanos. Essa fusão simboliza sua ligação íntima do ser humano com a paisagem natural dos mangues, um ambiente

onde a terra e a água se entrelaçam, e onde compartilham a lama, local de moradia, esconderijo e fonte de alimento.

Essa metáfora ilustra a relação simbiótica entre o homem-caranguejo e o mangue, onde ambos dependem e se adaptam a esse ecossistema. Da mesma forma que o mangue é vital para o caranguejo, é também crucial para o homem, especialmente para o retirante que foge da seca no Nordeste. Além disso, o homem-caranguejo simboliza o morador marginalizado, uma consequência do processo de segregação espacial na cidade do Recife. “Os mangues do Capiberibe são o paraíso do caranguejo. Se a terra foi feita p’rô homem, com tudo para bem servi-lo, também o mangue foi feito especialmente p’rô caranguejo. Tudo aí, é, foi ou está para ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela”. (CASTRO, 1957, p. 27)

Esse paralelo reflete as lutas e desafios enfrentados pelos habitantes que habitam essas regiões e que compartilham uma relação profunda com o mangue e os caranguejos.

Na obra *Homens e Caranguejos*, Josué de Castro apresenta uma visão peculiar e simbólica da semelhança entre o homem habitante dos manguezais do rio Capiberibe e os caranguejos. Essa representação é revelada através da visão do personagem central, o menino João Paulo. “João Paulo era o filho mais novo do caboclo Zé Luíz. E o mais trabalhador. Eram três irmãos homens e uma mulher – como dizia d. Joaquina, mãe deles.” (CASTRO, 1957, p.29)

Era pequeno quando a família Silva, moradora dos mangues e do mocambo da cidade do Recife, originária do sertão, foram descendo até o mangue do Rio Capiberibe devido a seca de 1947, expulsos pela fome, em busca de melhores condições de vida. “A FAMILIA SILVA mora nos “mangues” da cidade do Recife, num “mocambo” que o chefe da família fez quando chegou de cima” (CASTRO, 1957, p. 25). Era um ótimo caçador de caranguejo e discípulo de padre Aristides na caça dos goiamuns e admirador dos conquistadores do mangue, os homens caçadores de caranguejos ou “cavaleiros da miséria” e os caranguejos. Para João Paulo, estas figuras humanas são como heróis das antigas histórias dos cavaleiros armados que escutava de Cosme, um sujeito, morador dos mocambos, que ficou paralitico por uma doença conhecida como *beribéri*, uma doença da fome, uma paralisia provocada pela fome de alimentos frescos.

Para João Paulo, estes homens, cavaleiros da miséria, com suas armaduras de barro, e os caranguejos, com suas duras carapaças, são os heróis de um mundo à parte, são membros de uma mesma família, de uma mesma nação, de uma mesma classe: a dos heróis do mangue. E João Paulo se sente como se fosse um filho dessa família. Sente-se inconscientemente identificado com estes seres, fraternalmente ligado aos homens e aos caranguejos, conquistadores do mangue. (CASTRO, 1967, p. 46)

Ao descrever a cena de caçadores de caranguejos imersos na busca pelos crustáceos, com seus corpos envoltos numa carapaça de barro como uma espécie de armadura contra os

insetos, o autor revela o homem metamorfoseado em caranguejo e a identificação desse sujeito com o ambiente do mangue. Assim como os caranguejos que possuem uma carapaça protetora, os habitantes dos manguezais também desenvolvem estratégias para se protegerem e se adaptarem ao seu ambiente, nesse caso, contra os incômodos provocados pelos mosquitos e muriçocas.

Segundo um diálogo entre caçadores de caranguejos, “[...] esfrega mais lama no corpo, José, se não os mosquitos te comem vivo.” (CASTRO, 1967, p. 46), nos revela a relação entre o homem e a natureza, refletindo não apenas uma condição física, mas também uma adaptação cultural e comportamental ao ecossistema do mangue. É uma metáfora que revela a integração profunda e a dependência mútua entre o ser humano e os rios e manguezais.

Figura 3 – João Paulo, o menino caranguejo



Autor: João Victor Bergamo de Siqueira (2022), inspirado em Josué de Castro

A ilustração acima, criada pelo autor desta pesquisa é uma representação vívida e emotiva do conteúdo explorado no livro *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro. Essa obra é realmente emocionante, pois retrata de forma detalhada e sensível a vida dos moradores dos mocambos e alagados do Recife, em específico da aldeia Teimosa. Através dessa representação visual de um híbrido entre o caranguejo e ser humano com um olhar triste, busca-se transmitir a essência do livro e as condições de vida dessas comunidades, destacando a ligação entre os seres humanos e o ambiente natural do mangue, bem como as lutas diárias e as adversidades enfrentadas por essas populações marginalizadas. Essa ilustração serve também como reveladora do ciclo do caranguejo abordado por Josué de Castro, ao devolver o corpo baleado do menino João Paulo, caçador de goiamum, para a lama e assim manter o ciclo natural do caranguejo.

O personagem principal de *Homens e caranguejos* é a fome, que de fato não tem uma cara, mas sim muitas facetas, que são reveladas de maneira profunda e íntima pela narrativa de Castro (1967) e através das histórias de vida de seus “personagens”. Castro (1957a) revela em seu estudo outra face da fome, a carência de determinados elementos nutritivos nos alimentos consumidos, a chamada fome oculta, que diferentemente da carência alimentar quantitativa, relacionada a disponibilidade do alimento, a fome de minerais, proteínas e vitaminas, que são carências alimentares qualitativas, são consideradas até mesmo mais graves do que a falta de alimentos em si.

Não só a fome total, a verdadeira inanição que os povos de língua inglesa chamam de *starvation*, fenômeno, em geral, limitado a áreas de extrema miséria e a contingências excepcionais, como o fenômeno muito mais frequente e mais grave, em suas consequências numéricas, da fome parcial, da chamada fome oculta, na qual, pela falta permanente de determinados elementos nutritivos, em seus regimes habituais, grupos inteiros de populações se deixam morrer lentamente de fome, apesar de comerem todos os dias. (CASTRO, 1987, p. 26)

Os personagens do romance, moradores dos mocambos dos alagados do Recife, se revelam muito mais do que sujeitos fictícios. Esses sujeitos revelam fenômenos sociais que se personificam na obra a partir dos relatos e emoções contidas em cada narrativa de cada personagem.

Uma dessas personificações é Zé Luiz, pai de João Paulo, retirante que, juntamente com sua esposa e filhos, migraram da seca do sertão em busca de fugir da fome. “Porque quando viemos do interior foi aqui que encontramos a nossa terra da Promissão, o nosso paraíso”, responde Zé Luís com uma voz tranquila.” (CASTRO, 1967, p. 32), no caso o paraíso dos caranguejos, e dos homens-caranguejos.

E Zé Luiz evoca para seus ouvintes, a sua grande luta buscando escapar ao cêrco da fome e da morte. Conta que, pelos caminhos ásperos, as solas de suas alpercatas iam batendo no chão como uma matraca e que, pensamentos trágicos começaram, também, a matraquear sua cabeça dolorida: Quando acabaria esta sêca terrível? O que acabaria primeiro: a sêca ou a sua família? O que seria melhor: morrer de fome e de sêde na sua própria terra ou emigrar para morrer de fadiga e de vergonha na terra dos outros? [...] (CASTRO, 1967, p.74)

Idalina, é mais um dos personagens da obra, uma mulher negra, solteira, que cuida sozinha de seu neto, Oscarlindo, que foi abandonado pela sua filha, Zefinha, que fugiu de casa para foi viver uma outra vida, diferente daquela que se enraíza sobre a miséria. Idalina chegou na Aldeia Teimosa, uma vila de aglomerados de mocambos no mangue do Rio Capiberibe, pela vergonha de sua filha ter fugido de casa para ganhar a vida nas noites. Idalina cuida de um porco Baé e o alimenta com restos de comida que seu neto buscava na casa dos ricos. “[...] porco que Idalina cria com a esperança de engordá-lo com os restos do lixo das casas ricas, e vendê-lo no Natal por bom dinheiro.” (CASTRO, 1967, p. 36) para poder comprar uma roupa para o neto.

Baé, o porco, para Idalina era literalmente um cofrinho, ao qual engorda de dinheiro. O porco é tão importante para a mulher que quando acorda desesperada no dia das enchentes do rio Capiberibe, que alagava e tentava a força arrastar as moradias que ousavam em se erguer em suas terras, se preocupou com o porco, antes mesmo de se preocupar com seu neto. Mostrando o desespero e a necessidade de dinheiro para ter certa qualidade de vida, a ponto de até mesmos darmos mais importância para o dinheiro do que para a vida.

Outro personagem é o Cosme, que conta a história de muitas pessoas retirantes da seca ou vítimas dos monopólios. Cosme, o paralítico, nascido no sertão nordestino, morador dos mocambos da aldeia Teimosa em Recife, vivia em seu barraco com jornais e um espelho ao qual usava para ver pela janela o reflexo do movimento e o que se acontecia na comunidade. Liderou o movimento de resistência contra a ordem dos homens da lei não construir É um retirante da seca de 1887, como Zé Luiz.

Há dezoito anos, bem antes que João Paulo tivesse nascido, Cosme ficou paralítico das pernas: caiu na cama para nunca mais se levantar. Isolado do mundo, jogado como um trapo no fundo do seu mocambo, sua única diversão é aquêle pequeno espelho de mão com o qual êle se comunica com o mundo. Deitado com a cabeça junto à janela baixa do seu mocambo, Cosme orienta a luz do seu espelho na direção da estrada que cruza lá longe na beira do rio, por onde está passando agora João Paulo, e naquele pedaço de vidro êle capta sempre um reflexo da vida que passa. E com êstes reflexos de vida, êle vai alimentando a sua, vida de trapo. Aquêle espelhinho de mão constitui todo o seu mundo, o mundo limitado de suas sensações. (CASTRO, 1967, p. 39-40)

Esse personagem nos revela que pior que a seca é o monopólio, que o expulsou de sua profissão de vender algodão na região do sertão. “Foi o monopólio, dizia êle, que é um monstro

bem mais Impiedoso do que a sêca. Ademais a sêca chega e depois vai embora, e a gente que ela expulsou pode voltar às suas terras. O monopólio, não. Quando ele chega e se instala numa região, não sai mais.” (CASTRO, 1967, p. 62)

Cosme narra como derrepente saindo de um cabaré, deixou de sentir suas pernas. “[...] Era o beribéri subindo-me pelas pernas acima e tomando conta de meu corpo. Era a paralisia provocada pela fome de alimentos frescos que, naquela noite, me jogava na cama, de onde eu jamais me levantaria com as minhas próprias pernas. [...]” (CASTRO, 1967, p. 65). Cosme revela a face da fome de nutrientes, e não necessariamente do alimento. Castro (1957a, p. 61) diz que as deficiências em proteínas, em sais minerais e vitaminas, das mais variadas categorias, são mais graves do que uma carência quantitativa de alimentos. Na época do ocorrido, Cosme trabalhava em Manaus coletando borracha, tornou-se um homem importante para o monopólio da borracha na região Amazônica, “Só comia coisas importadas da Europa: carne e feijão enlatados, verdura, legumes e fruta de conserva, chocolates e vinhos finos” (CASTRO, 1967, p. 64).

O beribéri é uma típica doença de carência, e foram mesmo os estudos experimentais visando a esclarecer sua etiologia que marcaram o ponto de partida das grandes descobertas no campo da vitaminologia. O beribéri típico, tanto em sua forma hidrópica, acompanhado de edemas e de graves fenômenos circulatórios, como em sua forma seca, predominantemente paralítica, é hoje uma raridade na Amazônia. (CASTRO, 1957a, p. 78)

A narrativa revela não apenas a fome total, mas também a fome oculta, a carência de nutrientes, e personifica fenômenos sociais através das histórias de vida dos personagens.

Castro (1987, p. 89) vai associar o declínio da doença do beribéri na Amazônia com a saída do monopólio da borracha na região Amazônica:

A partir do momento em que se acabou o monopólio da borracha, em que o produto da planta cultivada no Extremo Oriente concorreu e sobrepujou o da planta nativa do Vale Amazônico, com a crise econômica que então surgiu, com os preços da borracha caindo assustadoramente, os negociantes do produto abrindo falência, a economia da região em colapso, o beribéri, como se fosse alimentado por esta própria economia, também começou a declinar. E quando o ciclo da borracha [pg. 95] se encerrou, o produto vindo a representar menos de 1% do volume da exportação brasileira, o beribéri desapareceu da região da borracha.

A obra apresenta personagens como João Paulo, que se identifica fraternalmente com os habitantes do mangue, os homens e os caranguejos, como Zé Luiz, Idalina e Cosme, que personificam as diversas faces da fome e as lutas contra a miséria. Cada um desses personagens revela intimamente o conteúdo dos estudos sobre a fome de Josué de Castro.

Os seres híbridos, meio humanos, meio animais, revelados em sua obra, simbolizam a complexa relação entre as pessoas e o ambiente em que vivem. Eles compartilham a mesma

lama, as mesmas dificuldades, do mesmo passado, as mesmas lutas por sobrevivência e as mesmas violências provenientes de um sistema político-econômico desfavorável e explorador. Josué de Castro, por meio de sua literatura, habilmente expõe e critica a injustiça social e ambiental que permeia a vida nos manguezais. Ao retratar a paisagem e a vida no mangue, ele faz paralelos entre os seres humanos e os caranguejos, destacando a interconexão entre ambos e expondo suas semelhanças e vulnerabilidades.

O álbum *Da Lama ao Caos* de Chico Science e Nação Zumbi apresenta um rico simbolismo que reflete a realidade social e ambiental, especialmente a transição do ambiente do mangue para a cidade e as transformações que ocorrem nesse processo. O quadrinho presente no encarte do álbum, que menciona o ser híbrido chamado "chamagnathus granulatus sapiens", é uma metáfora poderosa que destaca a contaminação e a mutação que ocorrem quando o homem deixa o manguezal.

A música *Cidadão do Mundo*, do álbum *Afrociberdelia* (CHICO & NAÇÃO ZUMBI, 1996) também traz versos marcantes que descrevem essa transformação, simbolizada pela transmutação do homem em "gabiru" ao sair do mangue e adentrar a cidade.

Daruê malungo, Nação Numbi/ É o zum zum zum da capital/ Só tem caranguejo esperto/ Saindo deste manguezal

O sol queimou, queimou a lama do rio/ Eu ví um chié andando devagar/ E um aratu pra lá e pra cá/ E um caranguejo andando pro sul/ Saiu do mangue, virou gabiru. (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1996)

Essas analogias nos despertam reflexões com temas e fenômenos estudados pela geografia e pelas humanas em geral, como a migração urbana, êxodo rural, imobilidade social. O caranguejo andando pro Sul pode ser entendido como o retirante expulso do Nordeste pela fome em direção ao sul em busca de qualidade de vida e oportunidades, e encontrando a mesma miséria que estavam vivendo na no sertão nordestino, nas cidades, por isso ao sair do mangue, deixa de ser caranguejo e se metamorfoseiam em gabiru², vivendo em tocas, em morros, em casebres e em velhos sobrados abandonados. (PORTELLA et al, 1992)

Essas interpretações conectam-se a temas relevantes estudados pela geografia e outras ciências humanas, como migração urbana, êxodo rural e imobilidade social. Traz à tona a dura realidade enfrentada por aqueles que buscam oportunidades em novos lugares, muitas vezes confrontando-se com a persistência da miséria e desigualdade, tanto nos manguezais quanto nas cidades.

² Espécie de rato comum as cidades. "Gabiru é rato de esgoto, conhecido das cidades." (PORTELLA et al, 1992, p. 7)

Além disso, Josué de Castro revela uma segregação espacial e urbana que marginaliza e desumaniza os habitantes dos manguezais. A marginalização e a falta de acesso a condições dignas de vida são aspectos cruciais dessa realidade. Sua literatura nos provoca reflexões acerca de uma necessidade de justiça social e ambiental, ou uma desorganização do sistema atual, buscando despertar uma consciência coletiva sobre os desafios enfrentados por essas comunidades e o meio ambiente em que vivem. “E a cidade do Recife inchava, embebida daquela tinta grossa da miséria formando sua crosta de mocambos. A metrópole pernambucana ia virando uma mocambópolis. E foi por isso que o governador do Estado de início a uma grande campanha contra os mocambos.”. (CASTRO, 1967, p. 98).

A análise de Corrêa (1995) sobre a segregação espacial destaca que essa segregação é um processo que surge a partir do controle exercido pela classe dominante, ou uma de suas frações, como o mercado de terras, a incorporação imobiliária e a construção. Esse controle direciona seletivamente a localização dos diferentes grupos sociais no ambiente urbano.

A partir dessa ótica, a classe dominante ou setores privilegiados da sociedade manipulam o acesso à terra e ao mercado imobiliário de forma a consolidar e manter sua posição de poder e privilégios. Eles determinam onde determinados grupos sociais podem viver, trabalhar e acessar serviços essenciais com base em seus próprios interesses e objetivos.

Essas intervenções nas paisagens urbanas criam divisões nítidas, segregando grupos sociais em áreas específicas da cidade. Essas áreas podem variar em termos de infraestrutura, serviços, qualidade ambiental e oportunidades de emprego, amplificando as desigualdades sociais e econômicas já existentes. Essa segregação espacial muitas vezes resulta em comunidades marginalizadas, enquanto outras áreas são reservadas para desenvolvimento centralizado higienista e elitista.

Josué de Castro, em sua obra, ilustra de forma contundente a relação intrínseca entre os mocambos e os alagados em Recife, expondo as desigualdades socioeconômicas existentes na cidade destacando a situação dos seres humanos marginalizados, deixados à própria sorte pelo governo. Os mocambos persistiam de pé "porque teimavam em existir e em crescer contra a vontade e contra as ordens do governo. No peito e na marra, como diziam em sua linguagem de gíria.". (CASTRO, 1967, p. 102)

Essa passagem revela a resistência dos habitantes dessas áreas marginalizadas contra as ações do governo. Apesar de estarem constantemente ameaçadas, de um lado pelas águas do rio e de outro pela especulação imobiliária, eles persistiam e buscavam sobreviver e crescer em meio a um ambiente hostil e negligenciado, a ponto de recusar ajuda do governo, que só havia interesse em arrecadar eleitores para as eleições.

Apareceu no bairro o Januário, nomeado recentemente sub-delegado da zona, oferecendo ajuda em materiais, para a construção de casas a todos os moradores que, sabendo ler e escrever, se apresentassem no correr da semana na sede do partido do governo, para tirar seus títulos de eleitores ou para revalidá-los para as próximas eleições. (CASTRO, 1967, p 150)

Essa teimosia em existir, que dá o nome da Aldeia Teimosa, simboliza a resiliência e a força daqueles que, apesar das dificuldades, lutam para garantir sua presença e sua dignidade. “Entenda-se esta gente que, atolada na miséria sofrendo de tudo quanto é necessidade, se dá ao luxo de recusar ajuda do governo.”. (CASTRO, 1967, p. 150)

Governo aliado dos grandes proprietários que os havia expulsado das suas terras sem piedade. Que mandavam arrancar pelos capangas, suas roças de mandioca e de feijão, plantadas nos dias santos e feriados, só para que essas roças de pobre não sujassem, como manchas, o verde nobre dos canaviais. Governo de ricos que enchiam a pança com as verbas destinadas a melhorar a sorte dos flagelados. Este era o sentido da frase de Zé Luiz: - "Na minha fome quem manda sou eu.". (CASTRO, 1967, p. 150-151)

Josué de Castro e Chico Science, em suas respectivas obras, trazem à tona um fenômeno preocupante e profundamente injusto: a expansão descontrolada da cidade, que devora os manguezais e marginaliza sua população. A cidade, em seu crescimento voraz, amplia suas fronteiras, privilegiando os centros, as rodovias para o transporte de mercadorias e uma minoria favorecida que possui veículos próprios.

Esse desenvolvimento urbano desenfreado ocorre à custa dos moradores dos mocambos, que são gradualmente removidos, muitas vezes mediante ameaças e violência, de suas moradias, devido a obras da prefeitura ou especulação imobiliária., como podemos observar nas imagens da Figura 4, obtidas no Google Earth Pro, oferecem uma visão impactante da transformação ocorrida na região próxima ao Parque dos Manguezais e ao bairro de Pina a partir da análise superficial da paisagem.

A comparação entre as imagens de satélite de anos diferentes revela uma realidade preocupante: a população que residia às margens do rio foi deslocada para dar lugar à construção de uma via. Essa via em questão é a Via Mangue, sua construção não apenas resultou na remoção dos mocambos, mas também na degradação de parte do manguezal.

As imagens são para Cosgrove textos a serem decodificados e não formas que transmitem mensagens direta e imediatamente apreensíveis. Todavia, ao mesmo tempo, as imagens são construídas pelo geógrafo que, a partir de sua visão de mundo, para a qual a imaginação desempenha papel crucial, constrói representações sobre um dado aspecto da realidade. (CORRÊA, p. 16, 2011)

Essa triste realidade é especialmente evidente em áreas como o bairro Pinas em Recife, onde a população residente em mocambos foi "realocada" devido à construção de uma via que beneficia apenas uma pequena parcela da população. Essas ações refletem um desequilíbrio

social profundo, onde os interesses de uma minoria privilegiada muitas vezes se sobrepõem às necessidades e direitos fundamentais da maioria.

Figura 4 – Imagens do Google Earth da região dos mocambos (2009) e da nova Via mangue (2023) em Recife - PE



Fonte: Google Earth, elaboração própria

Esse processo de expansão urbana, ou colonização urbana da paisagem, que engole os manguezais e desloca comunidades inteiras, ilustra a necessidade urgente de um planejamento urbano mais sustentável e socialmente justo. As imagens corroboram com a situação abordada nas obras de Josué de Castro e nas músicas de Chico Science, onde a desigualdade e a marginalização são um reflexo das decisões urbanas que impactam drasticamente a vida das populações mais carentes.

2.3. OS RIOS E OS MANGUES DO RECIFE NO ROMANCE *HOMENS E CARANGUEJOS* DE JOSUÉ DE CASTRO

No olhar de Josué de Castro sobre a paisagem do Recife, o rio se destaca como o elemento principal, onipresente em suas diversas narrativas acerca da cidade. É como se o rio fosse a espinha dorsal da paisagem do Recife, influenciando profundamente a forma como ele a interpreta e representa. O Recife que ele retrata naquela época é profundamente entrelaçado

com os cursos d'água que o atravessam, e essa ligação vai além da simples geografia, alcançando inclusive aspectos históricos como a colonização holandesa. As águas, nesse contexto, não são apenas elementos físicos da paisagem, mas símbolos das relações que se revelam a partir delas

De acordo com Castro (1967), o mangue gradualmente se formou pela acumulação de materiais aluviais, incluindo sedimentos provenientes de áreas distantes, transportados pelos rios Capiberibe e Beberibe. Esse processo resultou na criação de pequenas elevações lodosas dentro da baía marinha, originadas pela precipitação e deposição dos materiais transportados pelos rios. A vida no mangue floresceu nessas elevações de solo frouxo, uma mistura instável de terra e água.

Como já mencionado anteriormente, tanto os rios quanto os manguezais carregam as marcas do passar do tempo em suas paisagens, e essas marcas contam histórias. Para Josué de Castro, os manguezais ao longo do rio Capiberibe se tornaram seus primeiros professores de história, com o rio sendo seu mestre inaugural, narrando a história dessa terra que, apesar de aparentemente desprovida de uma história convencional, tem muito a relatar.

Criei-me nos mangues lamacentos do Capiberibe cujas águas fluindo diante dos meus olhos ávidos de criança, pareciam estar sempre a me contar uma longa história. O romance das longas aventuras de suas águas descendo pelas diferentes regiões do nordeste: pelas terras cinzentas do sertão seco, onde nasceu meu pai e de onde emigrou na seca de 77 com toda a família, e pelas terras verdes dos canaviais da zona da mata, onde nasceu minha mãe, filha de senhor de engenho. Esta era a história que me sussurrava o rio com a linguagem doce de suas águas passando assustadas pelo mar de cinzas do sertão, caudalosas pelo mar de lama dos mangues, até cair nos braços do mar. (CASTRO, 1967, p. 18)

Foi à beira do Capibaribe que Josué de Castro testemunhou o impactante espetáculo da miséria, através dos rios descobriu que a fome não é um fenômeno exclusivo dos manguezais, ampliando sua compreensão sobre as complexidades dessa realidade em diferentes contextos sociais.

Os rios e os manguezais no romance *Homens e Caranguejos* são retratados como mais do que meramente uma paisagem física do Recife; eles são personificados como personagens centrais na trama da obra. No universo da obra, o mangue representa um poder criador, quase como um deus capaz de gerar e recolher sua própria criação. Castro (1967) expressa sobre a cidade do Recife: “Não há, portanto, qualquer dúvida de que toda esta terra que hoje flutua na superfície das águas, na baía entulhada do Recife, foi uma criação dos manguezais.” (CASTRO, 1967, p. 15)

Essa afirmação destaca a importância fundamental dos manguezais na formação do ambiente em que a cidade do Recife se desenvolveu, ilustrando sua influência marcante e o

papel vital que desempenharam na configuração da região. Os manguezais não são apenas uma parte da paisagem, mas uma força criativa e moldadora, fundamental para a própria existência da cidade.

O manguezal e suas águas são generosas e provêm abundantemente para o homem, mas também podem retirar tudo de volta quando desejarem. Abordaremos o significado dos rios e dos manguezais a partir dessas duas perspectivas apresentadas por Josué em seu romance: a do manguezal que oferece e gera vida, e a do manguezal que retira e reivindica sua criação para si novamente. Mas quem é o criador do manguezal?

“No manguezal, a terra não pertence a ninguém. É da maré. Quando ela sobe, se espalha e se estende, inundando toda a terra; mas quando ela baixa e se retrai, deixa expostos os montes mais altos” (CASTRO, 1967, p. 99). São nesses montes de terra descobertos que os mocambos se erguem, construídos pelos refugiados da seca do sertão nordestino, usando os materiais fornecidos pelo próprio ecossistema: varas e lama para as paredes, palha de coqueiro, capim seco e outros materiais para os telhados. Castro (1967) afirmava que “o manguezal é um grande parceiro. Fornecia tudo: casa e comida, abrigo e caranguejos” (CASTRO, 1967, p. 100). No entanto, como já mencionado, o manguezal é território da maré, das águas.

Tuan (2005, p. 101) em seu livro *Paisagens do medo* afirma que:

Documentos históricos raramente descrevem cenas de fome em toda a sua desolação e horror. Autoridades que testemunharam os desastres escreveram em um estilo formal e parece que omitiram seus sentimentos, talvez porque eles próprios tinham o suficiente para comer quando procuravam ajudar aos moribundos que se amontoavam ao redor deles.

Entretanto Castro (1967) revela em seu romance uma paisagem de terror, de medo, sobre as catástrofes naturais, no caso a enchente, sobre a fome e a miséria, a violência, vivenciada por essa população que vive as margens da incerteza a partir de memórias, das lembranças com as paisagens do mangue, de forma íntima e profunda, revelando sutilmente sentimentos genuínos.

Quando há muita chuva, os rios transbordam e assumem sua verdadeira forma de serpente, levando tudo em seu caminho, inclusive os mocambos e os indivíduos que moram as margens dos rios, cujas raízes não eram tão fortes e profundas quanto a vegetação do manguezal.

O homem põe e Deus dispõe. Deus abriu as comportas do céu no sertão e no agreste e as águas do Capiberibe e de seus afluentes começaram a subir vertiginosamente. Desde a Serra do Jacarás, no alto do sertão, que o rôlo d'água do Capiberibe foi inchando como uma cobra assanhada, arrancando barreiras, comendo pedaços de terra, e recobrando a mata verde com o vermelhão de suas águas barrentas. (CASTRO, 1967, p.129)

Castro (1967) sutilmente revela em sua obra duas paisagens da miséria, uma produzida pelo poder público e pela hierarquia social, à dos mocambos erguidos as margens do rio Capiberibe em contraste com as casas ricas, e outra produzida pela natureza, pela cheia das águas dos rios, uma força incontornável. Ou produzida por ambas. “Quando a cheia cresce, suas águas invadem a terra toda com a violência de uma paixão. Quando o seu furor de posse se esgota, as águas baixam, deixando à mostra todos os estragos desta paixão violenta: toda a sua obra de destruição marcada na pele da terra e na pele da gente” (CASTRO, 1967, p.145). Ou seja, revelam uma paisagem, e em ambas elas a fome persiste.

Vale ressaltar que, ao mesmo tempo em que são apresentadas essas duas perspectivas do manguezal, as águas nunca foram consideradas vilãs. As águas do rio, inclusive, alertam sobre o perigo iminente das cheias, quando fluem lentamente pelos manguezais, advertindo que "eles se agarrem com todos os galhos e raízes para suportar a violência da inundação" (CASTRO, 1967, p. 136). Se os verdadeiros vilões não são as águas dos rios, então quem são os verdadeiros culpados pelos destinos dos mocambos e dos habitantes dos manguezais?

2.4. REVELAÇÕES DAS OBRAS DE JOSUÉ DE CASTRO NAS COMPOSIÇÕES DE CHICO SCIENCE

Chico Science, uma das figuras icônicas do movimento mangubeat, foi profundamente influenciado pelo retrato da lama do mangue presente nas obras de Josué de Castro. Essa influência se manifestou de maneira marcante nos álbuns que produziu em parceria com a Nação Zumbi, *Da lama ao caos* (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994) e *Afrociberdelia* (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1996). Ambos os álbuns, produzidos por Chico e Nação Zumbi, de forma direta e indireta, fazem referência e reverenciam o legado e os estudos de Josué de Castro.

Em *Da lama ao caos*, o título por si só já é revelador de conteúdo, ao revelar a realidade e a complexidade dos manguezais, refletindo a colonização caótica e vibrante das paisagens urbana em detrimento das paisagens naturais do mangue. As músicas deste álbum capturam a energia, a diversidade e as tensões da sociedade contemporânea, muitas vezes trazendo à tona questões sociais e ambientais, como a fome e a degradação ambiental, refletidas nos estudos de Josué de Castro.

Em *Afrociberdelia*, por sua vez, expande essa fusão cultural e sonora, incorporando elementos eletrônicos e tecnológicos. Neste álbum, Chico Science e a Nação Zumbi continuam

a explorar as raízes e a identidade afro-brasileira, conectando-se, de forma simbólica, com a matriz cultural que permeia os manguezais.

Essa conexão entre a obra de Josué de Castro e a produção artística de Chico Science e a Nação Zumbi evidencia a influência profunda que o estudo e as revelações das paisagens humanas de Josué tiveram no movimento mangubeat. Chico Science, inspirado pela riqueza cultural e pelas complexidades socioambientais dos manguezais, traduziu essa influência em sua música, contribuindo para um movimento que não apenas revolucionou a cena musical, mas também levantou questões essenciais sobre a sociedade e a natureza.

A metáfora fisiológica entre a cidade, a sociedade e os caranguejos sintetizada no *Release Caranguejos com Cérebro* escrito por Fred Zero-Quatro, é uma clara derivação da influência marcante dos estudos e críticas de Josué de Castro. Esse manifesto, conhecido como o "1º Manifesto Mangubeat", bem como as expressões "manguegirl" e "manguemboy", encapsula essa conexão profunda entre a vida nos manguezais e a realidade urbana.

A crítica social de Josué de Castro apontava para o desafio de denunciar a miséria e as condições difíceis enfrentadas por uma população muitas vezes relegada à pesca e venda de caranguejos. Esse contexto socioeconômico e cultural foi uma preocupação central em sua obra, e Chico Science compartilhou dessa consciência.

Chico Science estava sintonizado com as narrativas e as críticas de Josué de Castro, e essa sintonia se reflete em sua música e no movimento mangubeat como um todo. O mangubeat não apenas revolucionou a cena musical, mas também serviu como veículo para levantar questões sociais e ambientais, denunciando desigualdades e desafiando normas estabelecidas. A partir dessa união entre as paisagens do mangue reveladas por Josué de Castro e a expressão artística de Chico Science, nasceu um movimento que transcendeu as fronteiras musicais, buscando uma transformação profunda na sociedade e na relação com o ambiente.

A música *Cidadão do Mundo* (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1996) é uma expressão clara dessa inspiração e da mesma natureza que permeia as obras de Josué de Castro. Na narrativa da música, um homem vai saciar sua sede em um canal, mas é confrontado por um capitão do mato, que o ataca em defesa da propriedade de seu patrão. Enfurecido por não poder saciar sua sede nem com água, o homem jura vingança contra o capitão e convoca importantes figuras da cultura negra e da resistência, como Dona Ginga, Zumbi dos Palmares, Exú Veludo e Mestre Salustiano, fundador do Maracatu Piaba de Ouro³.

³ Uma tradição cultural que remonta a senzalas dos engenhos e a resistência indígena.

A estrovenga girou/ Passou perto do meu pescoço/ Corcorviei, corcoviei/ Não sou nenhum besta seu moço/ A coisa parecia fria/ Antes da luta começar/ Na roda estrovenga surgia/ Girando veloz pelo ar/ Eu pulei, eu pulei/ E corri no coice macio/ Só queria matar a fome/ No canavial na beira do rio [...] Jurei, jurei/ vou pegar aquele capitão/ vou juntar a minha nação/ na terra do maracatu/ Dona Ginga, Zumbi, Veludinho/ E segura o baque do Mestre Salu/ Eu vi, eu vi/ a minha boneca vodu/ subir e descer no espaço/ na hora da coroação/ me desculpe senhor, me desculpe/ mas essa aqui é a minha Nação/ Daruê Malungo, Nação Zumbi/ é o zum zum da capital/ só tem caranguejo esperto/ saindo desse manguezal. (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1996)

A narrativa de Chico vai de encontro com a realidade da família do menino João Paulo, personagem principal da obra *Homens e caranguejos*, vindo de uma família originária do sertão.

O título "Cidadão do Mundo", recebido por Josué de Castro das Nações Unidas em reconhecimento ao seu trabalho no combate à fome, é referenciado por Chico Science na música. O conteúdo da composição de Chico destaca a necessidade de unir símbolos de resistência, como Zumbi dos Palmares, contra as injustiças, ressaltando a importância de conhecer a figura de Josué de Castro, como enfatizado por Chico no documentário *O Cidadão do Mundo – Josué de Castro* (ETERNO CHICO SCIENCE, 2020). Além disso, a produção intelectual de Josué sempre abordou as condições de vida e alimentação da classe trabalhadora, em específico da região do nordeste brasileiro, tornando-o uma referência global nesse âmbito. As músicas de Chico Science e Nação Zumbi refletem e destacam esses aspectos presentes nas obras de Josué de Castro.

Com o intuito de evidenciar mais esses aspectos abordados nas obras de Josué utilizadas para o trabalho, que também podemos notar nas músicas de Chico Science e Nação Zumbi, irei sistematizar algumas principais obras do autor por título, data de publicação, editora e um trecho de uma música de Chico e Nação Zumbi que se relacionam, mesmo que sutilmente, com o tema abordado em cada obra citada .

Documentário do Nordeste. 1957. Brasiliense. Música: O cidadão do mundo. Álbum: Afrociberdelia (1996)

“Eu pulei, eu pulei
E corri no coice macio
Só queria matar a fome
No canavial na beira do rio
Eu pulei, eu pulei
E corria no coice macio
Encontrei o cidadão do mundo
No manguezal na beira do rio”

Geografia da Fome: A fome no Brasil. 1946. O cruzeiro. Música: Da lama ao caos.

Álbum: Da lama ao caos

“Ô Josué, eu nunca vi tamanha desgraça
 Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça
 Peguei um balaio, fui na feira roubar tomate e cebola
 Ia passando uma véia, pegou a minha cenoura
 "Aí minha véia, deixa a cenoura aqui
 Com a barriga vazia não consigo dormir"
 E com o bucho mais cheio comecei a pensar
 Que eu me organizando posso desorganizar
 Que eu desorganizando posso me organizar
 Que eu me organizando posso desorganizar”

Homens e caranguejos. 1967. Brasiliense. Música: Antene-se. Álbum: Da lama ao caos.

“É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo
 Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos
 Entulhados à beira do Capibaribe, na quarta pior cidade do mundo
 Recife, cidade do mangue, incrustada na lama dos manguezais
 Onde estão os homens-caranguejos
 Minha corda costuma sair de andada, no meio da rua, em cima das pontes
 É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo
 Procurando antenar boas vibrações
 Preocupando antenar boa diversão
 Sou, sou, sou
 Sou, sou Manguieboy”

Essa análise destaca uma maneira de conectar as obras de Josué de Castro às músicas de Chico Science e Nação Zumbi, demonstrando como os temas presentes nos livros ressoam nas letras das canções, ainda que de forma sutil. Chico Science ressalta uma paisagem social e cultural e uma identidade singular que Josué revela em seus trabalhos.

Além disso na música *Da lama ao caos* (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994), há uma correlação com o livro *Geopolítica da Fome*, onde o compositor menciona o médico geógrafo em seus versos ao relatar os fenômenos causados pela fome. São abordados temas como a insônia por falta de comida, a violência decorrente da fome e a miséria, questionando a quem beneficiam os urubus, que simbolicamente representam o governo e o estado que parecem não agir para combater a subnutrição da população.

3. O MOVIMENTO MANGUEBEAT: DO MANGUE, DE JOSUÉ DE CASTRO, DE CHICO SCIENCE E DO MUNDO

O movimento Manguebeat ganhou força nos anos de 1990 e é uma expressão artística e musical que buscou conectar uma variedade de estilos musicais, incluindo ciranda, coco, maracatu, rock, soul, hip-hop, pop, entre outros, com o objetivo de unir a cultura popular mundial à cultura da juventude periférica do Recife.

Nos anos 1980, Recife enfrentava uma crise cultural, sendo chamada de "anos perdidos para a música pernambucana" por Teles (2000). Após o sucesso de artistas nos anos 1970, a cena musical local estagnou e perdeu destaque em 1980, enquanto os sucessos nacionais surgiam das regiões do sul e sudeste do Brasil. Além disso Recife passava por um cenário urbano e cultural sombrio no que se refere a desigualdade social e violência.

Nessa paisagem de uma seca cultural do Recife, surge, às ideias de Chico o som “Mangue”, que seria o aviso da enchente cultural que estava pra assolar a cidade do Recife, e deixariam marcas em suas paisagens até os dias atuais.

A primeira vez que a palavra “Mangue” surge na imprensa pernambucana foi na matéria publicada em junho de 1991. “O ritmo chama-se Mangue. É uma mistura de samba-reggae, rap, raggamuffin e embolada”, declarou Chico ao jornal. Mais adiante completou, imodesto: “É nossa responsabilidade resgatar ritmos da região e incrementa-los juntos a visão mundial que se tem. Eu fui além.” (CALÁBRIA, 2019, p. 43,44)

A narrativa presente no trecho acima se refere a uma entrevista cedida por Chico Science, um dos mentores da cena “Mangue” que posteriormente viria a ser um movimento social contracultura da época, o movimento manguebeat, ao *Jornal do Commercio* em 1991.

Essa integração da cena cultural periférica tendo o mangue como símbolo, com o contexto urbano, tecnológico e globalizado foi calorosamente recebida e propagada pela cidade do Recife, foi ganhando uma ampla aceitação entre a população do Recife. Isso se deu, em grande parte, pela profunda presença do mangue no cotidiano da população, tornando as letras e as ideias que emergem de suas músicas reveladoras da identidade da população do Recife. “O som Mangue carecia mesmo de uma explicação. Mas o mangue em si estava por demais entranhado no cotidiano dos moradores do Recife.” (CALÁBRIA, 2019, p 42)

Refiro-me ao fato de que a inserção local do movimento se dava não apenas em termos de uma “identidade pernambucana” vagamente definida, mas principalmente, através de uma conexão vivida com diversos aspectos da vida cultural local, incluindo movimentos socioculturais nas ditas “periferias”. (MENDONÇA, 2020, p. 10)

A cena cultural voltava a fervilhar como caranguejos no mangue, contagiando as paisagens culturais da cidade do Recife, e consolidando a cena cultural do Recife. “A cena, que agora também atendia pelo nome mangue ou Cooperativa Cultural do Mangue, ia se fortalecendo com a união das bandas em torno de festas e eventos” (CALÁBRIA, p. 44), como o festival Viagem ao Centro do Mangue, organizados Por Chico Science e Fred Zero-Quatro, mas também ganhou forças graças a habilidade da cena Mangue de se conectar com outras expressões culturais locais de Pernambuco, solidificando seu apelo e relevância dentro da comunidade.

A cena mangue, além de resgatar símbolos e características de diversas culturais e mistura-las com a lama, também revelou fenômenos sociais e esteve estreitamente ligada a críticas sociais, como pretendemos revelar ligações nas músicas de Chico Science e Nação Zumbi com temas sociais abordados por Josué de Castro.

A cena mangue encontra-se estreitamente ligada à crítica social. A maioria das bandas denuncia o impacto contraditório da modernidade sobre a periferia da periferia do capitalismo. No Recife, esses efeitos podem ser vistos na poluição dos rios e mangues, nas desigualdades extremas entre as classes sociais, no desemprego, nos baixos índices de qualidade de vida, na dominação política, bem como na pouca atenção dispensada às manifestações e bairros populares (MENDONÇA, 2020, p. 241)

No aspecto cultural, o impacto duradouro da cena Mangue foi significativo, influenciando não apenas a cena musical do Recife, mas reverberando por todo o Brasil e além. Suas raízes profundas, como as raízes da vegetação do mangue, na cultura periférica e sua mensagem de união, resistência e denúncia social o transformaram em um movimento emblemático, o movimento manguebeat, cujos ecos ainda ressoam e são apreciados até os dias de hoje.

Originado em Recife, o Manguebeat foi uma manifestação social e cultural que se utilizou da música como seu principal meio de expressão. Uma das características marcantes da cena Manguebeat era a metamorfose de gêneros musicais, refletindo a diversidade cultural local e ao mesmo tempo lançando luz sobre as profundas desigualdades sociais e econômicas enfrentadas pela população periférica da cidade do Recife na época. O movimento combinou a base rítmica e poética de tradições locais como a ciranda e o maracatu, com elementos do rock, hip-hop e outros estilos, resultando em uma sonoridade de identidade singular e inovadora.

Em 1993 em entrevista para o programa *Toda Hora* Chico Science junto com sua banda diz que “Recife, cidade estuária, onde a dois anos surgiu o movimento mangue, o movimento que tenta redimensionar, unir ritmos regionais a ritmos universais.” (NAÇÃO ZUMBI (OFICIAL), 2017)

Um dos maiores símbolos do Mangubeat, a banda Chico Science e Nação Zumbi, nasceu dessa identidade e dessa interligação com a comunidade. Segundo Mendonça (2020, p. 10) a própria criação dessa banda seminal foi um resultado direto de iniciativas educacionais e artísticas em bairros historicamente negligenciados pelo poder público. Projetos como o balé Majé Molê em Peixinhos e o centro cultural Daruê Malungo em Campina do Barreto desempenharam um papel fundamental na gênese do movimento. Eles não apenas forneceram uma plataforma para a expressão artística, mas também foram incubadoras de talento e criatividade que alimentaram e deram origem ao Mangubeat.

Essas raízes profundas nas comunidades pernambucanas consolidaram o Mangubeat como um fenômeno cultural genuinamente enraizado na identidade local. O movimento não apenas refletiu a diversidade cultural da região, mas também a fortaleceu, contribuindo para a preservação e evolução contínua dessa rica herança artística e musical. Até hoje, essa identidade perdura, servindo como um lembrete poderoso da vitalidade e originalidade da cultura pernambucana.

O Mangubeat não se limitou apenas à música; ele estabeleceu conexões significativas com diversas formas de expressão artística. Além da influência musical, o movimento deixou sua marca nas artes plásticas, na moda, no design, no teatro e no cinema. Essa colaboração entre o cinema e o Mangubeat ilustra a amplitude da influência cultural do movimento que invadiu todas as cenas. Um marco notável dessas interações foi o filme *Baile Perfumado*, lançado em 1996.

Baile Perfumado (2022) é um filme que incorpora a essência e a energia do Mangubeat, não apenas por meio da sua trilha sonora, mas também na narrativa e na estética visual. A trilha sonora, composta por artistas ligados ao movimento, entre eles Fred Zero-Quatro, Paulo Rafael, Ave Sangria, Chico Science, Lúcio Maia e Sérgio Siba Veloso, reflete a fusão de ritmos e estilos característicos do Mangubeat, enriquecendo a experiência cinematográfica e destacando a sinergia entre a música e a narrativa do filme. Outro filme que incorpora o é *Amarelo Manga* (2002). A trilha sonora do filme, elaborada por Lúcio Maia e Jorge Du Peixe da Nação Zumbi, apresenta uma fusão de elementos psicodélicos urbanos entrelaçados com símbolos característicos de diferentes regiões do Brasil. Além disso, a trilha sonora do filme conta com a participação de notáveis artistas como Fred Zero Quatro (em uma breve aparição no filme), Otto e BNegão.

Na apresentação do livro *Mangubeat: a cena, O recife e o mundo* (2020), Fred Zero-Quatro, vocalista da banda Mundo Livre S/A, diz que o mangubeat “não se trata apenas de música popular. É um intenso filme sobre hibridismos culturais. Centro e periferia. Sobre

territórios, fronteiras, antenas, geografia. Sobre identidades fluidas, não lugares, utopias” (MENDONÇA, 2020, p. 5). Fred se referência ao movimento como um filme pois nela é revelada uma paisagem do Recife, ouvir “mangue” é assistir Pernambuco através das películas visuais dos compositores e artistas do movimento.

Além de ser um movimento majoritariamente artístico, o Manguebeat possuía uma dimensão política e social evidente. Ao trazer à tona as adversas condições vividas nas áreas de mangue, onde a pobreza e a segregação predominavam na paisagem cultural do Recife. O movimento visava conscientizar a sociedade sobre as condições sociais, histórica e ambientais enfrentados pela população local. Essa consciência social era alimentada pela relação de diversas influências musicais e culturais, criando uma identidade singular e uma poderosa que clamava por mudança e igualdade.

Essa afirmação é revelada através do *Manifesto Caranguejos com Cérebro*, redigido por Fred Zero-Quatro. O manifesto ilustra a visão do movimento Manguebeat ao descrever-se como "uma antena parabólica enfiada na lama" (ZERO-QUATRO, 1994). Isso representa a essência do movimento, que busca romper com a concepção de que o centro é o único produtor de cultura, enquanto a periferia é meramente consumidora. Nesse contexto, a produção cultural em Recife emerge das condições adversas, simbolizadas pela lama, sendo disseminada para o mundo por meio de uma antena parabólica fincada nela.

Essa metáfora denuncia a realidade de miséria vivenciada pela cidade do Recife naquela época. Ao usar a imagem da lama, o manifesto destaca o ambiente de desafios e dificuldades que serviu de símbolo para o surgimento e desenvolvimento do Manguebeat. A antena parabólica simboliza a capacidade do movimento em transcender suas condições iniciais e conectar-se globalmente, levando a voz e a cultura da periferia para além de suas fronteiras locais.

Vários grupos artísticos se destacaram no âmbito do movimento Manguebeat, incluindo nomes notáveis como Mundo Livre S/A, Chico Science & Nação Zumbi (liderados por Du Peixe), Sheik Tosado, Mombojó, Mestre Ambrósio, Faces do Subúrbio, Dj Dolores, China, Karina Buhr, Banda Eddie, Via Sat, Querosene Jacaré, Jorge Cabeleira, entre outros. Esse rol de talentosos artistas contribuiu para solidificar o Manguebeat como um dos movimentos musicais mais importantes e influentes do Brasil, equiparando-se a movimentos icônicos como a Bossa Nova, Tropicália e Clube da Esquina.

Esses grupos musicais, com sua diversidade sonora e lírica, desempenharam um papel crucial na disseminação e consolidação dos ideais do Manguebeat. Suas músicas, muitas vezes uma fusão eclética de gêneros e influências, capturaram a essência da cultura periférica do

Recife e refletiram as questões sociais e políticas da época. Ao incorporar elementos regionais e universais, o movimento conseguiu atingir um público mais amplo, gerando um impacto significativo na cena musical brasileira e internacional. Assim como a Bossa Nova, Tropicália e Clube da Esquina marcaram épocas e redefiniram a música brasileira em suas respectivas eras, o Manguebeat trouxe uma revolução musical e cultural nos anos 90, representando as vozes da juventude periférica e denunciando as desigualdades sociais por meio de sua música autenticamente brasileira e globalmente relevante.

Segundo Mendonça (2020, p. 29) o “manguebeat” pode ser compreendido a partir de diversas perspectivas, a fim de abordar a polissemia na noção de “manguebeat”, a autora destaca três significados da palavra: Um ritmo ou batida, um movimento musical e uma cena. Afim de complementar as definições de cada significado da palavra, sistematizado por Mendonça, sistematizei uma nova compreensão que transcendem e complementam suas definições:

- **Ritmo ou Batida Inovadora:** O Manguebeat começou como uma inovação rítmica, uma batida criada por Chico Science e Nação Zumbi. Conhecido erroneamente como "beat do mangue", esse ritmo incorporou uma mistura única de maracatu de baque virado, funk, rap e influências de outros gêneros musicais, como a ciranda e coco. A sua designação ocorreu em 1991, quando Chico expressou sua vontade de criar algo original, algo que não se alinhava com os estilos musicais convencionais da época, e proferiu a famosa frase a Jorge du Peixe: "Não tem jazz, mambo, soul? Então vou fazer mangue." (CALÁBRIA, 2019, p. 41-42)
- **Movimento Musical Híbrido:** O Manguebeat representa um movimento musical singular, destacando-se pela combinação de diversas expressões culturais locais e regionais. Essa mistura eclética, marcada pela diversidade e pluralidade musical, reflete uma temática lúdica e crítica sobre a dinâmica da cidade do Recife, bem como uma interação com o cenário pop/rock global. O movimento visava transcender fronteiras, misturando elementos culturais tradicionais e contemporâneos de Pernambuco e do mundo.
- **Cena Cultural Autônoma:** Além de um ritmo e movimento musical, o Manguebeat também representa uma cena cultural autônoma. Esta cena se caracteriza pelo hibridismo e pela autonomia no processo de produção cultural, seguindo a filosofia "faça você mesmo". A música, embora central, foi apenas um dos meios dessa expressão. A cena mangue permeou várias esferas culturais, invadindo a cidade, os cinemas, as artes plásticas, o teatro, a moda, o design e a produção textual. A sua força

estava na transversalidade e na capacidade de se manifestar em diferentes formas de arte, resultando em uma revolução cultural marcante.

Já dizia o *Manifesto Caranguejo com Cérebro* (ZERO-QUATRO, 1994): "A lama da rapaziada, inicialmente manifestada na música, transcendeu suas fronteiras e permeou o cinema, o teatro, a moda, a literatura e, de fato, catalisou expressões artísticas em praticamente todos os domínios culturais."

O Mangubeat é uma representação vívida e contínua da identidade pernambucana, enraizada na riqueza e diversidade cultural e artística. Essa identidade está profundamente conectada a vários aspectos da vida cultural local e regional, e essa conexão é uma marca distintiva do movimento.

O ponto que culmina na gênese do Mangubeat como movimento foi, indiscutivelmente, o lançamento do *Manifesto Caranguejo com cérebro*, escrito por Fred Zero-Quatro e publicado sua versão final do encarte do disco do álbum *Da Lama ao Caos* em 1994 pela banda Chico Science & Nação Zumbi. Esse álbum inovador capturou a essência da fusão de ritmos característica do movimento, refletindo nas suas composições as paisagens e a dinâmica do Recife, frequentemente marcadas e influenciadas pela presença simbólica da lama do mangue.

As músicas presentes no álbum foram uma celebração da mistura de ritmos, incorporando elementos de maracatu, funk, rock, rap e outros gêneros musicais, criando uma sonoridade autenticamente brasileira e inovadora. As letras poéticas e impactantes exploraram a realidade urbana do Recife, dando voz às experiências da juventude periférica e expondo as questões sociais presentes na cidade, como a pobreza e a segregação.

Acompanhando o álbum, o manifesto *Caranguejo com Cérebro*, presente no encarte, conceituou a cena Mangubeat e delineou os princípios que norteariam o movimento. Esse manifesto foi uma peça fundamental na compreensão e divulgação das ideias e intenções do Mangubeat, apresentando uma visão clara e engajada sobre a cultura periférica do Recife, a desigualdade social e a necessidade de uma revolução artística e social.

Da Lama ao Caos não apenas marcou o cenário musical brasileiro, mas também projetou o movimento Mangubeat para um público mais amplo, deixando um legado duradouro que continua a inspirar e influenciar artistas e criadores até os dias atuais.

3.1. MANIFESTOS MANGUEBEAT

Neste t3pico ser3 estudado o cont3udo do *Manifesto Caranguejo com C3rebro*, escrito por Fred Zero-Quatro, presente no encarte do CD do 3lbum *Da Lama ao Caos* (1994) Figura 5, em busca de revelar as paisagens humanas, f3sicas e culturais presentes no manifesto.

Figura 5 – Encarte do CD do 3lbum *Da Lama ao Caos*



Fonte: CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI (1994)

No canto superior esquerdo da Figura 5 está localizado o manuscrito intitulado como *Caranguejos com Cérebro*. Sua primeira versão foi publicada em 1992 pelo *Jornal do Commercio*, um press release, que ficou conhecido como o primeiro manifesto do manguebeat, o manifesto Caranguejos com Cérebro 1992 e posteriormente a versão final, mas reduzida, do manifesto no encarte do disco *Da Lama ao Caos* (MENDONÇA, 2020). Seu conteúdo fortemente inspirado pelas paisagens físicas, humanas e culturais do Recife, dos mangues às cidades, dos mocambos aos arranha-céus, aprofunda 3 conceitos básicos que estruturam o Movimento Manguebeat e revelam seu caráter e sua identidade:

Mangue - o conceito:

Não é por acaso que os mangues são considerados um elo básico da cadeia alimentar marinha. Apesar das muriçocas, mosquitos e mutucas, inimigos das donas-de-casa, para os cientistas são tidos como símbolos de fertilidade, diversidade e riqueza.

Manguetown - a cidade:

A planície costeira onde a cidade do Recife foi fundada é cortada por seis rios. Após a expulsão dos holandeses, no século XVII, a (ex) cidade “maurícia” passou desordenadamente às custas do aterramento indiscriminado e da destruição de seus manguezais. Em contrapartida, o desvairio irresistível de uma cínica noção de “progresso”, que elevou a cidade ao posto de “metrópole” do Nordeste, não tardou a revelar sua fragilidade. Bastaram pequenas mudanças nos ventos da história, para que os primeiros sinais de esclerose econômica se manifestassem, no início dos anos setenta. Nos últimos trinta anos, a síndrome da estagnação, aliada a permanência do mito da “metrópole” só tem levado ao agravamento acelerado do quadro de miséria e caos urbano.

Mangue - a cena:

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. O que fazer para não afundar na depressão crônica que paralisa os cidadãos? Como devolver o ânimo, deslobotomizar e recarregar as baterias da cidade? Simples! Basta injetar um pouco de energia na lama e estimular o que ainda resta de fertilidade nas veias do Recife.

Em meados de 91 começou a ser gerado e articulado em vários pontos da cidade um núcleo de pesquisa e produção de ideias pop. O objetivo é engendrar um “circuito energético”, capaz de conectar as boas vibrações dos mangues com a rede mundial de circulação de conceitos pop. Imagem símbolo: uma antena parabólica enfiada na lama.

Oas mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em quadrinhos, tv interativa, antipsiquiatria, Bezerra da Silva, Hip Hop, midiotia, ativismo, música de rua, John Coltrane, acaso, sexo não virtual, conflitos étnicos e todos os avanços da química aplicada no terreno da alteração e expansão da consciência. (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994)

O manifesto caracteriza de forma direta as mensagens discretas e escancaradas presentes nas composições da trilha sonora do álbum *Da Lama ao Caos*. Nele podemos revelar de forma

objetiva a ligação da música com as paisagens da cidade do Recife que já revelamos no primeiro capítulo.

O manifesto inicia com uma definição de "mangue" como estuário, a parte final de rios ou lagoas onde a água doce se mistura com a salgada. Descreve os manguezais, áreas inundadas pelas marés, como ecossistemas altamente produtivos, abrigando uma diversidade de microrganismos e animais. Enfatiza a importância dos estuários para a pesca e para a cadeia alimentar marinha.

Define a história da cidade do Recife, situada em uma planície costeira atravessada por rios, anteriormente habitada pelos holandeses. Aborda a expansão desordenada da cidade e a destruição do ecossistema dos manguezais, tema de degradação ambiental tão presente nas obras de Josué de Castro. Destaca a rápida ascensão e eventual decadência econômica da cidade, levando à miséria e ao caos urbano.

No final revela a cena Mangue, que surgiu a partir da necessidade de revitalização da cidade do Recife, utilizando a metáfora de injetar energia nos manguezais para revigorar a cidade, que podemos compreender como incentivos públicos e culturais nas periferias para combater a desigualdade e o caos da cidade. Descreve a formação de uma cena e a produção de ideias pop, conectando a vibração dos mangues com a cultura pop.

Dentro do manifesto completo, diferente do manifesto do encarte, Fred Zero-Quatro introduz o conceito identitário dos "mangueboys" e "manguegirls". Estes são indivíduos interessados em elementos como hip-hop, o colapso da modernidade, o Caos, ataques de predadores marítimos (especialmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados na alteração e expansão da consciência.

Hoje, os mangueboys e manguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência. (ZERO-QUATRO, 1994)

Além disso, destaca que o Mangubeat catalisou várias expressões artísticas, transcendeu a música e influenciou campos como cinema, teatro, moda e literatura. O texto termina ressaltando o papel fundamental do movimento Mangubeat na produção cultural de

Pernambuco, inclusive sua bem-sucedida incursão no cinema com a trilha sonora do filme *Baile Perfumado*, como mencionado anteriormente.

O título do manifesto foi inspirado no livro do médico e geógrafo Josué de Castro, e contextualiza citações literárias de Josué com um cenário "pop" do mundo midiático internacional. Assim, a relação entre Josué e o movimento Manguebeat é equiparada à relação entre poesia concreta e Tropicália. “Temos fome de informação. Na imagem de Josué [de Castro], somos “caranguejos com cérebro”, como os pescadores que ele descreveu no livro *homens e caranguejos*. Eles pescam e comem caranguejos para depois excreta-los num ciclo caótico. Fazemos uma música caótica.” (GIRON, 1994. Apud MENDONÇA, 2020, p. 69).

De maneira sutil, o próprio encarte revela esses conceitos trazidos no manifesto e nas suas letras. É um caranguejo que ilustra a capa. O corpo do caranguejo é feito de recortes, fitas, retículas, representa além do caos colorido numa paisagem preta da lama, a colagem de gêneros musicais, amalgamados, sobrepostos, em interseções sutis, talhados a estilete. Vermelho, azul e amarelo são as cores do caranguejo. O fundo preto que representa a lama preta dos manguezais. (CALABRIA, 2020). A representação da ponte e da cidade no canto superior esquerdo da Figura 5, revela essa paisagem de rios e pontes da cidade do Recife. As tirinhas em quadrinhos revelam também a contaminação do mangue na cidade, contaminando não apenas as paisagens físicas, mas também nas paisagens culturais.

Após a morte precoce de Chico Science em um acidente de carro no dia 2 de fevereiro de 1997, foi escrito e lançado um novo manifesto, o Segundo Manifesto Mangue: *Quanto Vale uma Vida* (LIRA, 2014), escrito por Fred Zero-Quatro com colaboração de Renato L, e publicado no *Jornal do Commercio* em março de 1997 (MENDONÇA 2020) representa uma apaixonada celebração do sucesso do Manguebeat, um movimento cultural liderado pela banda Chico Science e Nação Zumbi. No cerne do manifesto está a reverência pelo groove inovador da banda e sua eclética fusão de elementos musicais. Reconhece a importância singular de cada membro da banda, destacando suas habilidades e traça a origem do movimento, enfatizando a combinação única de influências que o moldou.

Ancorado na efervescente cena musical do Recife, o texto pondera sobre o impacto da indústria musical e da atenção midiática sobre a autenticidade artística. Celebra o renascimento cultural que o Manguebeat trouxe à cidade, enquanto almeja uma projeção global através da indústria fonográfica. Destaca também a multiplicidade de formas de expressão artística que brotaram a partir desse movimento, abraçando moda, cinema e design.

O manifesto emana uma energia de renovação e resiliência, evidenciada pela contínua vitalidade do movimento mesmo após a prematura partida de Chico Science. Revela a noção

de que a arte é uma força vital capaz de revitalizar comunidades e incitar mudanças sociais e culturais profundas.

O texto se desdobra em quatro partes, as quais sintetizei as ideias para melhor compreensão de seu conteúdo:

- **Longa Vida ao Groove:** Inicia homenageando o groove inovador da banda, uma mescla eclética de elementos musicais que se tornou uma marca registrada do Mangubeat. Reconhece individualmente os membros da banda, destacando suas habilidades e o papel crucial que desempenharam para tornar o movimento único.
- **Buscando Respostas:** Reflete sobre o impacto da indústria musical e da mídia no Mangubeat, questionando como podem afetar a autenticidade de um movimento artístico. Celebra o renascimento cultural trazido por esse movimento em Recife, enquanto almeja uma comunicação global através da indústria fonográfica.
- **Uma Visita Muito Especial:** Revisita as origens do movimento, ressaltando a fusão de influências que o tornaram tão singular. Traz à tona a multiplicidade de expressões artísticas que surgiram a partir do Mangubeat, incluindo moda, cinema e design, refletindo sua abrangência cultural.
- **Manguetown: 5 Anos Depois:** Aborda a resiliência do movimento mesmo após a morte prematura de Chico Science, enfatizando a arte como uma força vital capaz de revigorar uma comunidade e inspirar mudanças sociais e culturais profundas. Expande a discussão para contemplar o valor da vida humana e evoca a determinação de lutar por um mundo melhor, unindo-se a movimentos de resistência históricos.

O manifesto conclui com uma mensagem inspiradora, incitando as pessoas a não apenas existirem, mas a viverem em busca de um propósito maior, valorizando o potencial de cada indivíduo para contribuir para uma transformação positiva. É um apelo para abraçar a utopia e buscar uma vida plena de significado e impacto.

3.2. O MANGUE EM MOVIMENTO: O CASO DE CHICO SCIENCE E NAÇÃO ZUMBI

Francisco de Assis França (1966 – 1997), mais conhecido como Chico Science, é um dos principais representantes da cena Mangu e do Movimento Mangubeat, junto com sua banda Nação Zumbi. Lançaram o álbum *Da Lama ao caos* no ano de 1994 que marcou o movimento

com as misturas de ritmos musicais e culturais regionais com o ritmo universal, universalizando e conceituando o Movimento Mangubeat em suas entranhas conceituais estudados no tópico anterior. Transcendendo fronteiras, alcançou sucesso internacional. “Essa coisa de envenenar os ritmos regionais, é pegar o que é regional, ligar pra um universal. É justamente essa histora da antena parabólica enfiada na lama em contato com todos os ritmos universais.” (NAÇÃO ZUMBI (OFICIAL), 2017)

Da Lama ao Caos, o álbum que marcou uma paisagem cultural, que ultrapassou fronteiras, revelando as paisagens físicas, sociais e culturais dos mangues e cidades do Recife é composta por 13 faixas musicais:

1. (Monólogo ao Pé do Ouvido) Banditismo Por Uma Questão de Classe (Chico Science)
 2. Rios, Pontes E Overdrives (Chico Science/Fred 04). Participação: Chico Neves
 3. A Cidade (Chico Science). Participação: Chico Neves/Jorge Du Peixe. Música Incidental: Boa noite do Velho Faceta (Amor de criança) (Faceta)
 4. A Praieira (Chico Science)
 5. Samba Makossa (Chico Science). Participação: Chico Neves
 6. Da Lama ao Caos (Chico Science)
 7. Maracatu de Tiro Certeiro (Chico Science/Jorge Du Peixe). Participação: André Jungmann
 8. Salustiano Song (Lúcio Maia/Chico Science)
 9. Antene-se (Chico Science). Participação: Chico Neves
 10. Risoflora (Chico Science)
 11. Lixo do Mangue (Lúcio Maia). Participação: Chico Neves/Liminha Grito
 12. Computadores Fazem Arte (Fred 04)
 13. Côco Dub (Afrociberdelia) (Chico Science). Participação: Chico Neves.
- (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994)

O conteúdo de suas letras e sonoridades, objetos de estudo deste trabalho, transcendem fronteiras no âmbito cultural e social, revelando mais do que uma paisagem do Recife, mas uma luta social e socioespacial.

Da lama ao caos é a cara do Recife. Estudo caótico, mesmo na lama ou em grandes centros urbanos. É como se o homem caranguejo saísse do manguezal e fosse até um centro urbano procurar outro modo de vida e de um lado e de outro ele é sempre roubado, sempre castrado de seus direitos, ele passa necessidade. (ETERNO CHICO SCIENCE, 2020)

Chico e Nação Zumbi, junto com outros integrantes da cena, não apenas moldaram uma nova sonoridade, mas também se tornaram uma voz poderosa ao denunciar a segregação socioespacial exacerbada pelo rápido crescimento urbano em Recife. Além disso, a banda se dedicou a resgatar e valorizar as paisagens naturais dos rios e manguezais da cidade, bem como a rica cena cultural da população marginalizada.

Emergência! Um choque rápido ou o Recife morre de infarto! Não é preciso ser médico para saber que a maneira mais simples de parar o coração de um sujeito é obstruindo as suas veias. O modo mais rápido, também, de infartar e esvaziar a alma de uma cidade como o Recife é matar os seus rios e aterrar os seus estuários. (ZERO-QUATRO, 1994)

O trecho citado do *Manifesto Caranguejo com Cérebro* de Fred Zero-Quatro, presente no encarte do álbum *Da Lama ao Caos* ilustra de forma intensa a urgência da situação. O Recife estava enfrentando uma emergência, uma crise profunda que ameaçava sufocar sua essência e vitalidade. A metáfora do infarto revela a gravidade do problema: a obstrução das veias naturais da cidade, os rios e estuários, estava resultando em um ataque cardíaco na alma da cidade. Esse colapso e esvaziamento não eram apenas físicos, mas também simbólicos, atingindo o âmago da identidade e cultura do Recife.

A urbanização intensiva e a transformação espacial comprometeram a integridade dos rios e mangues, colocando em risco o equilíbrio ecológico e a vida das comunidades associadas a esses ecossistemas. O manifesto não apenas diagnosticou essa ameaça, mas também apresentou propostas e ideias para combater essa situação crítica.

O Movimento Mangubeat, nascido dessas preocupações e ações, tornou-se um farol de consciência, ecoando além das fronteiras do Recife e do Brasil. Sua mensagem de preservação ambiental, justiça social e celebração da cultura marginalizada ressoou globalmente, marcando um capítulo significativo na história da música brasileira e da consciência ambiental.

Sem dúvida, o romance *Homens e Caranguejos* de Josué de Castro foi uma influência fundamental para o Movimento Mangubeat. Nele, a concepção do mangue como o "paraíso de cor negra dos caranguejos" foi introduzida, trazendo à tona a figura simbólica do "Homem caranguejo" ou do "caranguejo com cérebro". Os manguezais, descritos como pulsantes de caranguejos e habitados por seres humanos que compartilhavam uma conexão quase simbiótica com os caranguejos, ecoavam uma visão única e provocativa.

Essa visão inspiradora foi enraizada nos conceitos e na visão científica apresentados no clássico do pensamento social brasileiro, *Geografia da Fome*. Escrito por Josué de Castro, o livro denuncia as condições de fome e desnutrição enfrentadas por vastas populações no Brasil. Sua abordagem humanitária e análise crítica da desigualdade social deixaram uma marca

profunda e inspiradora, servindo de alicerce para a perspectiva transformadora adotada por Chico Science em suas composições.

Ao amalgamar as percepções artísticas e científicas de Josué de Castro, o Manguebeat transcendeu as barreiras da música e se tornou uma voz ativa na luta por justiça social, meio ambiente e preservação cultural. A referência ao "caranguejo com cérebro" encapsula a ideia de uma identidade híbrida, resiliente e inteligente, que representa não apenas uma espécie, mas uma comunidade e uma filosofia. Essa influência duradoura do pensamento de Josué de Castro fortaleceu a proposta do movimento Manguebeat de redefinir narrativas, promovendo uma conscientização crítica e cultural.

Chico Science, verdadeiro visionário pernambucano, transcendeu as fronteiras da música para se tornar um ícone cultural. Conhecido como o "marginal da música" segundo Calábria (2020), iluminou uma cena cultural antes apagada, especialmente para a juventude periférica. Sua visão audaciosa e inovadora tinha como objetivo central revigorar a cena cultural estagnada da cidade.

As composições de Chico Science são verdadeiramente atemporais, carregando uma essência subversiva e contracultural. Ele desafiou a cultura eurocentrada predominante, expondo suas perversões e seu histórico genocida. O cerne de suas músicas reside na valorização das culturas, das pessoas e de suas lutas. Ao resgatar histórias do passado e destacá-las, ele incitou uma reflexão sobre o futuro.

Em suas próprias palavras, ele expressou o desejo de navegar por essas narrativas, tanto as do presente quanto as do passado, para que possam refletir na construção do futuro. Reforça Chico em uma entrevista ao Programa Toda Música em 1996 “[...] vou navegando nessas coisas. No que tem hoje, no que tem no passado e refletir no futuro toda essa história [...]” (ETERNO CHICO SCIENCE, 1996).

Chico Science não apenas apresentou uma nova sonoridade, mas também trouxe uma voz crítica e provocativa que ecoou em um contexto mais amplo, desafiando paradigmas e inspirando uma geração a se engajar e buscar mudanças profundas. Sua influência perdura, continuando a inspirar aqueles que buscam transformar a sociedade e a cultura.

3.3. AS INFLUÊNCIAS DE JOSUÉ DE CASTRO NO MOVIMENTO MANGUEBEAT

Josué de Castro dedicou seus estudos a chamar a atenção para a fome e a miséria que assolavam e ainda afligem o mundo. Nascido em Recife, desde os primeiros anos de vida teve

contato com o problema da fome, especialmente ao observar a realidade dos manguezais do Capibaribe e os bairros carentes da cidade.

Além de suas atividades como médico e cientista, Josué de Castro era um escritor apaixonado, mesclando rigor científico e uma narrativa envolvente, quase romanesca, em suas obras. Ele admirava escritores capazes de retratar a vida humana de maneira universal, uma habilidade que, segundo ele, transcendia a dos cientistas. Na obra *Geografia da Fome*, ele prestou homenagem a escritores como Rachel de Queiroz e José Américo de Almeida, que abordaram a fome no Brasil, e também homenageou a memória de Euclides da Cunha e Rodolfo Teófilo, sociólogos da fome no país.

Desde a infância, Josué de Castro foi influenciado pelos manguezais do Capibaribe e pelos bairros carentes do Recife, onde a fome era uma triste realidade. Sua prática médica e sua preocupação com as condições de vida levaram-no a coordenar um inquérito em 1935, revelando que a fome era o grande problema dos operários de uma fábrica modelo, desafiando teorias ultrapassadas e preconceitos.

Josué de Castro produziu obras expressivas, insistiu que a fome não era um problema natural, mas uma consequência das ações humanas, das escolhas e da condução econômica dos países. Essa afirmação, inicialmente incompreendida, ganhou força ao longo do tempo e foi reconhecida por pensadores brasileiros e estrangeiros, desafiando tabus e evidenciando que a fome era uma questão política fundamental, não uma consequência do clima nordestino ou um castigo divino.

A visão crítica de Chico Science está profundamente ligada ao ambiente urbano e seus desafios, incorporando de maneira intrínseca a questão da fome. Ele simboliza poeticamente a cadeia alimentar, onde o mangue é tanto fonte tradicional de alimento quanto habitat natural. A cidade é retratada como um símbolo relacionado à humanidade, onde os habitantes buscam diariamente a subsistência nesse ecossistema hostil.

A influência de Josué de Castro nas composições de Chico Science e no movimento Mangubeat é inegável, especialmente no que diz respeito à temática da fome, miséria, manguezais e as complexidades urbanas. Josué de Castro, uma figura subversiva que enfrentou o exílio durante a ditadura, deixou um legado profundo na abordagem de Chico Science em suas músicas.

Em uma entrevista cedida por Chico Science *Ao Programa Toda Música* (ETERNO CHICO SCIENCE, 1996), o artista revela que:

A música vem bem em cima disso, vem da criançada, daquela coisa de sair do canavial, como se fosse a história de um garoto que está vindo ali do canavial. Vindo

do interior, exploração de mão de obra, dos trabalhadores forçados, a criançadas, aquela coisa toda... Então vem descendo e encontra o cidadão do mundo que é Josué de Castro na beira do manguezal, ai chega na cidade Recife. (ETERNO CHICO SCIENCE, 1996).

O trecho ressaltado acima vai de encontro com o retrato da família Silva, evocando trechos do *Documentário do Nordeste*.

Desceu do Cariri, na seca, perseguida pela fome. Fez uma paradinha no brejo, para tentar trabalho nas usinas, mas não pode aguentar os salários dessa zona, sem ter direito a plantar senão cana. Sem ter, nem ao menos o recurso do xiquexique e da macambira, como no sertão, para quando a fome apertasse. (CASTRO, 1957, p. 25)

A música *Cidadão do Mundo* do álbum *Afrociberdelia* (CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1996) é um tributo explícito ao título ganhado por Josué de Castro, destacando a admiração de Chico Science pelo humanista e sociólogo e a importância de Josué de Castro quando se fala das paisagens do Recife. Chico Science, em suas músicas, retrata a realidade das crianças vindas do interior para as cidades, exploradas e sujeitas a trabalhos forçados. Simbolizando essa trajetória na figura do "homem caranguejo", saindo do manguezal em busca de uma vida melhor na cidade, mesmo enfrentando adversidades e privações.

Outra canção significativa é *Da Lama ao Caos*, do álbum *Da Lama ao Caos*, critica contundentemente a miséria e a fome, apontando a abordagem de Josué de Castro sobre a má distribuição dos alimentos como a raiz do problema da fome. A música denuncia a inação do governo diante das condições de insônia causadas pela fome, destacando a necessidade de mudanças sociais e políticas para combater esse fenômeno.

Em *Antene-se*, Chico Science destaca a relação entre os habitantes do mangue, conhecidos como "homens-caranguejos", e os caranguejos, criando uma metáfora sobre a condição social e as lutas dessas populações marginalizadas. Essa representação se assemelha à visão de Josué de Castro sobre os habitantes dos manguezais, evidenciando a segregação espacial e a desumanização dos moradores dos mocambos em contraste com a expansão urbana.

A entrevista de Chico *Ao Programa Toda Música* (ETERNO CHICO SCIENCE, 1996) ao afirmar que a música *Cidadão do mundo* é mais uma homenagem a Josué de Castro demonstra sua profunda admiração por Josué de Castro e sua importância para a compreensão da fome e da desigualdade social. Chico Science reconhece que as experiências de Josué de Castro, como a exploração de mão de obra e as lutas das populações marginalizadas, são refletidas em suas composições e no movimento Mangubeat. Na mesma entrevista ressalta também "Admiro muito a figura de Josué de castro, humanista, sociólogo, um grande homem".

Em uma outra entrevista compartilhada *Chico fala sobre Josué de Castro e sua influência* (ETERNO CHICO SCIENCE, 2020) o renomado artista aborda sua relação com a figura icônica de Josué de Castro e como ela influenciou sua música e o movimento Mangubeat. “Josué é uma influência muito forte no movimento mangue, é uma muito forte pra mim, uma das primeiras pessoas a falar da fome, a fome a pior doença do mundo”

Chico Science enfatiza a inspiração para sua música:

A música vem bem em cima disso, vem da criançada, daquela coisa de sair do canavial, como se fosse a história de um garoto que está vindo ali do canavial. Vindo do interior, exploração de mão de obra, dos trabalhados forçados, a criançadas, aquela coisa toda... Então vem descendo e encontra o cidadão do mundo que é Josué de castro na beira do manguezal, aí chega na cidade Recife. (ETERNO CHICO SCIENCE, 2020)

Ao abordar a música *Da lama ao caos*, Chico Science a caracteriza como uma representação vívida do Recife. A canção reflete o caos presente na cidade, seja na lama dos manguezais ou nos centros urbanos. A metáfora do "homem caranguejo" saindo do manguezal em direção à cidade simboliza a busca por uma vida melhor, mas também denuncia a constante privação de direitos e as dificuldades enfrentadas por esses indivíduos. “Eu não aprendi na escola sobre Josué de Castro. Mas depois eu fiquei conhecendo Josué depois que a gente fez essa coisa do movimento mangue, e vi o quanto é importante a figura de Josué de castro para a história de Pernambuco, o homem caranguejo.” (ETERNO CHICO SCIENCE, 2020)

No trecho citado no último parágrafo, Chico Science reconhece que, antes do movimento Mangubeat, não teve a oportunidade de aprender sobre Josué de Castro na escola. No entanto, após a imersão no movimento e na cultura mangue, percebeu a importância crucial de Josué de Castro para a história de Pernambuco e para a compreensão do fenômeno do "homem caranguejo".

Durante a entrevista, Chico Science faz uma conexão entre a paisagem dos rios e a paisagem da fome, expressando como os rios em crescimento estão associados à marginalidade da fome. Ele utiliza uma camisa estampada com caranguejos, que revela sutilmente essa relação, e menciona que a geografia cotidiana revela a aflição causada pela fome, apresentando Recife como uma cidade afundando na lama, uma metáfora poderosa da realidade social e econômica.

Josué de Castro é reconhecido como uma influência fundamental no movimento Mangubeat, especialmente por sua abordagem incisiva sobre a fome, considerada como a pior doença a ser enfrentada. Chico Science enfatiza a importância de todos conhecerem Josué de Castro e destaca como os problemas políticos e sociais explorados por ambos não são limitados

a Recife, mas são desafios reconhecíveis em todo o Brasil. O cantor pernambucano busca explorar essas questões por meio de uma expressão artística rica e complexa, utilizando instrumentos e poesia para criar músicas envolventes que refletem as realidades desse ecossistema diverso e caótico, contribuindo para a música da Nação Zumbi.

A conexão íntima entre elementos naturais e sociais é evidente na relação que Chico Science estabelece entre a paisagem dos rios e a paisagem da fome. A marginalidade da fome está intrinsecamente ligada ao crescimento dos rios e à lama, mostrando como a realidade social está profundamente enraizada no contexto natural. Josué de Castro é celebrado como uma influência significativa no movimento Manguebeat, especialmente por sua abordagem sobre a fome, considerada a pior doença.

Os problemas políticos e sociais explorados por Josué de Castro e Chico Science não são exclusivos do Recife, mas refletem questões que atravessam todo o Brasil. Chico Science utiliza a música como meio para expressar e explorar esses desafios, combinando uma rica gama de instrumentos e poesia para enriquecer a música da Nação Zumbi. Esse ecossistema diverso e caótico é a fonte de onde ambos extraem uma ampla gama de significados, enriquecendo suas expressões artísticas.

A relação entre as obras de Josué de Castro e Chico Science é marcada por uma abordagem crítica da questão alimentar e da fome, refletindo a necessidade urgente de conscientização e ação para superar esses desafios sociais. A poesia de Chico Science amplifica as vozes dos marginalizados, transmitindo a mensagem de que é possível desafiar a ordem estabelecida e buscar justiça social e segurança alimentar para todos. Para evidenciar mais essa relação entre as obras de Josué de Castro e Chico Science no movimento manguebeat, podemos analisar trechos das músicas do álbum *Da Lama ao Caos*, onde Chico Science e Nação Zumbi estabelece uma conexão profunda com as ideias de Josué de Castro sobre a fome e suas consequências sociais.

3.4. ANÁLISE DAS PAISAGENS NAS LETRAS DO ALBÚM *DA LAMA AO CAOS*

Neste tópico será feita uma análise das letras das músicas de cada faixa do álbum *Da lama ao Caos* de Chico Science & Nação Zumbi (1994), tanto abordada anteriormente nesse estudo, com o objetivo de revelar de maneira sistemática a presença e influência de Josué de Castro em sua obra, de forma direta e indireta, estabelecendo relações entre o conteúdo com as categorias

de análise, empregando a metodologia de análise de conteúdo discutida nas considerações iniciais deste trabalho.

A análise será realizada com base na técnica de análise categorial, seguindo as diretrizes propostas por Bardin (1977) e previamente explicadas no início do estudo. As categorias escolhidas para a análise das letras de Chico Science são as seguintes: *paisagens físicas*, *paisagens culturais*, *paisagens sociais* e *Josué de Castro*. Como já ressaltada na metodologia, Josué de Castro foi considerada uma categoria de análise pois o mesmo se revela de maneira direta e indireta nas composições de Chico, seja pelo chamado de seu nome em suas letras ou sobre o conteúdo que se relaciona diretamente com os estudos de Josué.

O quadro 1 mostra quais categorias estão presentes em cada uma das músicas do álbum *Da Lama ao Caos*. Cada "X" indica a presença da categoria na respectiva música. Todas as letras das músicas estão contidas no Anexo A, para um maior acompanhamento da obra.

Quadro 1 – músicas relacionadas as categorias

MÚSICAS	CATEGORIAS DE ANÁLISE				
	Físicas	Paisagens Culturais	Paisagens Sociais	Paisagens Castro	Josué de Castro
1. <i>Monólogo ao Pé do Ouvido</i>	-	-	-	-	-
2. <i>Banditismo Por Uma Questão de Classe</i>	X	-	X	-	-
3. <i>Rios, Pontes E Overdrives</i>	X	X	X	-	-
4. <i>A Cidade</i>	X	-	X	-	-
5. <i>A Praiaeira</i>	X	X	X	-	-
6. <i>Samba Makossa</i>	X	X	-	-	-
7. <i>Da Lama ao Caos</i>	X	X	X	X	X
8. <i>Maracatu de Tiro Certo</i>	X	-	X	-	-
9. <i>Salustiano Song (Instrumental)</i>	-	-	-	-	-
10. <i>Antene-se</i>	X	X	X	X	X
11. <i>Risoflora</i>	X	X	-	-	-
12. <i>Lixo do Mangue (Instrumental)</i>	-	-	-	-	-
13. <i>Computadores Fazem Arte</i>	-	-	-	-	-
14. <i>Côco Dub</i>	-	-	X	-	-

Fonte: Autor, 2023.

A escolha do álbum e das músicas foi justificada pelas paisagens que se revelam a partir de suas letras, que é o foco central da pesquisa. Outras músicas do repertório de Chico E Nação Zumbi também foram examinadas no decorrer do trabalho de forma superficial ou profunda, e inferências foram feitas a fim de contribuir para uma compreensão abrangente das paisagens que se revelam em suas obras como um todo. Além disso, um dos objetivos é identificar as influências do pensamento e da obra de Josué de Castro nas letras de Chico Science e na forma como a cidade e as questões sociais são representadas em sua música.

Portanto, este capítulo se propõe a explorar a riqueza e profundidade do conteúdo presente nas composições do álbum *Da Lama ao Caos* de Chico Science, à luz das categorias de análise definidas, a fim de compreender de forma sistematizada, como se revelam as paisagens e a herança intelectual de Josué de Castro em suas letras, abordando de maneira crítica e engajada questões urbanas, sociais e ambientais relacionadas à cidade do Recife.

3.4.1. Monologo ao Pé do Ouvido

A primeira faixa do álbum *Da Lama ao Caos*, que abre caminhos para a chamada de uma escuta atenta sobre a síntese do próprio álbum, em seu título da faixa traz uma ideia interessante acerca da filosofia por trás de suas músicas. O monologo é uma peça teatral escrita e atuada por apenas uma pessoa ou um personagem. O teatro em si tem a ideia de atingir uma plateia, entretanto a ideia do “monólogo ao pé do ouvido”, nos remete a uma ideia mais íntima, uma encenação pessoal, algo mais íntimo, uma chamada individual para uma luta, um resgate cultural e uma contaminação de ideias.

O monologo de uma maneira geral se apresenta como um chamado, íntimo, como um sussurro ao pé do ouvido, a fim de despertar a luta individual, ou o espírito combativo. Seus versos se iniciam com “Modernizar o passado é uma evolução musical”, que revela a cara do álbum e suas ideias. Em seguida “O medo dá origem ao mal” nos revela que a covardia enfraquece o sujeito. “O homem coletivo sente a necessidade de lutar” está intimamente ligada com a origem do movimento mangubeat, que surge a partir da Cooperativa Cultural Manguê que agia de maneira coletiva na produção de eventos culturais. O mal que acovarda aparece de novo em “demônios que destroem o poder bravio da humanidade”. Ao final dos versos Chico

invoca antigos líderes, como Zumbi dos Palmares⁴, Emiliano Zapata⁵, Augusto César Sandino⁶, Antônio Conselheiro⁷, Os Panteras Negras⁸ e Lampião⁹, marginalizados e criminalizados a partir das suas lutas contra as opressões, ou o mal, em diversas origens, clamando pelo espírito combativo dessas figuras históricas.

A música é importante para entendermos em síntese, a ideologia do movimento Manguebeat e da banda Chico Science e Nação Zumbi, mas a música não se encaixa em nenhuma categoria de análise.

3.4.2. Banditismo Por Uma Questão de Classe

Essa faixa do álbum traz reflexões profundas sobre os aspectos da vida nas comunidades urbanas, favelas e periferias, nos questionando acerca da origem da violência, além de fazer alusão a contextos históricos. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra nas seguintes categorias: *paisagem física* e *paisagem social*.

Paisagem física:

“Sobe morro, ladeira, córrego, beco, favela”

O trecho da música destacada menciona lugares como morros, ladeiras, córregos, becos e favelas, representando as áreas urbanas de difícil acesso, isso pode ser explicado pelo verbo subir ao iniciar a canção, frequentemente presentes em locais periféricos e marginalizados, associando de maneira direta com a cidade, revelando uma paisagem de como são as características das ocupações irregulares dos morros e favelas da cidade.

Paisagem social:

*“Oi sobe morro, ladeira córrego, beco, favela
A polícia atrás deles e eles no rabo dela
Acontece hoje e acontecia no sertão
Quando um bando de macaco perseguia Lampião
E o que ele falava muitos hoje ainda falam*

⁴ Zumbi, também conhecido como Zumbi dos Palmares, foi um líder quilombola brasileiro, o último dos líderes do Quilombo dos Palmares, o maior dos quilombos do período colonial.

⁵ Zapata foi um importante líder na chamada Revolução Mexicana de 1910 contra a ditadura de Porfirio Díaz, sendo considerado um dos heróis nacionais mexicanos.

⁶ Sandino foi um revolucionário nicaraguense líder da rebelião contra a presença militar dos Estados Unidos na Nicarágua entre 1927 e 1933

⁷ Conselheiro foi um líder religioso e o fundador do arraial do Belo Monte, mais conhecido como Canudos.

⁸ Os Panteras Negras foram um partido político norte-americano surgido em defesa da comunidade afro-americana.

⁹ Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, o Rei do Cangaço, foi um cangaceiro brasileiro que atuou na região do sertão nordestino do Brasil.

"Eu carrego comigo coragem, dinheiro e bala!"

O trecho da música destacada aborda uma paisagem social vivida nas favelas e periferias, revelando a violência e perseguição policial, o “bando de macacos” sofrida pela população que mora nos morros e favelas, comparando essa perseguição com a figura de Lampião, fazendo uma alusão de diferentes épocas e espaços geográficos.

*“Em cada morro uma história diferente
Que a polícia mata gente inocente
E quem era inocente hoje já virou bandido
Pra poder comer um pedaço de pão todo fodido
Banditismo por pura maldade
Banditismo por necessidade
Banditismo por uma questão de classe”*

O conteúdo também nos faz questionar as razões por trás do 'banditismo', mencionando tanto a maldade, exercida pelas classes dominantes, quanto a necessidade, instinto de sobrevivência, como motivações. Além disso, traz à tona a questão de classes sociais, sugerindo que a criminalidade pode ser impulsionada pela desigualdade social, em específico pela fome para “poder comer um pedaço de pão todo fodido”.

Essa composição retrata uma paisagem física e social vividas nas cidades, se revelando como uma profunda crítica social que evidencia a complexidade e os desafios enfrentados por comunidades marginalizadas, além de questionar a estigmatização e a marginalização de certos grupos sociais e culturais, que muitas vezes são rotulados como "bandidos" de maneira preconceituosa e racista, sem considerar as causas estruturais por trás de suas ações, enquanto a polícia mata gente inocente, colocando em xeque a definição de bandido.

3.4.3. Rios, Pontes E Overdrives

A música retratada a cidade do Recife, compondo, para nós, uma paisagem, principalmente através dos elementos urbanos nela contidos. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra nas seguintes categorias: *paisagem física, paisagem cultural e paisagem social*.

Paisagem física:

*“É macaxeira, Imbiribeira, Bom pastor, é o Ibura, Ipseb, Torreão, Casa Amarela
Boa Viagem, Genipapo, Bonifácio, Santo Amaro, Madalena, Boa Vista*

*Dois Irmãos, é o Cais do porto, é Caxangá, é Brasilit, Beberibe, CDU
Capibaribe, é o Centrão, eu falei”*

Os bairros e rios mencionados na letra compõem uma paisagem da cidade do Recife, onde cada nome revela uma parte da identidade e da geografia urbana do Recife. Como já mencionado no primeiro capítulo, essa composição é uma espécie de poesia urbana, onde os bairros e rios são peças-chave para entender a complexidade dessa paisagem.

*“Rios pontes e overdrives, impressionantes esculturas de lama
Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue!”*

A composição nos revela também essas “impressionantes esculturas de lama”, ao se referir aos elementos físicos da paisagem, como a arquitetura urbana do Recife, com seus prédios, pontes, rios, mangues, mocambos e palácios que se ergueram sobre a lama. Ao repetir diversas vezes a palavra “mangue”, afirma cada vez mais a presença e importância dos rios e manguezais do Recife para sua formação urbana e social.

Paisagem cultural:

“E a lama come no mocambo e no mocambo tem molambo”

No trecho destacado Chico revela uma população que vive nos mocambos, reforçando uma paisagem cultural das áreas dos manguezais, infestados de mocambos, lama e molambos. A lama comer mocambo pode estar associado com os riscos de as enchentes engolirem as casas que se erguem em suas várzeas.

*“Rios pontes e overdrives, impressionantes esculturas de lama
Mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue, mangue!”*

A composição também nos revela uma paisagem cultural do Recife, as “impressionantes esculturas de lama”, para além da arquitetura do Recife, podem ser interpretadas como os caçadores de caranguejos; irmãos de leite dos caranguejos; homens caranguejos; cobertos de lama em uma espécie de armadura, como a carapaça do caranguejo. Em suas relações de subsistências com os rios, dando diferentes significados e valores a essas paisagens para quem as vive e quem as enxerga. Os “overdrives”, mencionado na música, que são efeitos de guitarra, revelam uma paisagem sonora do Recife naquela época que estava se contaminando da mistura do ritmo Mangue e sua diversidade cultural e musical.

Paisagem social:

*“E a lama come no mocambo e no mocambo tem molambo
E o molambo já voou, caiu lá no calçamento bem no sol do meiodia
O carro passou por cima e o molambo ficou lá
Molambo eu, molambo tu, molambo eu, molambo tu”*

A letra aborda a presença da lama e do "molambo" como os moradores dos mocambos, que são casas construídas de material precário e normalmente retirados dos manguezais do Recife. “O carro passou por cima e o molambo ficou lá” reflete ao crescimento urbano que privilegia certa parcela da população e se expande atropelando tudo o que não for considerado pertinente para a reprodução de sua Cidade capitalista.

*“Molambo eu, molambo tu, molambo eu, molambo tu
Molambo boa peça de pano pra se costurar mentira
Molambo boa peça pra se costurar miséria
Molambo boa peça de pano pra se costurar mentira, mentira, mentira
Molambo boa peça pra se costurar miséria, miséria, miséria
Molambo eu, molambo tu, molambo eu, molambo tu”*

A ideia de "molambo" é utilizada para representar algo sujo, desgastado e associado à mentira e à miséria, refletindo aspectos da realidade social das áreas retratadas. A mentira que Chico aborda pode ser interpretada a partir da ótica preconceituosa e superficial que se tem de a pobreza estar ligado ao mérito, e não necessariamente a uma estrutura social que se ampara sobre a desigualdade.

Essa música exhibe uma conexão profunda entre a paisagem física, cultural e social do Recife e suas áreas periféricas, costurando esses elementos visuais, sonoros, culturais e sociais desses lugares, ressaltando de maneira sutil as características, condições e a riqueza cultural presentes nesses ambientes.

3.4.4. A Cidade

Essa letra traz uma reflexão profunda sobre a dinâmica social e urbana de uma cidade, retratando a complexidade de seus estratos sociais, sua movimentação incessante e as contradições que a definem. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra nas seguintes categorias: *paisagem física* e *paisagem social*.

Paisagem física:

“O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas”

No verso acima Chico menciona as “pedras evoluídas”, representando os prédios e estruturas erguidas com concreto, a pedra evoluída, diferente dos colchoes rochosos iluminados pelo sol do Recife.

*“Coletivos, automóveis, motos e metrô
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs”*

Outra paisagem que nos revela da cidade é a presença de veículos e transporte coletivo, trabalhadores, patrões, policiais e camelôs, que compõem a paisagem urbana do Recife. Vale ressaltar que Chico acaba diferenciando “trabalhadores” e “camelôs”, evidenciando que essa população trabalhista é desconsiderada como trabalho pela sociedade, e por vezes criminalizada, mas ainda sim está presente nos centros urbanos de Norte a Sul do Brasil.

“A cidade não para a cidade só cresce”

Neste trecho podemos enxergar uma cidade em constante crescimento e expansão, em um fluxo caótico da cidade e sua dinâmica espacial. Essa paisagem nos revela uma verticalização da cidade do Recife e até mesmo a expansão da cidade para as zonas mais periféricas da cidade.

Paisagem social:

*“O sol nasce e ilumina as pedras evoluídas
Que cresceram com a força de pedreiros suicidas”*

Neste trecho revela uma paisagem social por trás das paisagens físicas da cidade do Recife, ao mencionar as pedras evoluídas, que são os arranha-céus, construídas por “pedreiros suicidas”, retratando uma realidade social onde os trabalhadores se submeteram trabalhar na construção desses edifícios de pedras evoluídas, muitas vezes sem nenhum direito trabalhista, equipamentos de segurança e salários dignos de um trabalho, arriscando suas vidas de maneira “suicida”.

*“Cavaleiros circulam vigiando as pessoas
Não importa se são ruins, nem importa se são boas”*

Chico neste revela uma realidade sofrida pela população que circulam a cidade, onde os “cavaleiros” são entendidos como a polícia que circulam e vigiam as pessoas independentes

de elas são boas ou ruins, ou seja, os “cavalheiros” compõem a paisagem social urbana, pois são eles que fazem a segurança pública.

*“E a cidade se apresenta centro das ambições
Para mendigos ou ricos e outras armações”*

Neste trecho Chico revela que a cidade é o centro do Recife, revelando uma dinâmica espacial, onde a cidade cresce em torno de uma área central, atraindo diferentes camadas sociais, dos mais pobres aos mais ricos.

*“Coletivos, automóveis, motos e metrô
Trabalhadores, patrões, policiais, camelôs”*

Chico no trecho destacado acima também retrata uma dinâmica social da cidade, revelando uma paisagem social do centro urbano do Recife, a partir dos elementos destacados, que estão presentes nos centros das cidades de Norte a Sul no Brasil.

*“A cidade não para, a cidade só cresce
O de cima sobe e o de baixo desce”*

Já no trecho destacado o cantor revela uma contradição da paisagem social da cidade, que enquanto ela se desenvolve e cresce, atendendo as necessidades do mercado e da sociedade privilegiada, a população marginalizada continua cada vez mais marginalizada. A letra ilustra então essa constante ascensão dos mais privilegiados e a queda dos menos favorecidos.

A música, através da expressão artística, retrata a cidade do Recife, revelando-a como um local de contrastes sociais. Há uma crítica social evidente à desigualdade, à exploração do trabalho e a violência acometida pela dinâmica urbana e social da cidade.

3.4.5. A Praieira

Esta letra de música destaca a praia como um local público, de todos, propício para relaxar, para celebrar culturas, como também é um espaço político de revolução, fazendo alusão a revolução praieira que ocorreu entre os anos de 1948 e 1950 em Pernambuco. Essa música

foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra nas seguintes categorias: *paisagem física, paisagem cultural e paisagem social*.

Paisagem física:

“No caminho é que se vê, a praia melhor pra ficar”

No trecho destacado podemos observar o principal elemento urbano da paisagem física do Recife, que é a praia, reforçando a paisagem do Recife como sendo uma cidade litorânea, contornada pelas faixas de areia e praia.

Paisagem cultural:

*“Na areia onde o mar chegou, a ciranda acabou de começar, e ela é!
E é praieira! Segura bem forte a mão”*

A referência à ciranda, um estilo de música e dança tradicional em algumas regiões do Brasil em especial em Pernambuco, nos revela uma paisagem cultural local da forma como as pessoas se envolvem na celebração e na interação social no ambiente da praia.

Paisagem social:

*“Você pode pisar onde quer
Que você se sente melhor”*

A ênfase na liberdade para pisar onde se quer, revela uma ocupação social do espaço público na área da praia, um lugar acessível onde todos podem chegar, basta escolher o melhor lugar para ficar. Também incentiva a ocupação desses lugares que ainda não são restritos para determinada camada social.

“E é praieira! Vou lembrando a revolução, vou lembrando a revolução”

Já a menção à Revolução parece enfatizar a ocupação do espaço público, a busca por liberdade, autonomia e identidade, uma identidade de luta tão reforçada por Chico em suas músicas e pelo próprio movimento Manguebeat.

A música reforça a ideia de que a praia é um espaço de todos, onde as pessoas se sentem à vontade para se expressar, dançar e apreciar o momento. A música também nos convida à celebração e à interação com o ambiente do litoral da cidade do Recife, a praia, a partir da ciranda.

3.4.6. Samba Makossa

Esta composição, intitulada "Samba Makossa", representa uma fusão entre dois estilos distintos: o samba, uma expressão típica da cultura brasileira, e o Makossa, gênero de origem camaronesa é enfatizado a valorização da cultura e das misturas culturais em suas origens. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra nas seguintes categorias: *paisagem física e paisagem cultural*.

Paisagem física:

*“Onde é que você se meteu
Antes de chegar na roda, meu irmão?”*

A letra não faz menção direta à paisagem física, mas sugere um ambiente de encontro, a "roda", provavelmente em espaços públicos, locais onde as pessoas se juntam para celebrar e participar da roda de samba. A roda de samba é parte integrante da cultura brasileira e ocorre geralmente em locais abertos, como praças ou bares.

Paisagem cultural:

*“Samba Makossa tem hora marcada
É da quebrada, é da quebrada”*

No trecho destacado é ressaltado que o Samba Makossa é da quebrada. Quebrada é o nome popular dado as comunidades periferias ou espaços marginalizados da sociedade e carregam em si uma paisagem cultural de identidade singular desses lugares. Podemos até substituir quebrada por favela que a letra continuaria tendo o mesmo sentido.

Essa letra é uma celebração da tradição do samba com o makossa, ritmo musical de origem camaronesa, destacando a responsabilidade e a importância da participação ativa de cada indivíduo na manutenção da roda de samba. É uma expressão cultural e social que enfatiza a alegria coletiva e a importância do ritmo e do movimento na construção da “roda”.

3.4.7. Da Lama ao Caos

A letra da música parece evocar um ambiente caótico e desorganizado, mas também traz elementos de reflexão social e existencial. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra nas seguintes categorias: *paisagem física, paisagem social e Josué de Castro*.

Paisagem física:

“Da lama ao caos, do caos a lama”

Há referências à lama e ao caos, fazendo alusão das paisagens da lama que contaminam as paisagens urbanas e vice e versa. É um retrato da cidade do Recife tanto em sua composição física como em sua composição social.

*“Eu vi um chié andando devagar
E um aratú pra lá e pra cá
E um caranguejo andando pro sul”*

Também são mencionados animais como o chié, aratu e caranguejo, indicando a presença de vida animal em meio a essa paisagem de caos e desordem.

Paisagem Cultural:

*“Posso sair daqui pra me organizar
Posso sair daqui pra desorganizar”*

A repetição dos versos "Posso sair daqui pra me organizar / Posso sair daqui pra desorganizar" sugere uma dualidade constante. Essa dicotomia reflete a complexidade das paisagens culturais, onde a organização e a desorganização não são opostas, mas sim estratégias dinâmicas que podem ser usadas para enfrentar diferentes contextos e desafios.

“Saiu do mangue e virou gabiru”

A descrição dos caranguejos que saem do mangue e viram gabirus (ratos urbanos) é uma metáfora potente. Ela destaca a complexidade das transformações culturais e sociais, indicando que, mesmo ao sair de um ambiente natural, os indivíduos podem manter suas condições de vida precárias.

Paisagem social:

*“Peguei um balaio fui na feira roubar tomate e cebola
La passando uma véia e pegou a minha cenoura”*

No trecho em destaque Chico revela uma realidade social do roubo, ao mencionar que iria a feira roubar comida e que foi roubado por uma “véia”. Revelando uma paisagem social marcada pela desigualdade e pela fome.

*“Eu vi um chié andando devagar
E um aratú pra lá e pra cá
E um caranguejo andando pro sul
Saiu do mangue e virou gabiru”*

A música revela de maneira sutil, o sujeito que sai do mangue e vira gabiru. Fazendo alusão uma paisagem cultural dos manguezais marcada por homens irmãos de leite dos caranguejos que são metamorfoseados em gabiru, rato tradicional dos centros urbanos, mas continuam nas mesmas condições de vida do lugar de onde saíram, permeando as mesmas paisagens da miséria e da fome dos manguezais nas cidades.

“Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça”

Já no trecho acima é revelado a condição social da miséria que cada vez é mais ameaçada e marginalizada pelos “urubus”, que podem ser interpretados como o poder do estado ou como a classe dominante que organiza o espaço a partir de seus interesses, reproduzindo a desigualdade social e econômica na cidade do Recife.

*“Posso sair daqui pra me organizar
Posso sair daqui pra desorganizar”*

Já no trecho destacado, Chico afirma que saindo da lama pode-se organizar socialmente da mesma maneira que pode desorganizar uma outra forma de organização social, que condiciona a população pobre a viver em determinado lugar, e que ao sair dessa condição pode desorganizar essa dinâmica espacial da cidade e se organizar novamente em uma outra estrutura. Esse trecho em específico já revelado e abordado anteriormente no trabalho, nos evoca Santos (2021, p73) ao falar sobre a cidade, onde “o que se chama desordem é apenas a ordem do possível, já que nada é desordenado. Somente uma parte dos objetos geográficos já não atende aos fins de quando foi construída.

Josué de Castro:

*“Ô Josué eu nunca vi tamanha desgraça
Quanto mais miséria tem, mais urubu ameaça”*

A música faz menção direta a Josué de Castro, mas também menciona de maneira sutil os estudos do geógrafo sobre a fome, a miséria e as reproduções políticas e sociais que se perpetuam pelos interesses dos “urubus”

Essa música parece refletir um ambiente de desordem e dificuldade social, com uma visão crítica e reflexiva sobre a condição humana diante do caos e da desigualdade. A canção reflete a conexão entre a paisagem natural e a paisagem social, estabelecendo um paralelo entre a desordem urbana gerada pelo intenso processo de urbanização e a presença da lama, um elemento natural preexistente na formação da cidade.

3.4.8. Maracatu de Tiro Certo

Essa letra evoca uma atmosfera de tensão e violência, refletindo elementos de uma paisagem social carregada de agressividade e perigo. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra nas seguintes categorias: *paisagem física* e *paisagem social*.

Paisagem física:

*“Urubuservando, a situação
Uma carraspana, na putrefação
A lama chega até o meio da canela
O mangue tá afundando e não nos dá mais trela!”*

Neste trecho, é perceptível a presença de elementos físicos e urbanos do Recife, destacando-se elementos de origem natural, como a lama e o mangue. A lama é frequentemente associada à sujeira, enquanto o mangue é simbolizado como a própria cidade do Recife. Dentro dessa estrofe, há uma reflexão sobre a degradação ambiental e a necessidade de conscientização para melhorar a situação do mangue. Muitas vezes, esse ecossistema encontra-se poluído pelo lixo, e esse contexto pode ser interpretado não apenas dentro deste contexto específico, mas também considerando outras referências presentes na obra de Chico, que fazem alusão com à situação da cidade do Recife.

Paisagem social:

*“Porque é de tiro certo, é de tiro certo
Como bala que já cheira a sangue
Quando o gatilho é tão frio
Quanto quem tá na mira - o morto!
Eh, foi certo - Oh se foi”*

O trecho em destaque revela um ambiente social carregado de tensão e violência realizadas com armas de fogo. A sensação é de uma paisagem repleta de agressividade e violência, onde o perigo está sempre presente.

Essa música reflete sobre um ambiente hostil e agressivo, onde a violência é um componente constante na vida cotidiana, transmitindo uma atmosfera de tensão e perigo, ou então uma paisagem do medo.

3.4.9. Salustiano Song

A música não se enquadra em nenhuma categoria de análise, é apenas uma composição instrumental. Mesmo assim em seu título, se faz um resgate ao artista popular Manuel Salustiano Soares, conhecido como Mestre Salustiano, fundador do Maracatu Piaba de Ouro, juntamente com a mistura de ritmos e instrumentos musicais, como o som da rabeca, que era o instrumento mais tocado por Salustiano e o qual ele também fabricava.

3.4.10. Antene-se

A música reflete o modo de vida dos habitantes do Recife, e nos revela a imagem da antena parabólica inserida na lama, um símbolo do movimento Manguebeat. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra nas seguintes categorias: *paisagem física, paisagem cultural, paisagem social e Josué de Castro*.

Paisagem física:

*“[...] que vem dos mocambos
Entulhados a beira do Capibaribe
Na quarta pior cidade do mundo
Recife, cidade do mangue
Incrustada na lama dos manguezais
[...]
No meio da rua em cima das pontes”*

A descrição do ambiente aborda a cidade do Recife, localizada e incrustada nos manguezais, destacando os mocambos, aglomerados à beira do rio Capibaribe, elemento natural de extrema importância para a formação socioespacial da cidade do Recife, como já ressaltado no trabalho. A letra reforça uma paisagem do Recife entrelaçada com ambientes naturais, como os manguezais, já destacado no trabalho. Também nos revela outros elementos da paisagem física do Recife que são as pontes.

Paisagem cultural:

*“É só uma cabeça equilibrada em cima do corpo
Escutando o som das vitrolas, que vem dos mocambos”*

A música também revela uma paisagem sonora do som das vitrolas que ecoam vindas dos mocambos. Isso indica uma paisagem cultural marcada pela música e talvez a importância da música local na vida cotidiana das pessoas no ambiente dos mocambos.

“Sou, sou, sou, sou, sou Magueboy !!!”

No trecho acima, Chico aborda o “magueboy”, que nada mais é do que o “boy” que mora nos manguezais do Recife, e produzem cultura. Esse termo é conceituado no *Manifesto Caranguejo com Cérebro* (ZERO-QUATRO, 1994), “os magueboys e maguegirls são indivíduos interessados em hip-hop, colapso da modernidade, Caos, ataques de predadores marítimos (principalmente tubarões), moda, Jackson do Pandeiro, Josué de Castro, rádio, sexo não-virtual, sabotagem, música de rua, conflitos étnicos, midiotia, Malcom Maclaren, Os Simpsons e todos os avanços da química aplicados no terreno da alteração e expansão da consciência”.

*“Onde estão os homens caranguejos
Minha corda costuma sair de andata”*

Já no trecho destacado é revelado os homens caranguejos, habitantes do mangue, caçadores de caranguejos, moradores dos mocambos dos mangues, que carregam a “corda”, e saem de andata pela cidade, fazendo alusão a andata, ciclo de reprodução dos caranguejos. Tradicionalmente os caranguejos extraídos dos mangues são amarrados em conjuntos de quatro indivíduos, denominados “cordas”, que são agrupadas em dez unidades, formando o que é conhecido localmente como “cambada”.

Figura 6 – Josué de castro com um comerciante segurando um amarrado de cordas de caranguejo



Fonte: Google imagens

Paisagem social:

“Onde estão os homens caranguejos”

A letra revela uma segregação espacial, a partir da figura dos homens caranguejos que estão nos mocambos e nas áreas mais periféricas e aglomeradas da cidade, como os morros e mangues. Esses sujeitos estão nos mangues, e quando saem dos mangues viram gabiru, como revelado anteriormente na música *Da Lama ao Caos*.

“Na quarta pior cidade do mundo”

Já no trecho acima revela uma paisagem social marcada pela desigualdade e pela violência. Como já mencionado anteriormente no trabalho, Recife já foi considerada a pior cidade de mundo para se viver e morar.

Josué de Castro:

“Onde estão os homens caranguejos”

O trecho acima faz uma alusão direta ao homem metamorfoseado em caranguejo revelado pelo geógrafo Josué de Castro em seu livro *Homens e caranguejos*.

Essa música nos revela um ambiente urbano e natural entrelaçado, onde as paisagens se contaminam do mangue e revelam a realidade do Recife, marcado pela lama e pela desigualdade socioespacial.

3.4.11. Risoflora

A música traz um relacionamento amoroso entre um caranguejo e uma planta, onde Chico Science se descreve como um caranguejo em busca da Risoflora (*Rhizophora*) que é uma planta típica dos manguezais. Fazendo sempre a metáfora contida também em outras músicas, relacionando o caranguejo e toda a biodiversidade encontrada nos mangues com as relações humanas existentes no ambiente do caranguejo. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra nas seguintes categorias: *paisagem física* e *paisagem cultural*.

Paisagem física:

“Eu sou um caranguejo e estou de andada”

A paisagem física, ou nesse caso, natural, que se revela na música é a da reprodução dos caranguejos, a andada¹⁰. É possível imaginar e criar uma cena do caranguejo procurando sua parceira sob a lama do mangue em busca de se reproduzir.

*“E em meus braços te levarei como uma flor
Pra minha maloca na beira do rio, meu amor!”*

Também retrata outra característica física dos manguezais que são as malocas, no caso dos caranguejos são suas casas na lama, já no caso da sociedade as malocas podem ser consideradas casas pobres que podem ser relacionadas com os mocambos.

Paisagem cultural:

“Não vou dar mais bobeira dentro de um caritó”

A letra aborda o caritó, que é a gaiola em que se prendem caranguejos com objetivo de engordá-los, e depois vende-los ou consumi-los. Fazendo uma relação íntima entre o caranguejo com os caçadores de caranguejo e o ambiente mangue, marcado por esses elementos culturais da vida dos caçadores de caranguejos.

¹⁰ A andada é o período reprodutivo em que os caranguejos machos e fêmeas saem das suas tocas e andam pelo manguezal, para acasalamento e liberação dos ovos.

A letra revela, de maneira sutil, a partir de um mimetismo entre o Chico e o caranguejo em andada, a relação com o mangue, refletindo através de uma narrativa emocional, com metáforas associadas à natureza e sentimentos humanos. A música apresenta metáforas e elementos culturais locais, como o caranguejo, um animal associado ao mangue, e referências à Risoflora, personificação talvez de uma figura ou lugar simbólico.

3.4.12. Lixo do Mangue

A música em questão é a segunda faixa instrumental do álbum. Não compõe nenhuma categoria de análise, entretanto seu título nos provoca algumas reflexões sobre as paisagens que se revelam até agora em suas composições. O lixo do mangue pode ser entendido como o próprio movimento cultural criado por Chico Science, vindo da lama do mangue, ambiente poluído e degradado, porém berço de uma diversidade biológica e ecológica, no caso da música, uma diversidade cultural.

3.4.13. Computadores Fazem Arte

Essa canção faz referência à relação entre as novas tecnologias e a produção artística contemporânea de maneira ao que aparenta, irônica. Ela destaca que os computadores, entendidos como a tecnologia, desempenham uma grande parte da criação artística, enquanto os artistas se apropriam dessa produção para fazerem dinheiro. Há uma ironia presente nesse contexto e nesses versos. Esta música apresenta uma temática distinta, focando menos nas paisagens, e mais na ideia de produção intelectual e artística e suas relações. Por isso foi feita apenas uma análise superficial da letra.

3.4.14. Côco Dub (afrociberdelia)

Na última faixa do álbum, intitulada "Côco Dub", Chico Science combina os ritmos tradicionais do Côco com o estilo jamaicano Dub, originário do Reggae. A letra apresenta elementos abstratos e sugestivos, mas podemos explorar alguns temas potenciais. Essa música foi escolhida para compor o corpus dessa análise, pois se enquadra na seguinte categoria: *paisagem social*.

Paisagem social:

*“Multicoloridos, homens, multicoloridos
Andam, sentem, amam
Acima, embaixo do Mundo*

Cascos, caos, cascos, caos
Imprevisibilidade de comportamento

Há uma sugestão de diversidade e complexidade no comportamento humano, posto como "imprevisibilidade de comportamento", possivelmente explorando as ideias de caos e ordem dentro do contexto social.

A música é também subintitulada como "Afrociberdelia", um termo que une Afro, Ciber e Psicodelia, simbolizando a fusão de cultura afrodescendente, tecnologia e elementos musicais psicodélicos. O subtítulo da música é o mesmo do segundo álbum da banda, sugerindo uma continuidade no estilo.

Ao analisar o álbum *Da Lama ao Caos* de Chico Science e Nação Zumbi, é possível traçar considerações sobre a profundidade e a complexidade das paisagens que o artista explora. A obra, enraizada na cidade do Recife, revela-se como uma narrativa rica que atravessa diversas camadas da experiência urbana, social e cultural. Chico Science utiliza sua música como uma forma de expressar as paisagens físicas, culturais e sociais do Recife. As letras mergulham na lama, nas praias, nos manguezais, nos mocambos, nas ruas da cidade, nas desigualdades sociais, construindo uma paisagem singular do Recife, a partir de suas narrativas. A presença constante desses elementos nos conduz à uma geografia singular do Recife, revelando então, a partir da lente cultural do artista Chico Science, uma paisagem de identidade singular.

Além disso, a conexão com Josué de Castro, geógrafo e ativista social, adiciona uma camada de engajamento crítico à obra. Chico Science não apenas canta sobre as paisagens, mas também tece uma narrativa que aborda questões sociais e ambientais, incorporando a cidade como um elemento central na construção da identidade do álbum.

Em síntese, o álbum não é apenas uma obra musical; é uma crônica poética e sonora que captura a essência multifacetada do Recife. Chico Science e Nação Zumbi conseguem transcender o papel da música, transformando-a em uma expressão artística que ecoa como um testemunho duradouro das complexidades e belezas da experiência urbana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo, exploramos a relação entre música, geografia, literatura e cultura, centrando nossa análise no contexto do álbum *Da Lama ao Caos* de Chico Science e Nação Zumbi em Recife durante os anos 1990 a partir da influência das paisagens reveladas por Josué de Castro em suas obras do *corpus* da pesquisa. Ao longo dos três capítulos, mergulhamos nas representações intrincadas do espaço geográfico por meio da música, examinando como ela espelha as paisagens físicas, culturais e sociais dos lugares, e como se torna um veículo poderoso para expressar fenômenos sociais e geográficos, como fome, violência urbana, desigualdades sociais e Josué de Castro.

Inicialmente, foram examinados diferentes entendimentos de como a música se relaciona com a geografia e os conceitos estudados por ela, reconhecendo a variação desses conceitos de acordo com o tempo, sociedade e abordagem adotada. Este embasamento serviu para compreender como o álbum e a banda revelam as paisagens físicas, culturais e sociais da cidade do Recife. Em seguida, foi realizada uma análise dos valores e significados dos rios e dos manguezais para Josué de Castro, que se revelam nas obras de Chico Science & Nação Zumbi, trazendo contextos da formação espacial da cidade do Recife para validar a análise. Essa análise contribuiu para compreender a influência dos rios e manguezais no surgimento do movimento Mangubeat e como a cidade do Recife foi representada por seus habitantes, por Josué e por Chico.

Foi explorado um breve histórico sobre o surgimento do movimento Mangubeat e a vida de um de seus principais representantes, Chico Science, autor das músicas do álbum estudado em questão. A exploração do *corpus* da pesquisa, evidenciou a presença das categorias escolhidas em várias músicas, revelando a relação íntima entre as composições de Chico com Josué de Castro e com as paisagens do Recife. Chico Science & Nação Zumbi proporcionaram perspectivas pouco exploradas sobre a cidade, de modo artístico, alcançando o público de maneira única.

As paisagens reveladas são as paisagens vivenciadas e observadas pelos músicos, explorando seus aspectos físicos, culturais e sociais. Os elementos físicos, culturais e sociais da paisagem revelada no álbum e no romance, foram enfatizados para descrever as relações humanas com os manguezais, as ruas, os rios e praias, além dos aspectos sociais, como a violência, a desigualdade e a exploração social do Recife, até porque segundo Santos (SANTOS, 2021, p. 75), “a paisagem deve ser pensadas paralelamente às condições políticas, econômicas, soais e também culturais.” O álbum também expôs dilemas sociais

contemporâneos, posicionando uma visão da cidade por meio de suas músicas. A paisagem resultante da análise é de uma cidade desigual, violenta e injusta, clamando por igualdade, preservação do mangue e conscientização ambiental, juntamente com uma organização socioespacial.

No primeiro capítulo, desvendamos como a música popular brasileira não apenas reflete, mas também molda as percepções do espaço geográfico, particularmente em relação às paisagens do Recife, com ênfase nos rios e manguezais. O mangue é reconhecido não apenas como um ecossistema vital para a cidade em termos físicos, mas também como um elemento culturalmente significativo que influencia a identidade local.

O segundo capítulo aprofunda a análise, revelando a importância dos rios e manguezais na cidade do Recife e sua relevância para diferentes grupos sociais, desde moradores ribeirinhos até apreciadores estéticos. Além disso, destaca-se a influência notável das obras e estudos de Josué de Castro nas músicas de Chico Science & Nação Zumbi, destacando a luta contra desigualdades sociais e a importância da relação entre seres humanos e a natureza na configuração da identidade da cidade.

No terceiro capítulo, exploramos o contexto histórico e sociocultural que viabilizou o surgimento do movimento Manguebeat em um período de desafios econômicos, expansão urbana, violência e desigualdades sociais. Chico Science, uma figura central no movimento, incorporou temas profundos relacionados à identidade cultural pernambucana em sua música, abrangendo nacionalismo, regionalismo, globalização e universalidade. A influência inegável de Josué de Castro nesse contexto é destacada, especialmente em questões cruciais como a fome e a desigualdade social. Foi feita uma análise mais aprofundada sobre o álbum *Da Lama ao Caos* (SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI, 1994), à luz das categorias de análise definidas para o estudo.

Nas categorias de *paisagem física*, *paisagem cultural* e *paisagem social*, vimos em diversas músicas de Chico Science, as paisagens contaminadas pela lama do mangue, fazendo alusão a elementos geográficos, arquitetônicos, sociais e históricos da região. Ele resgata a memória e a geografia da cidade, destacando tanto aspectos naturais quanto construídos pelo homem. Essa abordagem revela uma preocupação em mostrar como o espaço físico é influenciado e modificado pelas ações humanas, bem como pela dinâmica cultural e social. Além disso, há uma presença marcante de paisagens urbanas deterioradas ou degradadas, enfatizando não só a beleza e a importância, mas também os problemas e desafios enfrentados pela cidade e suas comunidades. O tema da degradação urbana é recorrente, evidenciando questões como desigualdade socioeconômica, segregação espacial, exploração da população e

degradação ambiental, elementos que contribuem para moldar e descrever essas paisagens físicas.

A categoria de *Josué de Castro*, um importante geógrafo e pensador social, pode ser observada indiretamente nessa abordagem de Chico Science. Josué de Castro destacou a inter-relação entre geografia, alimentação e fatores socioeconômicos, ressaltando como o meio ambiente e a distribuição desigual de recursos influenciam a vida das pessoas. Essa perspectiva pode ser identificada nas letras de Chico Science, que frequentemente fazem alusão não apenas à paisagem física, mas também à relação das pessoas com esse ambiente modificado e às dificuldades enfrentadas, reveladas como paisagens culturais e sociais.

Assim, as paisagens retratadas por Chico Science não são apenas representações estéticas e estáticas, mas refletem a complexidade social, cultural e histórica da região, mostrando um olhar crítico e sensível para com a realidade urbana e os desafios enfrentados pelas comunidades dentro desse contexto geográfico.

Em suma, este estudo ressalta não apenas a relevância da música como meio de expressar e entender o espaço geográfico, mas também sua potência como catalisadora de mudanças sociais e conscientização sobre questões prementes. O Mangubeat não foi apenas um movimento musical; foi um grito por justiça social, uma celebração da identidade local e um apelo à harmonia entre a humanidade e seu ambiente, ecoando a visão de Josué de Castro e a resiliência criativa de Chico Science.

Este trabalho visa inspirar uma reflexão mais profunda sobre a interseção da música, geografia e cultura, provocando uma apreciação mais holística da complexidade dos espaços que habitamos. Considerando os resultados desta pesquisa, podemos pensar diversas possibilidades para futuras investigações que podem ampliar e aprofundar nossa compreensão sobre a interseção entre música, literatura e geografia. Uma abordagem promissora seria a expansão da análise para incluir outros álbuns e movimentos musicais que também expressam de maneira única as paisagens de suas respectivas regiões.

Outra perspectiva interessante seria investigar como a percepção das paisagens culturais e naturais de determinada região, evoluiu e evolui ao longo do tempo e como essas mudanças refletem transformações sociais e culturais. Além disso, seria válido explorar o impacto social e político das músicas que abordam questões como desigualdade, degradação ambiental e justiça social, e como essas expressões artísticas contribuem para a conscientização e mobilização da sociedade.

Em síntese, este estudo fornece uma base sólida para futuras investigações que podem ampliar nosso entendimento sobre a interação entre as manifestações artísticas e culturais, em

um geral, e a geografia, contribuindo para um diálogo mais abrangente sobre a complexidade dos espaços que habitamos e a influência mútua entre expressões artísticas e realidades sociais.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1977.
- BEZERRA, Onilda Gomes e MELO, Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira. Valores da paisagem: os significados dos rios e manguezais da cidade do Recife. **Paisagem E Ambiente**, 2014
- BUCKINGHAM, Kathleen et al. **Mapeamento de paisagens sociais: um guia para identificar redes, prioridades e valores de atores da restauração**. 2018. Disponível em: https://www.wribrasil.org.br/sites/default/files/Mapeamento_Paisagens_Sociais.pdf
- CALÁBRIA, Lorena. **Chico Science e Nação zumbi: da lama ao caos**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- CAMPOS, Cynthia. Mangubeat. **Pesquisa Escolar Online**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2013.
- CASTRO, Daniel de. **Geografia e Música: a dupla face de uma relação**. UERJ: Rio de Janeiro, 2009
- CASTRO, Josué de. **Um ensaio de geografia urbana: a cidade do Recife**. Imprensa Nacional - Brasil, 1948.
- CASTRO, Josué de. **Documentário do nordeste**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1957a.
- CASTRO, Josué de. Um ensaio de Geografia Urbana: a cidade do Recife. In: **Ensaio da Geografia Humana**, Parte II. São Paulo: Brasiliense, 1966, p. 155-226.
- CASTRO, Josué de. **Homens e caranguejos**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1967.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome**. Editora Brasiliense: São Paulo, 1957b.
- CASTRO, Josué de. **Geografia da fome: o dilema brasileiro: pão ou aço**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.
- CLAVAL, Paul. **Geografia cultural**. Florianópolis: Ed. UFSC, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 3ª Ed. São Paulo: Editora Ática S.A, 1995.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Denis Cosgrove – a paisagem e as imagens. **Espaço e cultura**, UERJ, 2011.
- COSGROVE, Denys. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto Lobato et al. (Org). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro. Ed. UERJ, 1998.
- GIRON, Luís Antônio. **Chico Science envenena o maracatu**. Folha de São Paulo, Ilustrada, 31 mar. 1994.
- IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: Segurança Alimentar - 2004**. Rio de Janeiro: IBGE, 2004.
- LIMA, Solange Terezinha de. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da Paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v. 15, n. 30, jul./dez. 2000.
- LIRA, Paula de Vasconcelos. **A grande serpente. Políticas da criação no Manguemit (Movimento Manguemit)**. Recife: Secretaria de cultura do Estado de Pernambuco, 2014.

- MELLO, João Baptista Ferreira de. O Rio de Janeiro dos compositores da música popular brasileira. **Uma introdução à geografia humanística**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1991.
- MELO, Mário Lacerda de. **Metropolização e subdesenvolvimento: o caso do Recife**. Recife: UFPE, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de Ciências Geográficas, 1978.
- MENDONÇA, Luciana Ferreira Moura. **Manguebeat: a cena, o Recife e o mundo**. Curitiba: Appris, 2020.
- PANITZ, Lucas Manassi. **Por uma geografia da música: o espaço geográfico da música popular platina**. Porto Alegre: UFRGS/PPGEA, 2010.
- PANITZ, Lucas Manassi. Geografia e música: uma introdução ao tema. **Revista bibliográfica de geografía y ciencias sociales**. Universidad de Barcelona, 2012.
- PORTELLA, Tarciana et al. **Homem-gabiru: catalogação de uma espécie**. São Paulo: Hucitec, 1992.
- REDE PENSSAN. **II Inquérito Nacional sobre Insegurança Alimentar no Contexto da Pandemia da COVID-19 no Brasil**. 2022. Disponível em|: <https://olheparaafome.com.br/wp-content/uploads/2022/06/Relatorio-II-VIGISAN-2022.pdf>. Acesso em: 14 de nov. de 2023.
- RIO, Vincente Del. Paisagens, realidade e imaginário: a percepção do cotidiano. **Paisagem E Ambiente**. São Paulo n. 7 p. 93 - 101 jun. 1995.
- SAUER, Carl Ortwin. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.
- SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicas da Geografia**. São Paulo: Edusp, 2021.
- SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SHARP, Daniel Berson. **A Satellite Dish in the Shantytown Swamps: Musical Hybridity in the 'New Scene' of Recife, Pernambuco, Brazil**. 2001. p. 20.
- SILVEIRA, Emerson Lizandro Dias. **Paisagem: um conceito chave em Geografia**. In: EGAL12º Encontro de Geográfico da América Latina. Montevideo, 2009.
- SOBRINHO, Vasconcelos. Vegetação dos Mangues da Foz do Capiberibe. **Boletim da Secretaria da Agricultura do Estado de Pernambuco**. 1937.
- SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa socio-espacial**. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- TELES, José. **Do Frevo ao Manguebeat**. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.
- TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- ZERO-QUATRO, Fred. **Manifesto Caranguejos com Cérebro**. 1994.

Lista de produções audiovisuais

ASSUMPCÃO, Itamar. **Adeus Pantanal**. Álbum: Intercontinental! Quem diria! Era só o que faltava. Brasil: Continental, 1988. Disponível em: <https://immub.org/album/intercontinental-quem-diria-era-so-o-que-faltava> . Acesso em: 29 de set. de 2023.

BEZERRA DA SILVA. **Overdose de Cocada**. Álbum: Cocada Boa. Brasil: BMG- Ariola, 1993. Disponível em: <https://immub.org/album/cocada-boa>. Acesso em: 29 de set. de 2023.

BEZERRA DA SILVA. **Eu sou Favela**. Álbum: Presidente caô caô. Brasil: BMG- Ariola, 1992. Disponível em: <https://immub.org/album/presidente-cao-cao>. Acesso em: 29 de set. de 2023.

CALIBAN I cinema e conteúdo. **FILME | Josué de Castro - Cidadão do Mundo, 1994**. YouTube, 3 de out. de 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LFzNV08KIKg> . Acesso em: 29 de set. de 2023.

CAYMMI, Dorival. **Pescaria (canoeiro)**. Álbum: Caymmi. Brasil: Fundação Emílio Odebrecht, 1985. Disponível em: <https://immub.org/album/caymmi-som-imagem-magia> . Acesso em: 29 de set. de 2023.

CAYMMI, Dorival. **O vento**. Álbum: Aplauso - Dorival e Nana Caymmi. Brasil: BMG Brasil, 1995. Disponível em: <https://immub.org/album/aplauso-dorival-e-nana-caymmi> . Acesso em: 29 de set. de 2023.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Da Lama ao Caos**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1994. Disponível em: <https://immub.org/album/da-lama-ao-caos-chico-science-e-nacao-zumbi-1> . Acesso em: 29 de set. de 2023.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. **Afrociberdelia**. Rio de Janeiro: Sony Music, 1996. Disponível em: <https://immub.org/album/afrociberdelia-chico-science-e-nacao-zumbi> . Acesso em: 29 de set. de 2023.

ETERNO CHICO SCIENCE. **Chico Science - Entrevista Ao Programa Toda Música (1996)**. YouTube, 7 de jul. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4BYbp7kHub4> . Acesso em: 29 de set. de 2023.

ETERNO CHICO SCIENCE. **Chico Science fala sobre Josué de Castro e sua influência**. YouTube, 22 de mar. de 2020. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_g0wCCQnaSg . Acesso em: 29 de set. de 2023.

MARTINHO DA VILA. **Aquarela Brasileira**. Álbum: Maravilha de cenário. 1975.

NAÇÃO ZUMBI (OFICIAL). **Chico Science & Nação Zumbi Programa Livre 1993**. YouTube, 6 de out. de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=5u-Z7Fr17M4&t=203s>. Acesso em: 22 de out. de 2023.

NÓBREGA, Antônio. Viagem Maravilhosa. Álbum: **O Marco do Meio-dia**. Brincante, 2001. Disponível em: <https://immub.org/album/o-marco-do-meio-dia>. Acesso em: 29 de set. de 2023.

NO RASTRO DO CANGAÇO. **BAILE PERFUMADO - FILME COMPLETO EM FULL HD**. YouTube, 1 de jun. de 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fFVITetNGM4>. Acesso em: 22 de out. de 2023.

Lista de sítios na internet

Centro Josué de Castro

<https://josuedecastro.org.br/josue-de-castro/>

INJC – Instituto de Nutrição Josué de Castro

<https://injc.ufrj.br/josue-de-castro-o-fundador-do-injc/>

ANEXO A – LETRAS ANÁLISADAS

Monólogo ao pé do ouvido

Modernizar o passado
É uma evolução musical
Cadê as notas que estavam aqui?
Não preciso delas!
Basta deixar tudo soando bem aos
ouvidos
O medo dá origem ao mal
O homem coletivo sente a necessidade
de lutar
O orgulho, a arrogância, a glória
Enche a imaginação de domínio
São demônios os que destroem o poder
Bravio da humanidade
Viva Zapata!
Viva Sandino!
Viva Zumbi
Antônio conselheiro!
Todos os panteras negras
Lampião sua imagem e semelhança
Eu tenho certeza eles também cantaram
um dia

Banditismo por uma questão de classe

Há um tempo atrás se falava de bandidos
Há um tempo atrás se falava em solução
Há um tempo atrás se falava e progresso
Há um tempo atrás que eu via televisão
Galeguinho do Coque não tinha medo,
não tinha
Não tinha medo da perna cabeluda
Biu do olho verde fazia sexo, fazia
Fazia sexo com seu alicate
Oi sobe morro, ladeira, córrego, beco,
favela
A polícia atrás deles e eles no rabo dela
Acontece hoje e acontecia no sertão
quando um bando de macaco perseguia
Lampião
E o que ele falava outros ainda falam
"Eu carrego comigo: coragem, dinheiro e
bala"
Em cada morro uma história diferente
Que a polícia mata gente inocente
E quem era inocente hoje já virou
bandido
Pra poder comer um pedaço de pão todo
fudido
Banditismo por pura maldade
Banditismo por necessidade
Banditismo por uma questão de classe

Rios, Pontes e Overdrives

Por que no rio tem pato comendo lama?
 Rios pontes e overdrives
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue, mangue!
 Rios pontes e overdrives
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue, mangue!
 E a lama come no mocambo e no mocambo
 tem molambo
 E o molambo já voou, caiu lá no
 calçamento, bem no sol do meio-dia
 O carro passou por cima e o molambo ficou
 lá
 Molambo eu, molambo tu, molambo eu,
 molambo tu
 É macaxeira, Imbiribeira, Bom pastor, é o
 Ibura, Ipseb, Torreão, Casa Amarela
 Boa Viagem, Genipapo, Bonifácio, Santo
 Amaro, Madalena, Boa Vista, Dois Irmãos,
 é o Cais do porto, é Caxangá, é
 Brasilit, Beberibe, CDU, Capibaribe, é o
 Centrão eu falei
 Rios pontes e overdrives
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue, mangue!
 Rios pontes e overdrive
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue, mangue!
 E a lama come no mocambo e no mocambo
 tem molambo
 E o molambo já voou, caiu lá no calçamento
 bem no sol do meio dia
 O carro passou por cima e o molambo ficou
 lá
 Molambo eu, molambo tu, molambo eu,
 molambo tu
 Rios, pontes e overdrives
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue, mangue!
 Rios, pontes e overdrives
 Impressionantes esculturas de lama
 Mangue, mangue, mangue, mangue,
 mangue, mangue, mangue!

Molambo eu, molambo tu, molambo eu,
 molambo tu
 Molambo boa peça de pano pra se costurar
 mentira
 Molambo boa peça pra se costurar miséria

A cidade

O Sol nasce e ilumina as pedras evoluídas
 Que cresceram com a força de pedreiros
 suicidas.
 Cavaleiros circulam vigiando as pessoas,
 Não importa se são ruins, nem importa se
 são boas.
 E a cidade se apresenta centro das
 ambições,
 Para mendigos ou ricos, e outras
 armações.
 Coletivos, automóveis, motos e metrô,
 Trabalhadores, patrões, policiais,
 camelôs.
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o debaixo desce.
 A cidade se encontra prostituída,
 Por aqueles que a usaram em busca de
 saída.
 Ilusora de pessoas de outros lugares,
 A cidade e sua fama vai além dos mares.
 No meio da esperteza internacional,
 A cidade até que não está tão mal.
 E a situação sempre mais ou menos,
 Sempre uns com mais e outros com
 menos.
 A cidade não para, a cidade só cresce
 O de cima sobe e o debaixo desce.
 Eu vou fazer uma embolada, um samba,
 um maracatu
 Tudo bem envenenado, bom pra mim e
 bom pra tú.
 Pra gente sair da lama e enfrentar os
 urubus.
 Num dia de Sol, Recife acordou
 Com a mesma fedentina do dia anterior.

A Praieira

No caminho é que se vê, a praia melhor
 pra ficar
 Tenho a hora certa pra beber
 Uma cerveja antes do almoço é muito
 bom,
 Pra ficar pensando melhor
 E eu piso onde quiser, você está girando
 melhor, garota!
 Na areia onde o mar chegou, a ciranda
 acabou de começar, e ela é!
 E é praieira!!! Segura bem forte a mão
 E é praieira!!! Vou lembrando a revolução,
 vou lembrando a revolução
 Mas há fronteiras nos jardins da razão
 E na praia é que se vê, a areia melhor pra
 deitar
 Vou dançar uma ciranda pra beber
 Uma cerveja antes do almoço é muito
 bom
 Pra ficar pensando melhor
 Você pode pisar onde quer
 Que você se sente melhor
 Na areia onde o mar chegou
 A ciranda acabou de começar, e ela é !
 E é praieira!!! Segura bem forte a mão
 E é praieira!!! Vou lembrando a revolução,
 vou lembrando a revolução
 Por que há fronteiras nos jardins da
 razão?
 No caminho é que se vê, a praia melhor
 pra ficar
 Tenho a hora certa pra beber
 Uma cerveja antes do almoço é muito
 bom
 Pra ficar pensando melhor.

Samba Makossa

Samba Maioral!
 Onde é que você se meteu antes de
 chegar na roda, meu irmão?
 A responsabilidade de tocar o seu
 pandeiro
 É a responsabilidade de você manter-se
 inteiro
 Por isso chegou a hora dessa roda
 começar
 Samba Makossa da pesada, vamos todos
 celebrar
 Cerebral, é assim que tem que ser
 Maioral, é assim que é, bom da cabeça,
 foguete no pé
 Samba Makossa, sem hora marcada, é da
 pesada
 Samba, Samba, Samba, Samba, Samba,
 Samba, Samba

Da Lama ao Caos

Posso sair daqui pra me organizar
 Posso sair daqui pra desorganizar
 Da lama ao caos
 Do caos a lama
 Um homem roubado nunca se engana
 O sol queimou queimou, queimou a lama
 do rio
 Eu vi um Chié andando devagar
 Vi um aratu pra lá e pra cá
 Vi um caranguejo andando pro sul
 Saiu do mangue, virou gabiru
 Oh Josué, eu nunca vi tamanha desgraça
 Quanto mais miséria tem, mais urubu
 ameaça
 Peguei um, balaio fui na feira roubar
 tomate e cebola
 Ia passando uma véia, pegou a minha
 cenoura
 "Aí minha véia, deixa a cenoura aqui"
 "Com a barriga vazia
 não consigo dormir"
 E com o bucho mais cheio comecei a
 pensar
 Que eu me organizando posso
 desorganizar
 Que eu desorganizando posso me
 organizar
 Que eu me organizando posso
 desorganizar
 Da lama ao caos
 Do caos a lama
 Um homem roubado nunca se engana

Maracatu de Tiro Certo

(Urubuservando, a situação:
 uma carraspana, na putrefação;
 a lama chega até o meio da canela;
 o mangue tá afundando e não nos dá
 mais trela!)
 De tiro certo, é de tiro certo
 Como bala que já cheira a sangue
 Quando o gatilho é tão frio
 Quanto quem tá na mira - o morto!
 Eh, foi certo - Oh se foi
 O sol é de aço, a bala escaldante
 Tem gente que é como o barro
 Que ao toque de uma se quebra
 Outros não!
 Ainda conseguem abrir os olhos
 E no outro dia assistir tv
 Mas comigo é certo meu irmão
 Não encosta em mim que hoje eu não tô
 pra conversa
 Seus olhos estão em brasa
 Fumaçando! Fumaçando! Fumaçando!
 Fumaça!
 Não saca a arma não - a arma não? a
 arma não! a arma não? a arma não!
 Já ouvi, calma!
 As balas já não mais atendem ao gatilho
 Já não mais atendem ao gatilho, e já não
 mais atendem...

Antene-se

É só uma cabeça equilibrada em cima do
 corpo
 Escutando o som das vitrolas, que vem
 dos mocambos
 Entulhados à beira do Capibaribe
 Na quarta pior cidade do mundo
 Recife cidade do mangue
 Incrustada na lama dos manguezais
 Onde estão os homens caranguejos
 Minha corda costuma sair de andada
 No meio da rua, em cima das pontes
 É só uma cabeça equilibrada cima do
 corpo
 Procurando antenar boas vibrações
 Preocupando antenar boa diversão
 Sou, sou, sou, sou, sou, sou Mangueloy!
 Recife cidade do mangue
 Onde a lama é a insurreição
 Onde estão os homens caranguejos?
 Minha corda costuma sair de andada
 No meio da rua, em cima das pontes
 É só equilibrar sua cabeça em cima do
 corpo
 Procure antenar boas vibrações
 Procure antenar boa diversão
 Sou, sou, sou, sou, sou, sou Mangueloy!

Risoflora

Eu sou um caranguejo e estou de andada
 Só por sua causa, só por você, só por
 você
 E quando estou contigo eu quero gostar
 E quando estou um pouco mais junto eu
 quero te amar
 E aí, te deitar de lado como a flor que eu
 tinha na mão
 E a esqueci na calçada só por esquecer
 Apenas porque você não sabe voltar pra
 mim...
 Oh Risoflora!
 Vou ficar de andada até te achar
 Prometo meu amor vou me regenerar
 Oh Risoflora!
 Não vou dá mais bobeira dentro de um
 caritó
 Oh Risoflora, não me deixe só!
 Eu sou um caranguejo e quero gostar
 Enquanto estou um pouco mais junto eu
 quero te amar
 E acho que você não sabe o que é isso
 não
 E se sabe pelo menos você pode fingir
 E em vez de cair em tuas mãos preferia
 os teus braços
 E em meus braços te levarei como uma
 flor
 Pra minha maloca na beira do rio, meu
 amor!
 Oh Risoflora!
 Vou ficar de andada até te achar
 Prometo meu amor vou me regenerar
 Oh Risoflora!
 Não vou dá mais bobeira dentro de um
 caritó
 Oh Risoflora, não me deixe só!

Computadores Fazem Arte

Computadores fazem arte
Artistas fazem dinheiro
Computadores avançam
Artistas pegam carona
Cientistas criam o novo
Artistas levam a fama

Coco Dub (Afrociberdelia)

Cascos, cascos, cascos
Multicoloridos, cérebros, multicoloridos
Sintonizam, emitem, longe
Cascos, cascos, cascos
Multicoloridos, homens, multicoloridos
Andam, sentem, amam
Acima, embaixo do Mundo
Cascos, caos, cascos, caos
Imprevisibilidade de comportamento
O leito não-linear segue
Para dentro do universo
Música quântica?